

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

LUCIANA ZARDO PADOVANI

IDENTIDADES CULTURAIS E IMIGRAÇÃO EM *MYRA*,  
DE MARIA VELHO DA COSTA

RIO GRANDE

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

LUCIANA ZARDO PADOVANI

IDENTIDADES CULTURAIS E IMIGRAÇÃO EM *MYRA*,  
DE MARIA VELHO DA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial e último para a obtenção de grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos

Data da defesa: 22 de agosto 2016

Rio Grande

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

LUCIANA ZARDO PADOVANI

IDENTIDADES CULTURAIS E IMIGRAÇÃO EM *MYRA*,  
DE MARIA VELHO DA COSTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Mestrado em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial e último para a obtenção de grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos - Universidade Federal do Rio Grande  
(FURG)

---

Prof. Dra. Claudia Mentz Martins - Universidade Federal do Rio Grande  
(FURG)

---

Prof. Dra. Miriam Kelm – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

---

## AGRADECIMENTOS

Longo foi o caminho percorrido para que a presente dissertação pudesse ser desenvolvida com êxito. Foram dias de dúvidas, de tristezas, de superação, de determinação, de alegrias, de aprendizado e de encantamento, os quais compuseram sentimentos contrastantes. No entanto, a partir do dia em que tive em mãos o trabalho concluído, me fizeram olhar para trás e ter a certeza de que valeu muito à pena.

Tudo isso foi possível através da contribuição de tantas pessoas que estiveram ao meu lado, me incentivando. Muitas delas, às vezes, indiretamente, auxiliando com sorrisos, com os ouvidos, com indicações bibliográficas, com comentários aleatórios, com premonições, com afeto. Em alguns casos, até a intuição e a inspiração divina tiveram alcance para me assistir.

Por isso, inicio agradecendo a Deus, por me colocar nos lugares onde eu deveria estar, perto de pessoas com quem eu deveria conviver, me guiando e me protegendo durante minha trajetória de vida e de academia.

Agradeço, também, aos meus pais, Graça e José Leir, pelo exemplo de perseverança, de persistência, de caridade e de amor que demonstraram em todos esses anos de convivência, sendo os maiores incentivadores da minha formação e da minha educação para a liberdade.

Aos meus irmãos, Leonardo e Leandro, por serem parceiros de jornada, me ensinando o valor da amizade, da fraternidade, da fidelidade e do altruísmo.

Ao meu esposo, Ozeia, pelo amor sublime, pela mão sempre estendida, por seu papel fundamental no incentivo ao meu retorno aos estudos, pelos conselhos acadêmicos, pelos dotes em informática, por compartilhar o gosto pelos livros, pelas aventuras e por nunca ter hesitado em investir em nossa união, mesmo diante das instabilidades de uma “deslocada” na cidade do Rio Grande.

Ao filho que espero em meu ventre, o Joaquim, pois, antes mesmo do nascimento, gerou uma rede de solidariedade, a qual me trouxe forças para cumprir tamanho desafio em tempo hábil.

Ao meu orientador, José Fornos, pela maneira tranquila com que conduziu nosso trabalho, sempre propondo debates iluminadores diante das teorias utilizadas, indicando

as referências mais adequadas e sendo um professor admirável, que teve papel fundamental na linha de pesquisa escolhida por mim.

Agradeço ao professor Mauro Póvoas, coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da FURG, por me aconselhar a participar da seleção de mestrado, contrariando meus argumentos de que eu não tinha bagagem teórica suficiente para me arriscar a ser pesquisadora da área da Literatura.

À professora Rubelise Cunha, pelos incentivos para que eu seguisse os estudos acadêmicos, mesmo nunca tendo sido minha professora.

Ao professor Francisco Topa, da Universidade do Porto, em Portugal, por ter me presenteado com o livro *Myra*, enviando-o a mim, diretamente de seu país.

À professora e colega do Programa de Pós-graduação em Letras, Diana Loureiro, por ter me apresentado as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as teorias do pós-colonialismo, com tamanha paixão, que me contagiaram para sempre.

Às professoras Luciana Coronel e Michelle Vasconcelos, por serem mulheres poderosas, por serem professoras inspiradoras, por despertarem em mim os melhores sentimentos quanto ao trabalho com a Literatura. Por permitirem que meus horizontes se abrissem diante da beleza das disciplinas ministradas por elas, Literatura Brasileira I e Literatura Feminina.

Ao professor Artur Vaz, pela disponibilidade, pelo profissionalismo, pelos ensinamentos e por todos os conselhos ofertados durante meu percurso acadêmico e na confecção do projeto que originou a presente dissertação.

À professora Claudia Mentz Martins, por ter me apresentado as escritoras portuguesas contemporâneas e pelas contribuições em minha banca de qualificação do projeto de dissertação.

À professora Mairim Piva, por me aceitar em seu grupo de trabalho, proporcionando momentos indescritíveis com relação aos projetos de extensão os quais coordena. Em especial, o projeto “Oficina de contação: a formação de leitores” se tornou uma luz em meu caminho no momento mais difícil que passei na minha vida.

À professora Rosely Machado que, além de mestra, considero uma amiga. Agradeço por ter me iniciado nas pesquisas científicas e por ter despertado em mim a

paixão pelo ensino, contribuindo para que eu percebesse o espaço escolar com naturalidade e comprometimento.

À amiga e colega de mestrado, Ana Luisa Feijó Cosme, pela parceria harmônica, pelas palavras de incentivo, por segurar minha mão e me conduzir adiante nos momentos de dificuldade. Por todos os trabalhos que escrevemos juntas, pelos inúmeros almoços, jantares, lanches e cafés que dividimos.

Aos colegas da minha turma de curso, principalmente à Simone, Cecília, Twyne, Carolina e ao Henrique, por partilharem comigo as angústias e as alegrias da vida de mestrando, em conversas que misturavam as teorias literárias e a vida pessoal.

À Angela Bueno, amiga de todas as horas, agradeço por todo o incentivo, pelas trocas profissionais e acadêmicas. Por compartilhar comigo o amor pela profissão de professora, sendo sempre uma inspiração para mim.

À amiga Roberta Martins, por estar presente durante o processo de escrita, vibrando positivamente a cada objetivo que concluí. Pelas tardes na praia, pelos banhos de mar, pelos diálogos filosóficos e pelos abraços. Todas essas ações fizeram parte do ócio criativo e impulsionaram à entrega ao trabalho árduo.

Aos professores da banca, pelo comprometimento, pela disponibilidade e pelas considerações, que serão proveitosas no término desse trabalho.

À FURG, instituição que me recebeu desde a graduação, me propiciando ensino de qualidade e gratuito.

Por fim, agradeço à CAPES, pelo incentivo financeiro que me possibilitou total dedicação às disciplinas do mestrado, assim como às leituras e à escrita dessa pesquisa.

## RESUMO

O romance *Myra* (2008), de Maria Velho da Costa, apresenta como centro a temática das migrações. As estratégias de narração e os conflitos vividos pelos personagens suscitam discussões a respeito das identidades e suas especificidades, principalmente em relação ao confronto entre as representações de cunho nacionalista e as traduções culturais dos indivíduos. Com base nos Estudos Culturais e na denominada Teoria Crítica Pós-colonial, através dos estudos de Boaventura de Sousa Santos (2006), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998) e Edward Said (1999), pretende-se averiguar como esses elementos são desenvolvidos no livro, partindo-se da premissa de que o enredo converge para a ressignificação histórica do período após a Guerra Fria, aproximando-se do conceito de metaficção historiográfica, elaborado por Linda Hutcheon (1998). O fim da União Soviética corroborou para a propulsão do capitalismo em nível mundial, culminando na chamada globalização. A partir de tal prática econômica, o fluxo migratório tornou-se mais intenso e chamou a atenção para a condição opressiva dos sujeitos em deslocamento. Além de possibilitar a evidência dos estereótipos construídos desde a colonização, que ainda interferem nas relações humanas. Com isso, surge Portugal como palco para o universo multicultural, onde são confrontados discursos binaristas e plurais, construídos ou reconstruídos através de intertextualidades presentes no romance investigado.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidades; multiculturalismo; romance português; Maria Velho da Costa.

## RESUMEN

El romance *Myra* (2008), de Maria Velho da Costa, presenta como centro de la temática las migraciones. Las estrategias de narración y los conflictos vividos por los personajes suscitan discusiones a respecto de las identidades y sus especificidades, principalmente en relación al confronto entre las representaciones de cuño nacionalista y las tradiciones culturales de los individuos. Basándose en los Estudios Culturales y en la denominada Teoría Crítica Pos-.colonial, a través de los estudios de Boaventura de Sousa Santos (2006), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998) e Edward Said (1999), se pretende averiguar cómo esos elementos son desarrollados en el libro, partiéndose de la premisa de que el enredo convierte para la re significación histórica del período después de la Guerra Fría, aproximándose del concepto de meta ficción historiográfica, elaborado por Linda Hutcheon (1998). El fin de la unión Soviética corrobora para la propulsión del capitalismo al nivel mundial, culminando en la llamada globalización. A partir de esta práctica económica, el flujo migratorio se ha tornado más intenso y llamó la atención para la condición opresiva de los sujetos en dislocamiento. Además de posibilitar la evidencia de los estereotipos construidos desde la colonización, que aún interfieren en las relaciones humanas. Con esto, surge Portugal como palco para el universo multicultural, donde son confrontados discursos binarios y plurales, construidos o reconstruidos a través de intertextualidades presentes en el romance investigado.

**PALABRAS CLAVE:** identidades; multiculturalismo; romance português; Maria Velho da Costa.

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
1 Portugal e o contexto europeu no século XX.....	17
1.1 Portugal, a globalização e as configurações mundiais do século XX.....	24
1.2 Portugal e as migrações.....	30
2 O multiculturalismo: uma abordagem teórica.....	35
2.1 O multiculturalismo em <i>Myra</i> .....	42
2.2 O jogo de disfarces: representações e traduções.....	52
2.3 Os núcleos multiculturais: uma nacionalidade portuguesa?.....	75
3 A ficção contemporânea pelo viés da metaficção historiográfica.....	93
3.1 A metaficção historiográfica em <i>Myra</i> .....	96
3.2 A constituição intertextual de Rambo.....	98
3.3 A Intertextualidade e a desestabilização nacionalista em Orlando.....	104
3.4 Similaridades entre <i>Myra</i> , Rambo e Orlando Gabriel.....	108
Considerações finais.....	118
Referências.....	122

## Introdução

A escritora Maria Velho da Costa nasceu em Lisboa, no ano de 1938, e publicou aproximadamente vinte livros<sup>1</sup>, divididos entre os gêneros conto e romance. Seu percurso na Literatura Portuguesa está marcado pelo uso subversivo da palavra, comprometendo-se em contrariar a passividade. Tais características impulsionam o teor questionador de seus textos, evidenciado desde as primeiras publicações da autora, que ficou mundialmente famosa, a partir da publicação do livro *Novas cartas portuguesas* (1972), em autoria conjunta com Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta. Desde então, as pesquisas acadêmicas têm centrado-se nos estudos os quais articulam identidades e feminismos, tendo como objeto os romances como *Maina Mendes* (1969), *Missa in Albis* (1988) e a peça teatral *Madame* (2000).

Em Portugal, a autora aparece em diversos manuais de literatura, fato que a faz ser considerada um cânone. Lá, próximo aos anos 2010, escritores e críticos literários publicaram artigos que se voltam para o tema cultural, em consonância com as premissas da chamada Crítica Pós-colonial. A exemplo, citam-se autores como Maria Irene Ramalho (2009), Manoel Gusmão (2008) e Nuno Júdice (2009), cujos principais argumentos pautam-se na pluralidade étnica e na colonialidade.

No Brasil, a fortuna crítica de Maria Velho da Costa possui poucos trabalhos, quando considerada sua vasta obra. As publicações realizadas no país, em sua maioria, seguem relacionadas à temática de gêneros. Por aproximar-se da temática das identidades, destaca-se a dissertação de mestrado intitulada “Construções identitárias em *Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa”, escrita pela pesquisadora Adriana Monfardini, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). No trabalho, Monfardini amplia as questões de gênero, salientando a heterogeneidade da sociedade portuguesa. Ela foca as análises na construção dos personagens e do discurso narrativo. São enfatizadas a fragmentação e a marginalização desses discursos, com ênfase no

---

<sup>1</sup> Livros publicados: *O Lugar Comum* (1966); *Maina Mendes* (1969); *Ensino Primário e Ideologia* (1972); *Novas Cartas Portuguesas* - com Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno (1972); *Desescrita* (1973); *Cravo* (1976); *Português; Trabalhador, Doente Mental* (1977); *Casas Pardas* (1977); *Da Rosa Fixa* (1978); *Corpo Verde* (1979); *Lucialima* (1983); *O Mapa Cor de Rosa* (1984); *Missa in Albis* (1988) *Das Áfricas* — com José Afonso Furtado (1991); *Dores* — com Teresa Dias Coelho (1994); *Irene ou o Contrato Social* (2000); *O Livro do Meio* - com Armando Silva Carvalho (2006); *Myra* (2008); *O Amanto do Crato* (2012).

dialogismo e na polifonia. Por isso, o referencial teórico adotado foi Gérard Genette e Mikhail Bakhtin. A escassez de produções acadêmicas e críticas com ligação aos Estudos Culturais justifica dar seguimento à presente pesquisa, especialmente pelo conteúdo do romance *Myra*, publicado no ano de 2008, em Lisboa, e objeto de estudo dessa dissertação.

Com relação ao romance, há dois trabalhos produzidos na Universidade do Porto, em Portugal. São eles uma tese de doutorado, chamada “Maria Velho da Costa: uma poética de au(c)tória” (2013), de Maria José Carneiro Dias, e a dissertação de mestrado intitulada “A pulverização das dicotomias em *Myra*, de Maria Velho da Costa” (2010), publicada por Daniel Damasceno Floquet. O trabalho de Dias remete à intertextualidade das obras de Maria Velho da Costa com outros autores da Literatura Portuguesa, como, por exemplo, Luís Vaz de Camões. Sobre a dissertação de Floquet, o autor se apoia na análise do recurso textual da paródia, a fim de mostrar a desconstrução de diversas dicotomias que permeiam os discursos hegemônicos. Para tanto, ele se utiliza de teóricos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Linda Hutcheon. Os dois estudos tocam periféricamente as identidades culturais, mais uma razão para aprofundarem-se questões como representações e multiculturalismo.

O enredo de *Myra* se passa no final da década de 1990 e início dos anos 2000, marcas temporais compreendidas pelo leitor, através das memórias de Myra, personagem principal que dá nome ao livro. A situação de miséria que motivou a família a enviá-la a outro país, assim como a referência de sua convivência com um grande contingente de imigrantes no novo território, sugerem o deslocamento populacional ocorrido por conta da crise russa. Isso ocorreu depois da dissolução da União Soviética (URSS) e da consequente abertura política das antigas nações socialistas, que chegou ao ápice por volta de 1998. No mesmo período, Portugal, já membro da União Europeia (UE) desde 1986, mas vindo a atingir índices expressivos em sua economia a partir do ano de 1991, torna-se atrativo para investimentos e consumo de tecnologias, aproximando-se dos demais países pertencentes à UE<sup>2</sup>.

Embora o panorama econômico apresentasse perspectivas positivas em Portugal, o romance revela uma atmosfera de adversidade, que expõe a jovem imigrante a

---

<sup>2</sup> Segundo sugere Augusto Mateus, no livro *Três décadas de Portugal Europeu: balanço e perspectivas* (2015).

situações de agressão e cerceamento. Ao mesmo tempo, proporciona ligações afetivas, as quais desafiam Myra a transformar-se, apesar de sua resistência. Um dos elementos causadores de tensão para a menina russa é o fato de ela ser imigrante ilegal no país, tendo sido deixada em uma espécie de bordel em Caparica, cidade portuguesa litorânea e turística, de onde ela escapa e parte em fuga, buscando retornar ao Leste.

Na trajetória de fuga, a jovem imigrante conhece o cão Rambo, que passa a ser seu companheiro de viagem. A dupla vaga por diversos lugares, sendo abrigada em duas casas: a Casa Grande e a Casa Branca. A Casa Grande pertence à pintora portuguesa Mafalda Ivens, que recebe a menina, mas contribui para o tolhimento em relação à identidade dela. Diferentemente do que acontece na Casa Branca, de posse de Gabriel Orlando, que é português, de origem africana, e viveu na Inglaterra. O relacionamento de Myra com os demais personagens mostra a tentativa de esconder sua “verdadeira identidade”, atitude que parece se dissipar no convívio com Orlando, por quem Myra se apaixona.

Ao final do romance, o rapaz é assassinado e Myra capturada pelos antigos donos de Rambo, os quais o utilizavam para lutas ilegais com outros cães, em troca de dinheiro. O abandono do amor, a eminente separação do cão e a perspectiva devastadora de retornar ao mundo da prostituição levam a garota a cometer o suicídio, junto de seu fiel companheiro de jornada.

Desse modo, o enredo de *Myra* suscita reflexões sobre questões identitárias, que se relacionam com a migração. O assunto tem sido pauta sociológica, política e midiática desde os anos de 1980. Mas veio a apresentar dados estarrecedores no que concerne à ausência de direitos humanos, na última década, quando a crise econômica afetou o mundo inteiro, fortalecendo os índices de desigualdades sociais em amplos aspectos. Também, aponta-se que as guerras civis em países orientais, motivadas pela divergência étnica e religiosa, levam inúmeros refugiados a buscarem asilo na Europa e na América. Países da Europa Ocidental e os Estados Unidos da América assumiram o papel de superpotências econômicas, devido às estratégias capitalistas que levaram à globalização.

O advento da globalização, segundo Eric Hobsbawm (1995), tem sua origem nas relações comerciais surgidas desde o período colonial, iniciado no século XIV e findado no século XX, quando as ex-colônias concretizaram sua independência das metrópoles.

Os episódios contribuíram para a configuração territorial dos Estados-Nação, bem próximo do que se observa atualmente. Os fatos históricos trazem consequências diretas sobre as estruturas sociais. Suas peculiaridades são teorizadas de forma a se entender as modificações causadas pelo avanço tecnológico promovido pela política global. As relações comerciais e midiáticas na globalização aproximam as nações, mas deixam transparecer tensões decorrentes das representações nacionalistas, em contato com novas formações identitárias, que surgem da troca cultural.

Sendo assim, pode-se mencionar que *Myra*, como outros romances contemporâneos, traz para a Literatura tais questões, justificando seu estudo na presente dissertação, visando-se contribuir com a produção do Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) de forma inovadora. Tais abordagens são pouco exploradas nas obras de Maria Velho da Costa, sobretudo à luz dos Estudos Culturais e da Teoria Crítica Pós-colonial, teorias escolhidas para compor a base de análises desse trabalho.

Em *Myra*, busca-se entender como se desenvolve a relação de Portugal com a migração, tendo em vista a recorrência do fenômeno social no país, ao longo de sua história. Tal abordagem faz-se necessária em consideração à presença de personagens pertencentes a diversas etnias e cujas representações culturais desestabilizam a noção de homogeneidade, relembrando e revisando as situações de diáspora no país português. Isso ocorre em razão do sistema colonial, juntamente com a posterior independência das colônias africanas de Portugal, que fizeram surgir novas relações culturais.

Outro aspecto relevante no livro é a temática do multiculturalismo, que traz à tona as perspectivas em torno das identidades heterogêneas, em destaque após o advento da globalização. Nesse ínterim, os movimentos migratórios fazem parte das modificações sociais ocasionadas pelas políticas capitalistas. Os deslocamentos populacionais chamam a atenção para o modo como as sociedades lidam com as representações identitárias híbridas, mostrando a importância dos Estudos Culturais na História da Literatura, principalmente, no que tange à desmobilização da autenticidade tradicional e o destaque para outras demonstrações culturais, as quais se inserem na Literatura e dela se espraíam.

Por essa razão, objetiva-se entender como tal processo contribui com as reflexões sobre a associação da cultura aos projetos políticos na contemporaneidade,

sobretudo a partir da premissa de que a Literatura reproduz a ideologia do período em que é produzida<sup>3</sup>. Do mesmo modo, visa-se compreender se a internalização das representações culturais nacionais corrobora para a resistência ao multiculturalismo ou para sua aceitação, a considerar as demonstrações de assimilação ou de resistência a que os sujeitos multiculturais estão expostos. No romance, percebe-se a confluência para a desestabilidade da homogeneidade cultural. No entanto, simultaneamente, ocorrem diversas situações de restrição aos personagens híbridos, por conta dos elementos culturais que representam a origem, estabelecendo a contraposição entre a tradução da formação cultural heterogênea e a tradição.

Ainda, objetiva-se verificar de que maneira são abordadas as questões multiculturais em *Myra*, atentando para a abordagem dos conflitos identitários, evidenciados nas estratégias narrativas que se articulam à tendência da sociedade portuguesa em fechar-se para a descentralização. O comportamento ocorre em virtude da globalização, que evidencia certa resistência à emergência das chamadas culturas marginalizadas durante o período imperialista. Por isso, procura-se explorar as situações narrativas nas quais procede a contrariedade de expectativa com relação aos estereótipos dos personagens.

Para tanto, no primeiro capítulo, será feita uma contextualização histórica, com vistas a compreender o posicionamento de Portugal diante do contexto europeu do século XX, com apoio do referencial teórico do historiador Eric Hobsbawm e dos sociólogos Octavio Ianni e Zygmunt Bauman. Diante das transformações ocasionadas após a colonização, o período pós-guerras e a bipolarização do mundo na Guerra Fria, pretende-se verificar a situação econômica e social do país durante o período retratado. Após, no subcapítulo 1.1, busca-se abordar a disposição de Portugal em torno das questões ligadas à globalização nas estruturas mundiais do século XXI. Interpelações em torno de sua postura no que concerne aos rumos humanos na contemporaneidade, como a escravidão sexual, por exemplo, serão acompanhadas, com o apoio de autores como Stuart Hall e Boaventura de Sousa Santos. Como os movimentos migratórios intensificam-se na globalização, no subcapítulo 1.2, ocorrerá a averiguação da relação

---

<sup>3</sup> Pesquisadores adeptos à Teoria da Recepção, como Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e Michel Proust afirmam que a produção e a recepção literárias envolvem subjetividade. Sendo assim, no ato de ler ou de escrever, o indivíduo revela marcas de suas experiências, que podem ser exploradas na investigação interpretativa.

de Portugal com o fenômeno, a partir das noções de Eduardo Lourenço e Boaventura Santos, tendo em vista o pioneirismo na colonização, o que gerou particularidades na constituição identitária do país.

No segundo capítulo, será realizada uma abordagem teórica a respeito de conceitos que envolvem as discussões sobre as identidades na atualidade, com destaque ao multiculturalismo. Este é definido e debatido por autores como Stuart Hall, Boaventura de Sousa Santos, Edward Said e Homi Bhabha. Os estudiosos enfatizam o papel do intelectual na busca por minimizar ou modificar os discursos de hegemonia, fixados na história, e propõem a revisão das relações subalternas de poder. Somado a isso, faz-se necessário investigar elementos como hibridismo, representação, estereótipo e tradução, haja vista os processos de troca cultural dos sujeitos expostos ao deslocamento. Através deles, procura-se entender a aceitação ou o preconceito com que os imigrantes são tratados nos novos locais onde vivem.

No subcapítulo 2.1 será exposto o viés psicanalítico em torno da personagem Myra, utilizando-se as ideias de Sigmund Freud, a fim de investigar as estratégias de proteção usadas por ela, quando procura minimizar os transtornos causados pelas diferenças culturais. A luta pela sobrevivência em condições mais igualitárias há de ser articulada ao enfoque da filósofa Julia Kristeva, no subcapítulo 2.2, pois o impacto que a aparência da garota causa nos momentos de interação, evidencia as dificuldades do estrangeiro em alcançar o *status* de cidadão, fora do local de origem.

No subcapítulo 2.2, pretende-se analisar os núcleos multiculturais contemplados pelo romance: a Casa Grande e a Casa Branca. Nos locais, ressoam discursos cujas ideologias oscilam entre perspectivas tradicionais e multiculturais, respectivamente. As atitudes dos personagens nos ambientes inspiram a compreensão de um Portugal dividido entre o universo totalizante e autoritário do mundo colonizado e o universo multifacetado do mundo globalizado. O primeiro promove insegurança em Myra e, o segundo, motiva a conscientização das diferenças identitárias que compõem o multiculturalismo.

No terceiro capítulo, visa-se expor a relação existente entre história e ficção, a compor a consonância com a teoria da metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon. O passado histórico reescrito em outras percepções será considerado, porque dele subjazem os elementos narrativos de contraposição aos discursos de hegemonia cultural

européia ocidental. Tal posição aparecerá vinculada à *Myra* no subcapítulo 3.1, através da desmistificação dos estereótipos do ocidental e do oriental, cedendo espaço às identidades traduzidas como plurais. Nos subcapítulos 3.2 e 3.3, os recursos textuais da paródia, do intertexto e do interdiscurso aparecerão como meios de constituir os personagens, desestabilizando o nacionalismo.

Por fim, no subcapítulo 3.4, ocorrerá a conexão com a visão filosófica de Julia Kristeva e Jacques Derrida, no sentido de oferecer subsídios para a conquista de direitos e de hospitalidade por parte do estrangeiro. A união entre Myra, Rambo e Orlando propõe a utópica<sup>4</sup> aliança entre diferentes nações, que apresentam divergências ideológicas, com a finalidade de demonstrar o multiculturalismo em instâncias políticas. Assim como a proposta das artes como veículo catalisador das modificações necessárias para que a realidade do imigrante e da própria contemporaneidade atinjam conotações mais igualitárias e libertárias<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A palavra “utopia” tem sua concepção atrelada à obra homônima de Thomas Morus (1516), significando um lugar inalcançável. Historiadores apontam que seria uma forma irônica de caracterizar a sociedade perfeita, aos olhos do autor. Aqui, é utilizada em sintonia com o que aponta Edward Said, a respeito da possibilidade de ascensão do multiculturalismo como meio de viabilizar a harmonia entre as diferenças culturais em nível mundial, tendo como premissa de efetivação o campo político.

<sup>5</sup> Edward Said (1999) chama a atenção para a transformação nos parâmetros tradicionais da História da Literatura e no seu ensino, conforme as manifestações literárias se abrem para os discursos da cultura e das identidades plurais, desestabilizadores do nacionalismo.

## **1 Portugal no contexto europeu do século XX**

Os primeiros anos do século XX demonstram o sucesso da industrialização, principalmente após os processos de descolonização, que levaram a disputas por mercados entre os países europeus, alguns deles descontentes com a divisão do continente africano e asiático, que ainda enfrentavam dominação colonial. Nesses continentes, Portugal mantinha sua responsabilidade sobre Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Angola e Moçambique, no território africano; Timor Leste, na Índia, e Macau, na China. O clima de concorrência, entre outros fatores, culminou nos períodos entre guerras (1914-1918 / 1939-1945), quando os Estados valiam-se da premissa de fortalecimento territorial, com vistas ao poderio econômico, balizado pelas empresas privadas controladas por eles. Também impulsionou a difusão de ideologias que transformaram o mapa político do globo, segundo Eric Hobsbawm (1995).

Isso ocorreu, sobretudo, por conta da Revolução Russa (1917) e a seguida União dos Estados Socialistas do Leste Europeu, formadores da União Soviética (URSS), os quais eram administrados pelo Partido Comunista, em Moscou. Tal associação oferecia ao contexto mundial outra possibilidade de economia, contrária à industrialização capitalista. Passadas as guerras, a URSS era considerada como potência econômica e se encontrava em oposição aos Estados Unidos da América (USA), nação que se fortaleceu após a Europa necessitar reconstruir-se, em virtude dos prejuízos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial.

Se por um lado, a URSS poderia ser considerada importante por ter derrubado o império alemão de Hitler, por outro, auxiliava na constituição de novos mundos, onde culturas “sufocadas” pela imposição nacionalista vinham à tona, ampliando fronteiras e construindo uma nação “multiétnica” (HOBBSAWM, 1995, p. 363-364), ainda sem precedente. Nesse ínterim, constatou-se a bipolarização do mundo na chamada Guerra Fria (1945-1991), divisão em que países da Europa Ocidental, Canadá e Japão apoiaram a USA capitalista e países da Europa Oriental, parte da Alemanha e China se uniram à URSS socialista.

Enquanto o mundo esteve dividido entre duas frentes ideológicas, manteve-se o pressuposto defendido por Zygmunt Bauman (1999) de que “ao longo de toda a era

moderna nos acostumamos com a ideia de que a ordem é equivalente a ‘estar no controle’” (BAUMAN, 1999, p. 65). Após o fim da Guerra Fria, a noção de liderança atrelada ao território nacional dispersou-se e modificou o cenário das relações internacionais. Em consequência, “o mundo não parece mais uma totalidade e, sim, um campo de forças dispersas e díspares, que se reúnem em pontos difíceis de prever e ganham impulso sem que ninguém mais saiba realmente como pará-las” (BAUMAN, 1999, p. 66).

A mesma concepção se aplica ao avanço do capitalismo que, no período, inicia um processo de alteração. Suas bases se fortalecem na mesma proporção de seu avanço em nível continental. Assim, interferem amplamente na economia e nas formações sociais, conforme se entende das palavras de Octavio Ianni:

No século XX, desde o término da Segunda Guerra Mundial (1945) e mais ainda desde o debacle do bloco soviético (1989), a globalização do capitalismo entra em uma espécie de novo ciclo. Ocorrem novos desenvolvimentos intensivos e extensivos do capital, como agente “civilizador”. Ele promove e recria surtos de acumulação originária, engendra nova divisão transnacional do trabalho e produção, espalha unidades produtivas por todo o mundo, informatiza processos de trabalho, modifica a estrutura da classe operária, transforma o mundo em uma imensa fábrica e cria a cidade global (IANNI, 1999, p. 57).

Por conta da reorganização dos Estados, em face da política econômica adotada, surge o capital como força promotora de poder, ultrapassando a autoridade que antes se dirigia ao nacionalismo. Sobre isso, Bauman afirma que

“A economia” – o capital, que significa dinheiro ou outros recursos necessários para fazer as coisas, para fazer mais dinheiro e mais coisas – move-se rápido; rápido o bastante para se manter permanentemente um passo adiante de qualquer estado (territorial, como sempre) que possa tentar conter e redirecionar suas viagens. (...) O que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se dirige ou que atravessa (BAUMAN, 1999, p. 63).

Aliada ao capital, o desenvolvimento da tecnologia reforça a prosperidade das fábricas, causando um distanciamento entre os países com economia industrial dos de economia agrária. A esse respeito, Ianni comenta que a atividade do campo já apresentava intervenções das empresas, que alteraram a organização do trabalho e da produção:

É claro que o mundo agrário continua a existir, estar presente e até mesmo revelar-se indispensável, mas diverso, transformado, transfigurado. Às vezes é ainda muito real, evidente e presente, mas localizado e circunscrito, pesando pouco no jogo das forças sociais decisivas nas configurações e nos movimentos da sociedade como um todo, em âmbito nacional e em escala global (IANNI, 1999, p. 37).

Com relação à economia, Portugal sempre demonstrou tradição fundiária, por essa razão, mesmo antes do colapso socialista, destaca-se que o país foi aliado dos Estados Unidos da América, durante a Guerra Fria, fato justificado por Hobsbawm (1995), em virtude de o país luso ter como objetivo investir na industrialização como forma de obter sucesso financeiro. Na época entre 1908 e 1926, Portugal foi administrado pelo regime republicano e não alcançava os mesmos índices industriais que os demais países, em função da alta dependência de importação de matérias-primas do mercado interno e colonial, segundo João B. Serra<sup>6</sup> (1997). Para o pesquisador, devido a tal condição, a sociedade portuguesa se encontrava segmentada em população camponesa - empobrecida, vivendo praticamente da agricultura de subsistência; população operária - passando por dificuldades financeiras; funcionalismo público, uma parcela aristocrata fundiária e pequenos comerciantes em condições mais favoráveis.

A distribuição de renda entre as classes sociais portuguesas tornava-se reflexo de seu posicionamento político que, mesmo republicano, ainda vinha sendo influenciado pelo pensamento tradicional monárquico. Tal postura, somada às crises em diversos setores, impulsionaram ao golpe militar, em 1926, que levou o país à ditadura<sup>7</sup> até o ano de 1974, numa promessa de maior desenvolvimento. Entretanto, nesse longo período, a economia portuguesa sofreu com instabilidades, se mantendo dependente de suas colônias em África e Ásia, na contramão dos demais países europeus ocidentais. Nessa fase, elas eram exploradas por companhias multinacionais, fato que justifica o apoio de Portugal aos Estados Unidos. Mais tarde, durante as guerras pela libertação das colônias africanas, a União Soviética interveio, oferecendo auxílio com treinamento militar e

---

<sup>6</sup> Professor adjunto na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (Instituto Politécnico de Leiria) e membro do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (investigador externo).

<sup>7</sup> Em 1930, os militares passam a autoridade do governo às mãos de um civil, António de Oliveira Salazar.

armas aos colonizados, intensificando a postura portuguesa em ser contrária ao socialismo soviético.

Durante o regime salazarista, nos anos de 1930 a 1968, apontado por historiadores, jornalistas e críticos literários como um governo fascista, Portugal contrariou a tendência mundial capitalista dominante no século XX. Seu líder estimulou o campesinato e buscou controlar o posicionamento de esquerda, ideologia política e filosófica que incentivava a adeptos através de movimentos sociais, os quais refletiram nas artes, provocando uma transformação da cultura nas décadas finais do século XX, conforme salienta Eric Hobsbawm:

A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre os seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões esperados de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. Daí a insegurança muitas vezes traumática quando velhas convenções de comportamento eram derrubadas ou perdiam sua justificação; ou a incompreensão entre os que sentiam essa perda e aqueles que eram jovens demais para ter conhecido qualquer coisa além da sociedade anômica (HOBSBAWM, 1995, p. 328).

Na sociedade tradicional portuguesa do período, percebe-se o silenciamento das novas vertentes culturais. A situação é retratada na literatura contemporânea do país, sobretudo em relação à temática da colonização ou da libertação das ex-colônias pertencentes a Portugal. O controle intelectual pregado por Salazar demonstrou o paradoxo entre a realidade vivida nos países colonizados e a imagem que a população portuguesa, em geral, nutria sobre o assunto, peculiaridade que veio à tona após a abertura política, no ano de 1974<sup>8</sup>, e os processos de independência. Como consequência, houve o retorno de inúmeras famílias lusas, que eram obrigadas a deixar as ex-colônias, por representarem o estereótipo do colonizador. O acontecimento gerou

---

<sup>8</sup> Por motivo de doença, em 1968, Salazar deixa o governo. Então, Marcelo Caetano assume o posto de primeiro ministro, até o ano de 1974.

conflitos de diferentes níveis, principalmente em relação às questões identitárias dos envolvidos<sup>9</sup>.

A abertura política de Portugal e a descolonização coincidem com o momento de capitalização da Europa, realizada pelos Estados Unidos da América. Começava, assim, a se delinear a política transterritorial de que trata Hobsbawm (1995), exemplificada através da formação dos chamados blocos econômicos. Dentre eles, menciona-se a Comunidade Europeia (CE), surgida na década de 1950 com o nome de Comunidade Econômica Europeia (CEE) - quando era constituída por apenas seis países - passando a ser ampliada em 1980 e rebatizada como União Europeia (UE) em 1990, e a NAFTA, uma associação de livre comércio entre Estados Unidos, México e Canadá, surgida na década de 1990.

Os países membros de tais associações auxiliavam-se, a fim de consolidar o desenvolvimento de seus territórios, “equalizando os fardos e benefícios por todos eles” (HOBBSAWM, 1995, p. 416). No entanto, a UE relutava em admitir países menos favorecidos economicamente, com o intuito de evitar tensões sobre o restante dos associados. Por isso, Portugal somente vem a ser acrescentado ao bloco a partir de 1986, período no qual entra em crescimento sua economia, mesmo que se mantenha o país mais pobre da União Europeia<sup>10</sup>. Após sua adesão à UE, os investimentos de Portugal no mercado externo trouxeram mais estabilidade ao país, que entrou nos anos de 1990 esperançoso, devido ao aumento nas taxas de emprego, maior densidade demográfica e maior desenvolvimento educacional<sup>11</sup>. A fase coincide com o fim da União Soviética, ocorrido após a independência de várias Repúblicas no ano de 1991, fato que ocasionou o término da bipolarização do mundo entre capitalismo e socialismo, impelindo ao capitalismo global que se consolida a partir dos anos 2000:

Um dos signos principais dessa história, da globalização do capitalismo, é o desenvolvimento do capital em geral, transcendendo mercados e fronteiras, regimes políticos e projetos nacionais,

---

<sup>9</sup> Diversas obras portuguesas retratam a temática da colonização e da descolonização, oferecendo ao leitor a perspectiva das identidades na contemporaneidade, dentre elas, pode-se citar *Os cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes; *A árvore das palavras* (1997), de Tolinda Gersão, entre outros.

<sup>10</sup> Segundo Hobsbawm, em 1990, o PIB de Portugal representa apenas um terço da média dos demais países membros da União Europeia.

<sup>11</sup> Informações contidas na publicação *Portugal Social 1991-2001*, editada pelo INE em setembro de 2003, e disponível em [http://www.alea.pt/html/actual/pdf/actualidades\\_42.pdf](http://www.alea.pt/html/actual/pdf/actualidades_42.pdf).

regionalismos e geopolíticas, culturas e civilizações. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e em escala mais ampla desde o término da Guerra Fria, o capital adquiriu proporções propriamente universais. Articula os mais diversos sistemas econômicos nacionais e regionais, os mais distintos projetos nacionais de organização da economia, as mais diferentes formas de organização social e técnica do trabalho, subsumindo moedas, reservas cambiais, cartões de crédito e todas as outras moedas reais ou imaginárias. O capital em geral, agora propriamente universal, tornou-se parâmetro das operações econômicas em todo o mundo. Pode simbolizar-se no dólar americano, iene japonês, marco alemão ou na moeda deste ou daquele país. Mas não se reduz a esta ou aquela moeda. A despeito de uma ou outra serem utilizadas na prática, já é evidente que sob todas manifesta-se uma moeda propriamente global. Expressa as formas e os movimentos do capital em geral, propriamente universal, subsumindo as formas singulares e particulares do capital (IANNI, 1999, p. 17).

De acordo com as contribuições de Octavio Ianni, o avanço da globalização transfere para o capital o poder de ultrapassar fronteiras. Com isso, as transações comerciais se dispersam em diferentes continentes. Ao mesmo tempo em que as nações mais favorecidas economicamente se impõem nos mercados internacionais, emergem comunidades distintas, ligadas à força de trabalho ou ao mercado consumidor. A característica contrastante da globalização

confere novos significados à sociedade nacional, como um todo e em suas partes. Assim como cria inibições e produz anacronismos, também deflagra novas condições para uns e outros, indivíduos, grupos, classes, movimentos, nações, nacionalidades, culturas, civilizações (IANNI, 1999, p. 87).

A respeito das especificidades da “revolução cultural” ocorrida por conta das transformações econômicas e geopolíticas, Hobsbawm afirma que os grupos aproximam-se sem ligação com a “autodeterminação nacional”, que era a “essência do nacionalismo” (HOBSBAWM, 1995, p. 417). Antes, a identificação com a nação atenuava as diferenças entre comunidades de identidades distintas. Durante a contemporaneidade, segundo Ianni,

Nas diferentes tribos, clãs, nações e nacionalidades, ao lado de suas diversidades culturais, religiosas, linguísticas, étnicas e outras, formam-se ou desenvolvem-se instituições, padrões e valores em conformidade com as exigências da racionalidade, produtividade, competitividade e lucratividade indispensáveis à produção de mercadorias, sem as quais não se realiza a mais-valia. Os princípios da liberdade, igualdade e propriedade, articulados jurídico-politicamente no contato, aos poucos se impõem e generalizam em patriarcalismos e

patrimonialismos. Aos poucos a comunidade é recoberta pela sociedade, a sociabilidade baseada nas prestações pessoais, ou na produção de valores de uso, é recoberta ou substituída pela sociabilidade baseada no contrato, na produção de valores de troca (IANNI, 1999, p. 187).

Embora se façam notar as diferentes características culturais das comunidades em contato, devido à ampliação do comércio e do acesso à informação, ainda se tem conhecimento de que os discursos de fundo nacionalista persistem na atualidade, transfigurados no poder de investimento. As nações mais influentes mundialmente são aquelas que atuam positivamente no mercado internacional, incentivando o consumo. Elas acabam determinando tendências comportamentais que, em inúmeros casos, perpetuam desigualdades e preconceito.

## 1.1 Portugal, a globalização e as configurações mundiais no século XXI

A globalização pode ser entendida como um fenômeno decorrente das amplas relações comerciais entre as nações, que iniciaram a partir das conquistas territoriais e do mercantilismo, ocorridos no período colonial. Desenvolveu-se em um evento que interfere na política, na educação, na tecnologia e na cultura em nível mundial. Conforme Octavio Ianni, a ampliação da tendência econômica permite se pensar em globalismo, que

é produto e condição de múltiplos processos sociais, econômicos, políticos e culturais, em geral sintetizados no conceito de globalização. Resulta de um jogo complexo de forças atuando em diferentes níveis da realidade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. Algumas destas forças emergem com o nascimento do capitalismo, ao passo que outras surgem com o colonialismo e o imperialismo, compreendendo a formação dos monopólios, trustes, cartéis, corporações transnacionais. Há raízes do globalismo que vêm de longe, ao passo que outras emergem da Guerra Fria e desenvolvem-se com a desagregação do bloco soviético e a dissolução ou reforma dos regimes socialistas, compreendendo os países da Europa Central, a União Soviética, a China Continental, o Vietnã, Moçambique, Angola, entre outros (IANNI, 1999, p. 184).

Em congruência com Ianni, Eric Hobsbawm chama a atenção para as estratégias econômicas que ultrapassaram os limites territoriais. Isso mostrou que os Estados sozinhos apresentavam-se ineficientes na missão de se autossustentar, permitindo maior integração entre países, fazendo sobressair o poder do capital em relação ao peso do nacionalismo. Entretanto, Ianni ressalta que a união do passado histórico com a realidade global permite o repensar dos rumos sociais, sobremaneira quando se considera que o parâmetro de representação permanece o nacional, “ainda que se fale em localismo ou regionalismo, bem como em identidade desta ou daquela modalidade” (IANNI, 1999, p. 189).

Zygmunt Bauman (1999, p. 79) apresenta o mesmo posicionamento no que tange às desigualdades. Para ele, a mobilidade comercial em níveis mundiais não amenizou a ocorrência de desnivelamento social. Ao contrário, ampliou o acúmulo de riquezas para uma pequena parcela da população, que usufrui da tendência geral de estabelecer negócios em países com oferta de mão de obra barata, minimizando os custos e maximizando os lucros:

É por causa dessa coincidência e desse entrelaçamento das duas tendências aparentemente opostas, ambas desencadeadas pelo impacto divisor da nova liberdade de movimento, que os chamados processos “globalizantes” redundam na redistribuição de privilégios e carências, de riqueza e pobreza, de recursos e impotência, de poder e ausência de poder, de liberdade e restrição. Testemunhamos hoje um processo de reestratificação mundial, no qual se constrói uma nova hierarquia sociocultural em escala planetária (BAUMAN, 1999, p. 78).

A citação faz referência à liberdade de uns e ao destino cruel de outros dentro do sistema, de acordo com a representação nacional que carrega. Tal situação segue promovendo discrepâncias entre superpotências econômicas e países em desenvolvimento, em muito lembrando as configurações existentes desde o período colonial, que é apontado pelos historiadores como o protótipo das relações globais.

Para alguns estudiosos do assunto, quando se fala em globalização, aponta-se Portugal como um pioneiro, em razão da iniciativa de expandir-se além-mar, por volta dos séculos XIV e XV, estabelecendo acordos comerciais em diversos continentes. Além disso, é recorrente a afirmação de que o poderio português sucumbiu às estratégias econômicas mais arrojadas, travadas por países como Holanda e Inglaterra, o que colocou Portugal em situação de instabilidade visível durante os séculos XVII, XVIII e XIX. Os índices frágeis dessa época são relacionados à atualidade pelo professor Luís Brites Pereira (2007)<sup>12</sup>, em artigo sobre a história da economia portuguesa na globalização. Ele considera que o perfil do português e suas escolhas pouco ousadas no que tange à perspectiva global, interferiram diretamente no seu desempenho em nível mundial.

A vida portuguesa não concebeu nem preparou uma análise crítica da sociedade, no seu conjunto, assim como ignorou os esclarecimentos provenientes das experiências desenvolvidas na Europa, na América ou até no Japão. O escol político-eleitoral, pouco se interessava em esclarecer em profundidade as razões sociais, económicas e culturais do atraso nas suas modalidades reais. Desinteressou-se do pensamento político próprio que implicava estudar a sua própria situação. Em vez disso, proferiu as posições doutrinárias apreendidas noutras culturas mais em voga, apresentando exemplos oriundos dos grandes estados e com pouca relevância para o caso português (PEREIRA, 2007, p. 9).

---

<sup>12</sup> Professor Pós-doutor do Programa de Desenvolvimento Global do Instituto de Investigação Científico Tropical (IICT), em Lisboa, Portugal. Em conferência organizada pela Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa em parceria com o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), datado de maio de 2007.

O declínio da economia portuguesa data de um longo período, o que interfere diretamente no seu desempenho atual. O país não segue uma linha estável, apesar de se verificar investimentos na indústria e na economia internacional. Esse fato é justificado por Pereira (2007) como uma contraposição, haja vista os números de renda per capita baixa, que deflagram uma população oscilante em um país com pouco giro financeiro interno, por conta do consumo insuficiente, segundo a perspectiva globalizada. O pesquisador registra que as estratégias de marketing portuguesas, tanto internamente, quanto externamente, não são eficientes, permitindo depreender-se que Portugal produz mal, porque vende pouco.

A delicada e histórica conjuntura econômica de Portugal não mantém uma linha ascendente nas últimas décadas. Um dos motivos é a crise internacional, instaurada por volta do ano de 2008. Teve início nos Estados Unidos e expandiu-se por todo mundo. Afetou instituições financeiras ligadas à nação norte-americana, que atuam em muitos países. A adversidade interveio em quedas nas principais bolsas de valores, incluindo a Dow Jones (USA) e a Nikkei (Japão), e baixas no mercado de ações, tudo isso agravando as taxas de desemprego em todos os continentes<sup>13</sup>. O panorama instável faz notar que o endividamento de países como Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha ainda não foi superado, apesar de outras nações envolvidas terem alcançado êxito novamente. A respeito dessa situação, Octavio Ianni ilustra que

No contexto da sociedade global, desenvolvem-se estruturas do poder propriamente globais. São estruturas que expressam as configurações e os movimentos, as articulações e as contradições no âmbito da sociedade global. Naturalmente apoiam-se também nos estados nacionais, centrais e periféricos, dominantes e subalternos, ao sul e ao norte, ocidentais e orientais (IANNI, 1999, p. 18).

As palavras do sociólogo exemplificam a ilusão em torno da linearidade entre as nações. A oposição dominante x subalterno permanece viva, em movimento entre os dados econômicos, políticos e sociais. No que concerne às relações humanas, em consonância com o que afirma o historiador Hobsbawm, o sociólogo Stuart Hall (2003)

---

<sup>13</sup> Dados compilados com base no jornal *O Estado de São Paulo* entre 4/10/2008 e 13/3/2010 e publicados no artigo *Crise financeira de 2008: a intervenção do estado no domínio econômico*, de Felipe Cesar José Matos Rebêlo, na revista *Revista SJRJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 69-79, 2010. Disponível em: < [http://www4.jfrj.jus.br/seer/index.php/revista\\_sjrj/article/viewFile/213/171](http://www4.jfrj.jus.br/seer/index.php/revista_sjrj/article/viewFile/213/171)>.

aponta que a globalização é um acontecimento paradoxal, porque, ao mesmo tempo em que reduz as fronteiras nacionais, faz crescer os movimentos de diversos grupos identitários, os quais passam a reivindicar espaços de expressão e de igualdade de direitos. A mobilidade de comunicação atinge índices continentais, estreitando as barreiras culturais impostas pelos ideais nacionalistas, que se estabeleceram durante a formação dos Estados-Nação. Essa ideologia tinha o intuito de “forjar ou construir uma forma unificada de identificação a partir das muitas diferenças de classe, gênero, religião, região ou localidade, que na verdade atravessam a nação” (HALL, 2003, p. 74). Elas reforçam a representação de comunidade imaginada<sup>14</sup> construída e acabam formando conflitos, porque se torna visível o contraste entre o particular e o universal das culturas em contato. A mesma ideia é exposta por Octavio Ianni, que relaciona as reivindicações culturais à troca de experiências em âmbito mundial:

Tanto é assim que a busca ou a afirmação da diversidade enquanto originalidade ou identidade, com frequência mobiliza recursos do outro, do país dominante, da cultura invasora. A afirmação da autonomia, independência, soberania ou hegemonia na maioria dos casos mobiliza também valores e padrões culturais, formas de pensamento, técnicas sociais ou mesmo utopias produzidas no “exterior”, ou buscadas pelos nativos ou levadas pelos conquistadores (IANNI, 1999, p. 29).

A proposição fica evidente ao analisar-se um dos resultados humanos da globalização, que é a migração. Sobre isso, Eric Hobsbawm (1995, p. 472) comenta que a migração surge como alternativa ao liberalismo econômico das décadas de 1980 e 1990, quando os países menos ricos enfrentam crises diante do aumento das desigualdades sociais, devido à discrepância da economia de mercado praticada pelos países mais ricos. Tal situação deflagrou a supremacia dos países europeus ocidentais e dos Estados Unidos, motivando grande número de pessoas a deixarem a terra natal em busca de melhores oportunidades em outros territórios. A política do capitalismo globalizado, de acordo com Ianni, está diretamente ligada às relações de trabalho, pois

---

<sup>14</sup> Conceito cunhado pelo cientista político estadunidense Benedict Anderson, em livro publicado no ano de 1983. Refere-se ao fato de que os membros de uma comunidade conceituam-se a si próprios a partir da imagem que percebem do todo. Esse conceito se aplica ao nacionalismo, sendo utilizado em diversas situações por Stuart Hall.

A nova divisão transnacional do trabalho e produção transforma o mundo em uma fábrica global. A mundialização dos mercados de produção, ou forças produtivas, tanto provoca a busca de força de trabalho barata em todos os cantos do mundo como promove as migrações em todas as direções. O exército industrial de trabalhadores, ativo e de reserva, modifica-se e movimenta-se, formando contingentes de desempregados mais ou menos permanentes ou subclasses, em escala global. Toda essa movimentação envolve problemas culturais, religiosos, linguísticos e raciais, simultaneamente sociais, econômicos e políticos. Emergem xenofobias, etnocentrismos, racismos, fundamentalismos, radicalismos, violências (IANNI, 1999, p. 21-22).

Tal cenário é reconhecido por Santos et al.<sup>15</sup> (2009), que desenvolve estudos que chamam a atenção para o tráfico de pessoas, muito recorrente nas últimas décadas. O autor define o fenômeno como um construto das relações sociais na globalização. Ocorre uma atração dos povos pertencentes aos países menos influentes economicamente pelos países do centro europeu e Estados Unidos, em virtude da busca por melhores condições de sobrevivência. Sobre essa questão, os autores apontam que

Quando pensamos no tráfico de pessoas e no modo como este fenômeno vem ganhando relevância, encontramos, do mesmo modo, fluxos transnacionais que, sem qualquer respeito pela autodeterminação dos sujeitos, cumprem lógicas de acumulação econômica. E se é verdade que este fenômeno ilegal, informal e tutelado por organizações criminosas em tudo difere da centralidade da escravatura na formação do sistema mundo, ele não deixa de ter uma inextricável relação com este. A questão é que, se as práticas de tráfico não são centrais nos mercados globais transnacionais nem no mundo global em que vivemos, como outrora a escravatura o foi, elas alojam-se nas desigualdades e injustiças na distribuição de riqueza promovidas e fomentadas por esse mesmo sistema mundo (SANTOS et al., 2009, p. 71).

O mencionado estudo divulga igualmente dados sobre as mulheres migrantes e a maneira como são vistas nos países da Europa Ocidental. Destaca o fato de as representantes do Leste Europeu serem vistas como “as outras mulheres europeias” e que sua presença está elencada à associação dos estrangeiros à marginalidade. A perspectiva de “indesejáveis” auxilia no processo de ilegalidade dessas pessoas nos novos países e fragiliza a condição feminina nos deslocamentos, justificando a sua

---

<sup>15</sup> Artigo *Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação*, escrito por Boaventura de Sousa Santos, Conceição Gomes e Madalena Duarte e publicado pela Revista Crítica de ciências sociais, em 2009, com conteúdo voltado para a área do Direito.

vulnerabilidade. Diante disso, faz-se importante divulgar que, em Portugal, no período que compreende o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, associações criminosas entre portugueses e imigrantes do Leste Europeu atuavam no aliciamento de mulheres destinadas à prostituição, em geral, de forma não consentida, o que se pode chamar de escravidão sexual.

À época, Portugal atingiu níveis de economia mais próximos aos dos demais países da União Europeia, através do aumento da produção de tecnologias e da exportação, principalmente nos anos de 1999 até 2005, de acordo com as pesquisas divulgadas por Pereira (2007). O favorecimento econômico que o país teve na fase citada pode ter motivado a chegada de imigrantes do Leste Europeu em Portugal, já que a União Soviética encontrava-se extinta, e os diversos países ex-socialistas enfrentavam uma crise.

A relação de Portugal com as migrações não se limita ao Leste Europeu, tampouco é constatada apenas na contemporaneidade, a julgar pelo dinamismo com que se envolveu com a colonização e promoveu fluxos de deslocamento nos continentes americano, africano e asiático. Antes disso, nos primeiros séculos da era cristã, o país se deparava com a ocupação moura, assim permanecendo por aproximadamente mil anos. Como consequência desse tempo, a cultura portuguesa esteve exposta a nuances, determinantes de características peculiares quanto às constituições identitárias do país. Essas questões serão retomadas a seguir.

## 1.2 Portugal e as migrações

Documentos históricos comprovam a presença de judeus na península Ibérica após o episódio da diáspora judaica, no primeiro século depois de Cristo. Sua passagem pelo território que hoje é Portugal foi comprovada por volta do século IV<sup>16</sup>, configurando o primeiro movimento migratório no país. O contato do português com outras culturas veio a intensificar-se durante a dominação moura no sudoeste da Europa, região constituída também por Espanha e Andorra. Os “mouros” são conhecidos como os povos oriundos do norte da África, que praticavam a religião islâmica e recebiam esse nome por ter a pele escura em relação a dos europeus. Dentre a população que viveu na Península Ibérica no mencionado período, têm-se os árabes, os muçulmanos e os berberes. Com o passar do tempo, a convivência com os católicos do território deu origem aos “moçárabes”<sup>17</sup>, o que demonstrou a mistura étnica e a troca cultural evidentes durante a Idade Média.

Esses povos, além de habitar o país luso, contribuíram para uma formação identitária peculiar, registrada em documentos de viajantes. Estes demonstram preconceito em relação à cor da pele mais escura que os portugueses aparentavam. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2006), a descrição de Lisboa e de seus habitantes, a partir do século XV, em muito se assemelha àquela feita pelos colonizadores em relação aos colonizados. Contém atributos como “caráter rústico das pessoas”, “falta de higiene”, “ignorância” e “língua vulgar” (SANTOS, 2006, p. 251). Tal julgamento feito pelos europeus do norte tem parte nos processos de migração anterior a era das colonizações, justamente pela influência árabe/muçulmana na aparência, na língua, na música e na aquisição de técnicas náuticas que abriram caminho para a expansão marítima portuguesa.

O pioneirismo além-mar permitiu que os portugueses carregassem consigo a multiplicidade de contato entre diferentes culturas (celtas, latinas e mediterrânicas). De

---

<sup>16</sup> Esther Mucznik, em artigo intitulado *Os judeus e Portugal: história e memória*, divulgado no site “Comunidade israelita de Lisboa”, disponível em: <[http://www.cilisboa.org/hpt\\_esther.htm](http://www.cilisboa.org/hpt_esther.htm)>, afirma que, até o final do século XIX, ainda não havia a consolidação de uma comunidade judaica em Portugal, muito em função da Inquisição, a qual teve seu fim decretado somente em 1821.

<sup>17</sup> Dados fornecidos por Antônio Gasparetto Junior, em artigo intitulado *A conquista muçulmana na Península Ibérica*, disponível em < <http://www.infoescola.com/historia/a-conquista-muculmana-da-peninsula-iberica/>>.

acordo com Eduardo Lourenço (2001), durante séculos (em destaque o período entre XV e XVII), se articularam a elementos culturais dos vizinhos europeus, mais tarde somados aos africanos, asiáticos e sul-americanos, no período colonial. Proporcionaram “expressão singular e multiforme do ‘olhar europeu’ sobre outras culturas, e o que não é menos importante, reflexo do olhar do outro sobre a Europa” (LOURENÇO, 2001, p. 38). O autor afirma que, apesar de a formação cultural portuguesa ser “essa manta de retalhos”, conseguiu-se fazer notar uma figura identitária própria, conservada no passado glorioso de dominância econômica e desbravamentos continentais, aliada à manutenção de valores cristãos. A relação paradoxal entre o profano e o sagrado manteve o povo português ligado ao sentimento de melancolia, fato que, de certa forma, o prejudicou na entrada da Modernidade, em razão de um escapismo ou de um conservadorismo os quais não permitiram a total inserção no mercado global.

De forma contrária à Lourenço, Santos afirma que, a partir do destaque português nas conquistas territoriais, promoveu-se “uma vasta e multissecular zona de contacto que envolveu portugueses e outros povos da América, da Ásia e da África” (SANTOS, 2006, p. 227). Isso particularizou ainda mais as configurações identitárias de Portugal, em pleno advento do colonialismo que, segundo Santos, se deve aos “processos culturais e sistemas de representação” mal definidos “nos binarismos próprios da modernidade ocidental” (SANTOS, 2006, p. 227-228). Pode-se dizer que o hibridismo cultural teve destaque, aproximando as fronteiras da personalidade colonizadora da colonizada<sup>18</sup>. Tal característica foi possível em virtude de Portugal submeter-se ao desenvolvimento econômico intermediário entre centro e periferia da economia mundial, com relevância no século XIX.

Santos afirma ainda que a condição semiperiférica de Portugal no contexto europeu do período foi estabelecida devido à relação do país com suas colônias. Sua postura pacífica e conciliadora gerava envolvimento afetivo com os nativos e motivava a exploração sem preocupação com autossustentabilidade, diferente do que ocorria no restante da Europa. A Inglaterra, por exemplo, dominou o mundo a partir do século

---

<sup>18</sup> Santos (2006, p.240) questiona a “celebração do hibridismo diaspórico” quando essa característica identitária é utilizada para escamotear problemas de ordem social, econômica, política e cultural dos imigrantes, que enfrentam dificuldades, mediante as relações de poder, atreladas às nacionalidades. Sendo assim, a condição híbrida deve ser reconhecida e discutida, mas não apenas apresentada como uma solução pronta para as questões de representação.

XVIII, inclusive, submetendo Portugal as suas estratégias econômicas. Dessa forma, “o Império Português assentou num desequilíbrio, igualmente dinâmico, entre um excesso de colonialismo e um déficit de capitalismo” (SANTOS, 2006, p. 230). O país sucumbiu à pressão inglesa, o que evidenciou a “hetero-representação” lusa dentro desse sistema. Ora fazia prevalecer seu lado colonizador (em relação às colônias de suas posses), ora seu lado colonizado (em relação à Inglaterra).

Apesar de Portugal ter estado inserido nos deslocamentos populacionais do período colonial, Eduardo Lourenço (2001) menciona que, até o século XVI, os desbravadores portugueses preocupavam-se somente com a ocupação e a exploração de suas colônias. Por isso, não considera que eles sejam emigrantes, visto que o sentimento dilacerador da impossibilidade de regresso não os afetava:

A emigração empírica de milhões dos nossos concidadãos ao longo dos séculos nunca foi afetada por uma conotação trágica, nem sequer verdadeiramente dramática, mas antes dolorosa e melancólica, sempre na esperança de regresso. Talvez isso explique porque a nossa literatura tenha tomado tão pouco em conta a figura do emigrante. Na ordem simbólica, tudo se passa como se o português nunca tivesse emigrado (LOURENÇO, 2001, p. 48).

A opinião de Lourenço se justifica pelo fato de o viajante, “vestido com as roupas do colonizador”, tomar posse das terras sem percebê-las enquanto lar, pois isso é referenciado na terra natal. Ao contrário do que ocorreu a partir do século XVII, quando se encontrou ouro no Brasil, por exemplo. Ou, no final do século XIX e início do século XX, quando foi necessária a dispersão pelos territórios coloniais, a fim de fortalecer a indústria e a comercialização em maiores amplitudes. Nesses momentos, os portugueses começaram a entender a colônia como uma possibilidade de enriquecer e melhor viver. Lugar onde o europeu “parte de sua casa para ir onde muitas vezes tinha sido senhor” (LOURENÇO, 2001, p. 51). No caso de Portugal, é importante salientar os conflitos identitários surgidos durante a guerra colonial em África e após os processos de independência, quando “os retornados” passam a fazer parte do cenário social. Nas ocasiões, atenuou-se a simbologia do homem branco como o opressor, muitas vezes o obrigando a retornar à terra natal, assumindo a condição de imigrante. O mesmo ocorreu com os mulatos, filhos da miscigenação étnica. Eles não eram reconhecidos na sociedade africana, que se encontrava sob a ideologia do orgulho da negritude. Estes, ao migrarem para Portugal e outros países da Europa, eram vistos pelo viés do escravo.

O processo de reconstrução da Europa após as guerras mundiais foi feito a partir das migrações, o que Lourenço (2001, p. 52) denomina de “emigração volante”, em razão de realizar-se entre países europeus, contrariamente ao que antes acontecia, quando o foco das migrações ocorria entre a Europa e a América, a África e a Ásia. O autor divulga que, nos anos de 1960, Portugal pode ser considerado um país de emigrantes, vindo a ser mais estimulado a partir da entrada na União Europeia (UE). Depois dos anos 2000, admite-se que se tornou um país de imigração, em função de o país luso receber financiamento da UE, assim como outros países membros, para receber imigrantes, a fim de ocupar postos de estudo e de trabalho. Mais recentemente, também para tentar controlar o fluxo de refugiados orientais, que buscam sobreviver, em vista das guerras civis em seus países de origem.

De todo modo, fica evidente que os movimentos migratórios popularizam-se em esferas globais. Junto ao dito progresso econômico, tecnológico e ou social, que trouxe para a pauta das discussões a “identidade de acaso”, em virtude das fraturas nacionalistas. “Na civilização planetária que é a nossa, cada um de nós, sem ser emigrante no sentido próprio do termo, está já integrado nesse ideal de uma identidade objetivamente partilhada com o outro, com todos os outros” (LOURENÇO, 2001, p. 49). No entanto, na atualidade, as migrações não são vistas de maneira pacífica, por vezes sendo velados os discursos preconceituosos em torno do imaginário das representações étnicas, por outras, sendo condenadas de forma explícita pelas mesmas razões. Os embates no âmbito das identidades, em consonância com as afirmações de Bauman, remetem ao nacionalismo, na tentativa de se manter a subalternidade e o controle mundial:

Assinalemos, no entanto, que essa “separação do poder social em relação à coletividade” não foi de forma alguma um acontecimento casual, um desses caprichos da história. A tarefa de produzir a ordem requer imensos e contínuos esforços para depurar, transferir e condensar o papel social, o que por sua vez exige recursos consideráveis que *somente* o Estado, na forma de aparelho burocrático hierárquico, é capaz de reunir, concentrar e usar (BAUMAN, 1999, p. 69).

Essa conjuntura realça as relações imperiais as quais se perpetuam nos tempos atuais, através da globalização. A expansão do capitalismo trouxe novas configurações nacionais e econômicas, que destacam a situação à margem socialmente dos sujeitos

deslocados da terra natal. Atualmente, há notícias de que a crise econômica portuguesa gera deslocamentos de indivíduos para outros lugares, incluindo as antigas colônias africanas e outros países europeus. Os conflitos percebidos na superposição dos resquícios das representações nacionais com a multiplicidade de contatos culturais, ocasionados na contemporaneidade, são temas que se sobressaem na análise crítica Pós-colonial e, na sequência desta dissertação, serão explorados.

## 2 O multiculturalismo: uma abordagem teórica

O multiculturalismo pode ser compreendido como o processo de troca entre diferentes culturas<sup>19</sup>, ocasionado pelos deslocamentos dos sujeitos de seu lugar de origem a outros lugares, motivados por diferentes situações. Os deslocamentos incentivados por imposição econômica ou pelo desejo de condições intelectuais mais igualitárias são denominados por Stuart Hall (2003) como diáspora. Segundo o autor, o fenômeno pode ser verificado em vários momentos da história e aproxima-se da metáfora do “Grande êxodo”<sup>20</sup>, a qual gera o sentimento de que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003, p. 28). Existe uma expectativa positiva em relação à migração, um impulso gerado pela busca de condições de vida mais autônomas, característica que insere a questão cultural em instâncias históricas e políticas, mas nem sempre garantindo um final satisfatório.

Para Hall, o “multiculturalismo é substantivo, pois se refere às estratégias políticas adotadas para governar ou para administrar os problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (HALL, 2003, p. 50). Tal problematização fundamenta-se na medida em que o multiculturalismo pode ser entendido como uma doutrina aberta, a qual descreve processos e estratégias políticas inacabados, com reforço permanente e em constante construção.

Considerando-se o impacto da diáspora sobre a cultura, é possível estabelecer dois momentos fundamentais na história: as conquistas ultramarinas, iniciadas no século XV, e a globalização, intensificada a partir do século XX. As conquistas ultramarinas

---

<sup>19</sup> Pode-se dizer que inúmeras são as definições para cultura. Na presente dissertação, optou-se pelos apontamentos feitos por pesquisadores da chamada Crítica Pós-colonial, os quais interpretam a cultura como um conjunto de elementos em constante transformação. Para Stuart Hall (2003, p. 29), a cultura está associada às narrativas míticas formadoras das nações, o que causa a impressão de que os indivíduos estão “presos” às estruturas nacionais. No entanto, o autor entende que os mitos são cíclicos e que podem assumir diferentes significados a depender do contexto histórico. Por essa razão, os sujeitos assumem diversas identidades em momentos distintos, que “não são unificadas ao redor de um eu coerente” (HALL, 2014, p. 12). Como complemento, tem-se a definição de Edward Said (1999), através da qual afirma que cultura é uma estrutura de autoridade e participação do homem, evidenciada no conjunto de manifestações estéticas, que “designam artes de descrição, comunicação e representação” (SAID, 1999, p. 46), com relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, incluindo os saberes populares, somado ao conhecimento especializado de disciplinas das áreas humanas, como a Literatura, por exemplo.

<sup>20</sup> O Grande Êxodo refere-se ao episódio narrado no antigo testamento da Bíblia, em que o profeta Moisés recebe a missão de conduzir o povo judeu, escravizado no Egito, à Terra Santa, numa promessa de libertação.

proporcionaram a ampliação dos territórios imperiais dos países europeus, onde foi instituído o colonialismo enquanto estratégia econômica. Do contato entre os viajantes desbravadores e os povos nativos, formaram-se, ao longo do tempo, discursos de reconhecimento do binarismo colonizador/colonizado. Os relatos de viagem ou as narrativas ficcionais que retratam o período transparecem características de superioridade do primeiro em relação ao segundo. Os estereótipos de dominância atrelados aos europeus e de subalternidade atribuídos à população natural do “novo mundo” possuem papel importante nas novas configurações culturais dos dias atuais, pois os fluxos de deslocamento praticados no período colonial geraram sociedades culturalmente e etnicamente plurais, que se fundamentaram na qualidade de “inscrição dupla” do contato entre as nações.

Sobre o conceito de “inscrição dupla”, Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 234) explana sobre a noção de hibridismo, gerado “pela zona de contato” entre os povos durante a colonização. A expressão está associada ao envolvimento de aspectos culturais originários das duas condições, posto que o contato entre colonizador e colonizado interferiu nas identidades de ambos, pois tanto um quanto o outro

disputam na identidade do colonizador a demarcação dos traços de alteridade, mas, por assim dizer, a alteridade está neste caso dos dois lados da margem. Isto tem consequências para os dois procedimentos centrais do discurso pós-colonial: a imitação e o estereótipo (SANTOS, 2006, p. 246).

A “troca” de experiências desestabiliza as noções homogêneas sobre a cultura, tanto etnicamente, quanto socialmente. Para Santos (2006), a Crítica Pós-colonial serve à substituição da perspectiva discursiva e performática do ponto de vista do colonizador para o do colonizado e proporciona um conjunto de análises em diferentes âmbitos sobre a inserção dos “ex-colonizados” no sistema mundial. Ou pode ser averiguada à luz dos Estudos Culturais, através da narrativa textual e das práticas que permitem analisar os sistemas de representação e os processos formadores de identidades, decorrentes das modificações das conjunturas mundiais.

Após a independência das antigas colônias imperiais, o modelo econômico capitalista impulsiona a novas relações comerciais entre as nações. Nesse ínterim, a

globalização<sup>21</sup> avança sobre a cultura como uma tendência desestabilizadora e paradoxal, pois é dominante e, por conta disso, remete à homogeneização. Por outro lado, é diferenciadora da cultura no interior das sociedades. Sobre isso, Stuart Hall chama a atenção para o que denomina “a proliferação subalterna da diferença” (HALL, 2006, p. 57). A definição fundamenta-se porque os sujeitos passam a ser definidos em bases étnicas ou raciais. Como a ideologia colonial ainda permeia determinadas nacionalidades, estereótipos são transmitidos através de questões discursivas e midiáticas, culminando em um novo imperialismo, notório nas relações de preponderância dos países com economia mais desenvolvida sobre os demais. A ligação do estereótipo subalterno ao nacionalismo promove hostilidade, ainda mais quando submetidas a situações de diáspora, pois os locais da cultura não são estáveis, entretanto, a política global impõe a tentativa de homogeneização. Sobre essa tendência, Hall comenta que

De fato, entre seus efeitos inesperados, estão as formações subalternas e as tendências emergentes que escapam ao seu controle, mas que ela tenta “homogeneizar” ou atrelar a seus propósitos mais amplos. É um sistema de *con-formação da diferença*, em vez de um sinônimo conivente de obliteração da diferença. Este argumento torna-se crucial se considerarmos como e onde as resistências e contra-estratégias podem se desenvolver com sucesso. Essa perspectiva implica um modelo de poder mais discursivo do que comumente se encontra no novo ambiente global (...) (HALL, 2003, p. 57).

A citação de Stuart Hall refere-se a maneiras de minimizar os conflitos agudos entre diferentes sujeitos que, na contramão da massificação prevista pelo consumo, sobressaltam sua individualidade. Investigar a configuração das comunidades híbridas dentro de um sistema unificado é uma das questões norteadoras sobre o multiculturalismo. Tal indagação intensifica-se quando se pesquisa sobre as chamadas minorias étnicas, por ainda manterem elos com seus locais de origem e por terem seus anseios individuais ignorados ao serem abrangidos nas categorias comunitárias.

A coexistência de diversos elementos culturais relaciona-se com a “mistura explosiva” (HALL, 2003, p.53) entre etnias arcaicas do colonialismo e novas formações

---

<sup>21</sup> Zygmunt Bauman, em *Globalização: as consequências humanas* (1999), sugere que, após o colapso do bloco socialista e o consequente fim da guerra fria, a instituição estatal perde sua força totalizante. Por não ter liberdade de manobra, nem recursos suficientes para se autossustentar, os Estados investem em estratégias econômicas “trans-territoriais”, o que enfraquece o poder do território e valoriza o capital “inter-estatal”. Desse modo, a ideia de política econômica autônoma cede espaço para movimentações financeiras flexíveis em nível global, o que leva a uma “nova desordem mundial”, interferindo nas relações sociais e culturais (BAUMAN, 1999, p. 65-74).

étnicas, impulsionadas pelo término da Guerra Fria, com o fim da União Soviética, considerada “formação transétnica e transnacional”<sup>22</sup> (HALL, 2003, p. 55). Desde a Segunda Guerra Mundial, o multiculturalismo tem-se alterado e intensificado, tornando-se mais “evidente e ocupando um lugar central no campo da contestação política” (HALL, 2003, p.55). A partir dessa noção, a discussão sobre o nacionalismo na contemporaneidade ganha força, porque, no imperialismo, os Estados construíram imagens unificadas de identificação que, na emergência do multiculturalismo, tornam contrastantes a representação dos estereótipos nacionalistas tradicionais e a tradução dos elementos culturais híbridos. Na globalização, o nacional torna-se menos referencial aos grupos, que buscam salientar identidades mais ou menos autênticas.

Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014), Hall define o nacionalismo como “um sistema de representação cultural”. Logo, é formado por um conjunto de símbolos, produzidos e acompanhados pelos indivíduos, possibilitando a impressão de que a identificação com a nação seja parte da formação natural do homem. No entanto, na contemporaneidade, ocorre a transformação da concepção de identidade, principalmente em razão dos processos de industrialização e de globalização, que modificaram as relações do homem com o meio em que vive.

O novo olhar sobre as identidades múltiplas provocou análises mais sociais dos indivíduos, os quais tomam conhecimento sobre sua constituição nos sistemas complexos que formam as sociedades. Em consequência, o sujeito passou a ser visto como alguém que “pode assumir identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12).

O entrecruzamento dos indícios discursivos da homogeneidade cultural, herdados do imperialismo, com as novas concepções identitárias, decorrentes das relações políticas e econômicas que estreitam as fronteiras das nações, mas cujas relações de poder não são neutralizadas, destacam diferentes matrizes culturais que se entrelaçam. No entanto, por diferentes razões, os sujeitos não alcançam posições libertárias. Inclusive, sofrem com a violência e as contradições de sua condição de

---

<sup>22</sup> Os conceitos de “transetnicidade” e “transnacionalidade”, explorados por Hall, são importantes para se entender as formações multiculturais, haja vista que os países do Leste Europeu, cada um com suas composições míticas e identificações nacionais específicas, passaram a assumir uma identidade nacional comunitária, com importância política em proporções mundiais, que ultrapassam a noção fechada de nacionalismo e divulgam a heterogeneidade das formações culturais híbridas.

“exilado”, em situações de diáspora, que tornam ainda mais visíveis os embates gerados pela internalização da formação cultural nacionalista, em comparação à heterogeneidade identitária.

As contradições ocasionadas pelas diferenças culturais são teorizadas por Homi Bhabha<sup>23</sup> (1998). O autor aponta que as transformações identitárias fazem parte da própria constituição dos sujeitos e tornam-se perceptíveis nas construções discursivas, chamadas por ele de “performance”. Ele argumenta que o desempenho discursivo, para fugir dos binarismos intensificadores das contradições, deve se tornar um espaço de negociação, no qual o hibridismo deve destruir “as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política” (BHABHA, 1998, p. 51). Assim, para Bhabha (1998, p. 63), é necessário romper-se com a ideia excludente de diversidade, que é baseada na relação dicotômica entre o “eu” e o “outro”, cedendo lugar à diferença cultural, a qual pauta-se no processo de enunciação da cultura, buscando outras dimensões para o signo linguístico. O empenho em desconstruir e reconstruir o espaço enunciativo objetiva-se na divulgação de uma linguagem sem fixidez primordial, a fim de se promover o hibridismo em instâncias históricas, minimizando as representações culturais fechadas, herdadas do colonialismo, que ainda hoje perpetuam conflitos.

Com a evidência do hibridismo, os discursos de características hegemônicas são desestabilizados. Contudo, o reconhecimento do processo não se mostra pacífico, haja vista o contraste entre a internalização dos estereótipos culturais e as novas concepções identitárias. Isso pode ser verificado na desconstrução, tanto do perfil do colonizado africano e asiático, quanto do imigrante do leste europeu, que sofreram com as relações de poder intensificadas pelo capital.

À semelhança do posicionamento de Bhabha, Edward Said considera que os processos de descolonização geraram práticas culturais de resistência à opressão, fato importante para a consolidação da autonomia identitária dos sujeitos ex-colonizados. Por outro lado, seguiram as concepções “separatistas, essencializantes, dominadoras e reativas da dinâmica colonial” (SAID, 1999, p. 71). Tal percepção pode ser entendida

---

<sup>23</sup> O autor apresenta a epistemologia do pós-estruturalismo em seus estudos, com ênfase em Derrida, no sentido de que os conceitos e os discursos necessitam ser desconstruídos, a fim de assumirem novos significados e, de fato, divulgarem o pluralismo no campo social e político.

como uma das razões para os conflitos de representação, principalmente, ao ser considerada a dinâmica unificada do mundo contemporâneo. A tendência à homogeneização exige maior mobilidade territorial dos indivíduos, através das relações de trabalho e da comunicação digital. Por isso, o autor insiste no papel dos intelectuais em rever as imagens nacionalistas “toscas, reducionistas, grosseiramente racistas” (SAID, 1999, p. 70), que envolvem o Ocidente e o Oriente na formação de estereótipos.

Para ele, o gênero romance tornou-se objeto estético importante na formação de hábitos e experiências imperiais, nos séculos XIX e XX, quando estes retrataram as descrições a respeito do mundo “estranho” para os europeus. O desempenho contribuiu para reforçar a ideologia colonial, que desconsiderava a cultura do colonizado e atestava o conceito de “refinamento das manifestações artísticas”, nas quais era valorizado o que havia de “melhor” em cada sociedade. Tal postura relacionou cultura à tradição, mas, concomitantemente, tornou pública a existência da história dos nativos dentro dos territórios disputados no imperialismo, contribuindo para a afirmação identitária dos colonizados. No mundo liberal<sup>24</sup>, percebe-se ainda a perpetuação dos discursos de hegemonia engendrados no sistema colonial entre os europeus e os “selvagens”, que reforçam o preconceito contra o indivíduo que não contempla o reflexo do europeu.

Somado a isso, no livro *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), Edward Said aborda a situação do imigrante oriental no espaço ocidental e explicita a comunicação entre exílio<sup>25</sup> e nacionalismo, através da comparação com a dialética hegeliana do senhor e do escravo, sobretudo pela interdependência dos opostos. Nesse caso, Said (2003, p. 50) exemplifica que o indivíduo deslocado pretende o reconhecimento da coletividade no novo espaço, mas também procura manter as características individuais, atreladas à origem, tão forte o apelo que a representação

---

<sup>24</sup> De acordo com Octavio Ianni (1999, p. 53-54), o mundo liberal pode ser considerado como a aproximação entre geografia e história, na medida em que os territórios não se dividem por regionalismo na globalização e, sim, por investimentos. Em sua opinião, há cidades que se tornam capitais políticas, outras que são mercados ou fábricas. Isso se dá na medida em que “na cidade estão presentes as condições e os produtos da dinâmica das relações sociais, do jogo de forças políticas e econômicas, da trama das produções culturais. Ela pode ser centro de poder político, lugar de decisões econômicas, viveiro de ideias científicas e filosóficas, laboratório de experimentos artísticos”. Configurando o que o autor chama de oscilação entre o local e o mundial.

<sup>25</sup> Segundo Edward Said (2003), o termo “exílio” pode ser entendido como o deslocamento sem perspectiva de retorno, embora esse desejo permaneça latente nos sujeitos diaspóricos. Essa condição de deslocado pode ser provocada por diferentes situações, voluntárias ou não, mas sem estar necessariamente ligada à ideia de banimento na atualidade.

nacional exerce sobre o homem, que tenta se localizar no “território do não-pertencer”, o que Homi Bhabha ( 1998, p. 20) chama de “entre-lugar”. Isso ocorre em virtude de que

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que uma situação de exílio sem essa ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje (SAID, 2003, p. 50).

O ponto de vista de Said mostra a necessidade do exilado em reconstruir uma identidade que já é descontínua, devido às experiências de contato, que dificultam sua categorização em estereótipos pré-determinados, sobremaneira, quando submetida ao contexto global contemporâneo. Mediante o exílio, o indivíduo percebe as pátrias como provisórias (SAID, 2003, p. 58), oferecendo uma oposição ao nacionalismo tradicional, simultâneo ao sentimento de insegurança de não se ter referências rígidas sobre a cultura.

O contexto de globalização e a conseqüente desestabilização da noção de pátria e de descrição identitária estão presentes no objeto de estudo dessa dissertação, cujas estratégias narrativas indicam a busca pela interrupção dos discursos dominantes de hegemonia, que tendem a normatizar a desigualdade histórica e as diferenças culturais. A afirmativa encontra parâmetro na construção dos personagens ligados a diversas origens, mas que se constituem também das experiências de deslocamento. Portugal é o ponto de encontro dos diferentes papéis e dos conflitos constitutivos da corrupção dos estereótipos, do preconceito atrelado à expectativa nacionalista e dos desafios que o sujeito multicultural enfrenta na busca por oportunidades igualitárias. Esses elementos serão analisados a seguir.

## 2.1 O multiculturalismo em *Myra*

Diverso é o percurso da personagem Myra em sua estada em Portugal, desde a chegada ao Ocidente, ainda criança, até o desfecho do romance, quando é uma jovem mulher. Na tentativa de sobreviver<sup>26</sup> dignamente no novo país, ela transita por diferentes cidades portuguesas, numa espécie de fuga, tanto das relações afetivas, quanto dos espaços dos quais parece não se sentir parte. Dentre as razões para isso ter acontecido, menciona-se a migração forçada que a personagem enfrenta, em virtude da implosão do Estado Soviético. O fato histórico gera o lamento da menina sobre a separação da avó, única lembrança afetiva que é fornecida ao leitor. Também, a violência e a privação de liberdade vivenciadas no novo país retratam a condição de imigrante ilegal prometida ao tráfico de mulheres, situação que se infere no episódio da fuga de um prostíbulo<sup>27</sup> na parte inicial da história; pelo fascínio que sua aparência causa em outros personagens e pelo desfecho do enredo, ciclicamente devolvendo a imigrante ao destino da prostituição.

Com base nos estudos de Santos et al. (2009)<sup>28</sup>, a relação do tráfico de pessoas com a escravidão se dá através da restrição da liberdade, muito pertinente ao enredo de

---

<sup>26</sup> Cyro Saadeh e Mônica Mayumi Eguchi, ambos procuradores do Estado de São Paulo, em artigo chamado *Convenção relativa ao estatuto dos refugiados* - Protocolo sobre o estatuto dos refugiados, registram dois conceitos para a condição de refugiado. O conceito convencionado refere-se a homens, mulheres e crianças que, a cada instante, são obrigados a fugir do lugar onde residem habitualmente, com receio de perderem a própria vida, a segurança e a liberdade em razão de guerras, perseguições, discriminações, intolerâncias etc. Segundo o conceito doutrinário, para o jurista mexicano Jaime Ruiz de Santiago, refúgio é "o instituto criado pela comunidade internacional, com importantes antecedentes, cujas raízes se encontram em tempos remotos, que tem como finalidade básica oferecer proteção à Pessoa Humana, cujos direitos fundamentais — a começar pelo direito à vida, à segurança e à liberdade — tenham sido violados". Essas noções talvez se apliquem à condição da personagem Myra como refugiada, em razão da busca pela sobrevivência e por direito a uma vida sem exploração, apesar de a saída da terra natal não ter sido consentida. Portanto, no presente trabalho, o imigrante, em condições semelhantes a da personagem, pode ser considerado um refugiado.

<sup>27</sup> Para Daniel Damasceno Floquet, na dissertação *A pulverização das dicotomias em Myra*, de Maria Velho da Costa, publicada em 2010, pela Universidade do Porto, em Portugal, afirma tratar-se de um prostíbulo em Caparica, onde Myra teria sido abandonada pelos pais (FOQUET, 2010, p. 72). Segundo o site "Memória Portuguesa", a Costa da Caparica é uma cidade localizada ao sul de Portugal, atraindo turistas, a fim de conhecerem as belas praias formadas junto ao rio Tejo. Em 1985, foi elevada à categoria de vila e, em 2005, à de cidade. Possui uma área total de 10,7 quilômetros quadrados e integra as localidades de São João (parte sul), Santo António, Terras da Costa e Fonte da Telha. É o povoado com o maior número de população emigrante no país, contendo 7.800 residentes e de população flutuante nos meses de Verão, numa média de 35.000 visitantes.

<sup>28</sup> Mesma referência citada na nota 15.

*Myra*, já que a menina procura esconder sua identidade, a fim de não ser reconhecida como fugitiva e de ser aceita na nova nação em condições menos opressoras. A correspondência da mulher migrante com o tráfico de pessoas também é analisado por Santos, no sentido de que é mais visível a presença delas na contemporaneidade. Entretanto, isso não significa integração social e aceitação ao multiculturalismo, em razão de sua representação cultural ainda causar “perturbação”, tornando-as mais “vulneráveis a cair em redes de tráfico que as exploram e as violentam na sua dignidade” (SANTOS et al., 2009, p.75).

A situação da jovem converge para essa prática, não só pela questão da ilegalidade e pelo abrigo no bordel da Caparica, mas também por sua aparência, que é retomada em vários episódios. A representação do Leste oferece perigo para a garota, a qual se nega a aceitar o destino da prostituição<sup>29</sup>. Uma das evidências está na passagem em que *Myra* foge da primeira casa que a acolheu após a saída do bordel, a fim de salvar a vida de seu companheiro Rambo. Ela encontra com um senhor na praia, que a aconselha: “És formosa e branca, ó pobrinha de Deus. Não devias de andar assim a monte, tresmalhada. E loira, que é a tentação destas terras de moirama” (COSTA, 2008, p. 80).

O trecho evidencia a característica do povo português em ser atraído por pessoas loiras. A expressão “terras de moirama” remete ao episódio histórico da conquista muçulmana na Península Ibérica, no início da Idade Média, fato contribuinte para a heterogeneidade cultural em Portugal. A referência justifica o reconhecimento da sua cor de pele morena, quando comparado aos demais países europeus. Como não foi pacífica a relação entre cristãos portugueses e os muçulmanos mouros durante o período, a pele clara da menina do Leste é considerada um elemento exótico. A ideia contribui para o desejo sexual que ela desperta em terras portuguesas, justificado pela palavra “tentação”. Nesse ínterim, vale ressaltar que o catolicismo é a religião predominante em Portugal, então, por ser loira, *Myra* estaria sendo associada ao pecado, questão a qual ressalta a inferiorização da mulher no imaginário social ocidental e reforça as relações conflituosas de identidade entre Ocidente e Oriente.

---

<sup>29</sup> No artigo *Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação* (2009), Santos, Gomes e Duarte fazem a distinção sobre as diversas maneiras de se perceber a prostituição, chamando a atenção para quando a função ocorre de modo imposto, ou seja, contra a vontade da mulher.

O comportamento da personagem principal elucidada o que Edward Said propõe como “o sentimento de não pertencer” (SAID, 2003, p. 50) que acomete o deslocado da pátria. A sensação intensifica-se por conta de ela não se identificar com o estereótipo atribuído a si, conforme o fluxo de consciência da personagem: “não basta ser a melhor na escola, era preciso ser a melhor no mundo” (COSTA, 2008, p. 11). Da passagem, entende-se que sua formação cultural internalizada até o momento não é suficiente para alcançar êxito na nova sociedade.

Com relação à formação identitária, Stuart Hall (2014, p. 11) afirma que a identidade costura o indivíduo à estrutura social da qual faz parte, portanto, sob essa perspectiva, Myra, enquanto emigrante russa, traz consigo a formação cultural adquirida pelas práticas sociais efetuadas em seu país de origem. Ao chegar em um novo país, com particularidades ainda desconhecidas, a menina estrangeira, sem condições financeiras e sem parentes na atual nação, recorre ao mecanismo de proteger sua identidade, como uma forma de não esquecer sua origem. Em função da experiência negativa da chegada, a sobrevivência em parâmetros libertários torna-se difícil.

Myra vem de uma nação que carrega consigo o símbolo da revolução comunista e a importância de um passado histórico que protagonizou a bipolaridade do mundo durante a Guerra Fria. O livro expõe a jovem imigrante a situações adversas, por conta de sua identidade passar a ser vista pelo olhar do Ocidente capitalista, para quem o passado glorioso da URSS já não é valorizado. A identidade nacional de Myra sucumbe na exposição ao país português, visto que “a identidade também é uma estrutura de poder cultural” (HALL, 2014, p. 35).

No trânsito de Myra por Portugal, a jovem entra em contato com diversos personagens, mas, a exceção do cão Pit Bull Rambo, com quem estabelece uma aliança, a menina não cria vínculos afetivos. Sua atitude de preservar-se está relacionada à questão do estereótipo atribuído a ela, colocando-a numa posição marginalizada na nova nação. Diante disso, é notável a dificuldade da imigrante em enquadrar-se no estereótipo do português, já que os personagens habitantes de Portugal são descritos de forma plural. Por conseguinte, há o esclarecimento da constituição cultural do país, calcada nos movimentos de conquista ultramarina do período imperial e nos movimentos migratórios da contemporaneidade.

A introspecção da personagem, no que concerne à nova nação, tem relação com a perda da avó, associada à perda da pátria. No texto *Luto e Melancolia* (1972), Sigmund Freud aborda possíveis patologias ligadas à morte, efetiva ou simbólica, no comportamento dos indivíduos. Ele aproxima os conceitos de luto e de melancolia, em decorrência dos sintomas ocasionados na personalidade desses sujeitos. As duas concepções são definidas pelo psicanalista alemão da seguinte maneira:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica (FREUD, 1972, p.142).

Com base nas definições de Freud, é possível delinear que a psiqué de Myra oscila entre o luto e a melancolia. Há indícios de luto na separação da avó que, alegoricamente, representa a nação socialista, cujos valores coletivos são substituídos pelos individuais no sistema capitalista, fato acontecido após o fim da União Soviética. A abertura econômica dos países comunistas do Leste Europeu trouxe crise, obrigando as pessoas a migrarem em busca de sobrevivência. No caso de Myra, é notável a relutância em sair da Rússia, pois prefere a miséria a ter que abandonar um ideal, o que pode ser verificado na passagem:

Ou queria voltar para lá, para o frio, para a miséria de andar escondida com a avó a pedir pelas ruas desabridas? Myra queria, respondona, e batiam-lhe mais, exasperados, doentes de cansaço, tantos no mesmo quarto até dormir (COSTA, 2008, p. 11).

O mesmo é entendido no diálogo de Myra com o cão Rambo: “A minha vida não é igual às outras, Rambô. Fui proibida de existir. Fui roubada de poder ser” (COSTA, 2008, p. 55). O sentimento de ter tido a vida roubada gera na personagem a relutância em se permitir trocas culturais, visto que a perda da pátria é encarada como a ausência da própria identidade, conforme se depreende da explanação de Freud:

Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação ( FREUD, 1972, p. 145).

Na tentativa inconsciente de resgatar a “avó-mãe” (COSTA, 2008, p.220), Myra evita mostrar-se, a fim de não ser assimilada à cultura do outro. Ela se fecha no mundo das narrativas fictícias que conta a cada personagem que cruza o seu caminho. Se por um lado, a menina russa valoriza a figura da avó, por outro, hostiliza a figura da mãe, conforme pode ser entendido na reflexão a seguir:

E tu, quem te arrancou da boca da tua mãe, donde pendias todo húmido, lambido, quando ela te carregava na busca de nichos seguros? E os teus irmãos, a ninhada dispersa, os cães têm sempre tantos gémeos. Quem interrompeu, quem matou a tua linhagem? Sou eu agora a tua gémea, Rambô. E os outros, que conheço só de ler, todos mortos, uma ninhada de perdidos da mãe. Ai, ai, ilhas que só o tempo desencobre. Ai, ai, eu, ai, a pena e o medo que temos e fazemos. Foi tua mãe uma fera? Foi dela que te deixou cair os queixos nas mãos dos maus donos, submissa à porrada? A mim foi. Ai eu, coitada, ai de nós (COSTA, 2008, p. 56).

Se a avó é a representação da pátria socialista, no auge do seu poder político durante o comunismo, a mãe de Myra representa o enfraquecimento da pátria, que se abre ao capital e, como consequência, expatria os seus filhos. A referida citação remete ao fato de a mãe tê-la separado da avó e a conduzido até Portugal, onde a garota sofre com a violência, com o tolhimento e com o escárnio. Lá, a mesma miséria que sofria na Rússia acarreta no seu encaminhamento à prostituição. Com o avançar do romance, essa ideia solidifica-se:

Está sentada ao colo da mãe, ainda na casa de Chelas<sup>30</sup>, que partilhavam com o pai e com mais oito expatriados do Leste. É de dia, mas ela e a mãe estão de pijama de felpa e roupão e estarão doentes, diante da televisão, a ver desenhos animados. Será muito pouco depois de chegar, pois não entende as legendas nem lê, e pouco da língua, o inglês, que a mãe vai lhe traduzindo para o russo. (...) Nada mais lhe lembra, Myra sacode-se, não quer que venham a seguir as memórias dos açoites, e das injúrias, a míngua e a fadiga na casa da Caparica. A troça na escola, do seu trajar e do seu falar remendados. Ser a melhor no mundo, pagar um sacrifício da avó, deles, que não pedira (COSTA, 2008, p. 148).

---

<sup>30</sup> Segundo o site “Transportes de Lisboa”, Chelas é uma menção à estação de metrô, localizada em Lisboa, que efetua rotas pertencentes à linha D, a chamada “Linha do oriente”, inaugurada em 19 de maio de 1998.

As lembranças da mãe são conflituosas para Myra, porque estão associadas a um momento doloroso, que retira a inocência de sua infância. A perturbação da garota pode ser entendida como um traço de melancolia, pois a mesma sente-se vítima de um sacrifício exigido dela e, com isso, volta-se contra o afeto que sentia pela mãe. Sobre a associação entre melancolia e conflito, Freud explicita que

a melancolia contém algo mais que o luto normal. Na melancolia, a relação com o objeto não é simples; ela é complicada pelo conflito devido a uma ambivalência. Esta ou é constitucional, isto é, um elemento de toda relação amorosa formada por esse ego particular, ou provém precisamente daquelas experiências que envolveram a ameaça da perda do objeto. Por esse motivo, as causas excitantes da melancolia têm uma amplitude muito maior do que as do luto, que é, na maioria das vezes, ocasionado por uma perda real do objeto, por sua morte. Na melancolia, em consequência, travam-se inúmeras lutas isoladas em torno do objeto, nas quais o ódio e o amor se digladiam; um procura separar a libido do objeto, o outro, defender essa posição da libido contra o assédio (FREUD, 1972, p. 150).

A separação da avó significa a perda do afeto, pois é na recordação do passado com ela que se faz conhecer o sentimento de ternura da infância de Myra. O afastamento entre ambas figura em um luto. Por conta desse apego, a menina russa associa à avó a segurança de uma pátria estável. A separação da mãe significa a percepção da pátria como um lugar desestabilizado, que rejeita sua identidade original e a projeta para a nova nação. Isso configura a melancolia conflitante do desejo de não abandonar a velha identidade, mas também de negar a transformação por que a pátria passou. O embate entre a velha e a nova condição a faz desejar o retorno à “avó-pátria”, a socialista, na qual não havia desigualdades. Das dicotomias avó/mãe e pátria comunista/capitalista, surge uma terceira geração da qual Myra é representante. Ela vive a desestabilização da homogeneidade identitária, já que a identidade original é rejeitada na pátria diluída e também não encontra amparo na inserção em outras culturas.

Afastando-se de Freud, Eduardo Lourenço (2001) propõe uma disjunção da categoria de melancolia, quando teoriza sobre a melancolia que acomete a sociedade portuguesa. O sentimento tem origem na valorização do passado glorioso de conquistas que já não faz mais parte da situação atual do país, mas que permanece vivo no imaginário social luso. Em comparação com o romance em estudo, nota-se a semelhança com o sentimento de Myra, visto que a garota não consegue aceitar os

novos rumos político-econômicos tomados na terra natal, os quais se aproximam aos do novo território, capitalista. A percepção das desigualdades revela o juízo de valor negativo em relação a sua nacionalidade.

Isso ocorre porque, segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 245), a URSS interferiu diretamente nas lutas de libertação africanas e protagonizou a bipolarização do mundo durante a Guerra Fria. Para o historiador, a identidade russa, representada pela URSS, foi reforçada pelos norte-americanos e assimilada pelos outros países não socialistas como uma ameaça à economia global. A imagem desfavorável do indivíduo do Leste altera o tratamento dado ao imigrante oriundo dessa região em terras ocidentais.

A construção da personagem propicia discussões sobre o nacionalismo, haja vista o conjunto de práticas culturais revestidas pela identidade nacional soviética. Stuart Hall (2003, p.55) comenta sobre fim da Guerra Fria, mais especificamente, após o ano de 1989, quando ocorreu a ruptura da União Soviética. O evento representa o declínio de um desenvolvimento industrial alternativo ao capitalismo e da queda de um Estado de formação “transétnica” e “transnacional”. Hall aponta os efeitos desse momento histórico promotor de impacto em todo o mundo. A partir dele, houve o interesse dos Estados Unidos em construir “uma nova ordem mundial”, na qual o Ocidente passa a exercer pressão sobre o Oriente. A pluralidade política e cultural constituintes dos diversos países do Leste Europeu, envolvidos no processo, são desconsideradas. Como consequência, o autor aponta as diferentes tensões vividas nessas sociedades, materializadas na “forma multicultural”.

A abordagem de Hall sobre o Leste Europeu multicultural e a pressão ocidental incidida sobre esses países, torna-se importante na interpretação sobre a construção da personagem *Myra*. Seu estereótipo é desconstruído, em razão de ela parecer fazer parte de uma formação cultural homogênea, em contraponto à constituição plural do Leste Europeu. Envolvida pelo nacionalismo soviético, é, ainda, submetida à desestabilização em solo português.

Com o desenvolvimento do enredo, uma gradual mudança acontece à identidade da imigrante, possibilitando novamente o diálogo com a teoria freudiana, haja vista a previsão de que o processo melancólico possa chegar ao fim:

Do mesmo modo que o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo de continuar a viver [ver em [1]], assim também cada luta isolada da ambivalência

distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o. É possível que o processo no *Ics.* chegue a um fim, quer após a fúria ter-se dissipado, quer após o objeto ter sido morto. Das três precondições da melancolia - perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego -, as duas primeiras também se encontram nas auto-recriminações obsessivas que surgem depois da ocorrência de uma morte, sendo o objeto abandonado ou destituído de valor (FREUD, 1972, p. 151).

No caso de Myra, o objeto do desejo é a mãe-pátria, que passa a ser desorganizado no momento do encontro entre a jovem e Rambo. A união entre os dois simboliza a desestabilização dos sujeitos culturalmente fixos e homogêneos, pois a menina sofre a transformação ocasionada pela menstruação e parte em viagem para encontrar um lugar seguro para ela e para o cão. Durante a viagem, sua identidade original permanece oculta. Todavia, ao inventar as narrativas, é visível a formação multicultural assumida. Na medida em que a estrangeira começa a conviver com outros personagens multiculturais, passa a conscientizar-se da hibridez traduzida no novo país. Ao utilizar os disfarces<sup>31</sup>, busca obter uma representatividade que seja aceita pelos portugueses.

A respeito da identidade lusa, Boaventura de Sousa Santos (2006) discute sobre o multiculturalismo que cerca a cultura portuguesa que, segundo ele, “teve sempre uma grande dificuldade em se diferenciar de outras culturas nacionais ou, se preferirmos, uma grande capacidade para não se diferenciar de outras culturas nacionais” (SANTOS, 2006, p. 230). Isso tem ligação com o olhar da sociedade portuguesa sobre si como europeia, em contraponto a uma série de práticas culturais que confrontam a noção de identidade hegemônica do europeu. Dentre essas práticas, o autor discorre sobre a miscigenação evidenciada na cor da pele dos portugueses, que já tinham a pele escura, em razão da localização geográfica e do clima. O relacionamento sexual entre brancos e negros, no auge da colonização, intensificou o julgamento. A partir do século XVIII - século que marca o início da dominação Inglesa na economia colonial, os portugueses

---

<sup>31</sup> Maria José Carneiro Dias, em sua tese intitulada “Maria Velho da Costa: uma poética de au(c)toria”(2013), analisa os nomes falsos que a personagem Myra utiliza como sendo “disfarces”, numa profusão entre arte e vida, usados por Myra para legitimar seu estereótipo cultural no contato com outras personagens, o que é denominado no trabalho como “jogo de simulacros” (DIAS, 2013, p. 225).

eram descritos pelos demais europeus como morenos, mal asseados, dissimulados e vingativos. Qualidades atribuídas aos africanos e ameríndios durante a dominação das colônias (SANTOS, 2006, p.252). De acordo com o mesmo autor, enquanto Portugal era mal visto na Europa por ser miscigenado, os portugueses viam esse fenômeno cultural como “um triunfo humanista” (SANTOS, 2006, p. 252).

O juízo de valor negativo, aludido à cultura portuguesa, coloca em jogo a questão dos estereótipos. Vista de fora, a mesma sociedade era considerada rude, proporcionando o seu reconhecimento como “o outro” dentro da Europa:

A simetria entre os estereótipos dos portugueses, por parte dos europeus do Norte, e os estereótipos dos povos nativos da América e da África, por parte dos europeus do Norte e do Sul, torna-se particularmente consistente no que respeita à ambivalência com que a estigmatização do outro é penetrada pelo desejo radical do outro (SANTOS, 2006, p. 254).

A ambivalência das representações, de acordo com Santos, está ilustrada no fato de que, quando analisados de dentro, os portugueses são considerados gentis, amáveis, sensíveis, melancólicos, aventureiros e sem competência para cargos de chefia (SANTOS, 2006, p. 255), atributos positivos e contrários aos expostos anteriormente. Eles aproximam o julgamento do colonizador para com o colonizado, por isso, considera-se que a cultura de Portugal é de fronteira, um deslocamento do binarismo exato atrelado a dominador e dominado, conforme se compreende da explanação de Santos:

(...) os portugueses nunca puderam instalar-se comodamente no espaço-tempo originário do Próspero<sup>32</sup> europeu. Viveram nesse espaço-tempo como que internamente deslocados em regiões simbólicas que lhes não pertenciam e onde não se sentiam à vontade. Foram objeto de humilhação e de celebração, de estigmatização e de complacência, mas sempre com a distância de quem não é plenamente

---

<sup>32</sup> No livro *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (2006), Boaventura de Sousa Santos escreve o capítulo chamado “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”, no qual o autor faz uma aproximação entre sua teoria identitária em relação aos portugueses, tendo como base os personagens Shakespearianos, Próspero e Caliban. Na obra *A tempestade* (1611), Próspero é um representante da nobreza, o Duque de Milão, o qual foi traído pelo irmão e isolado em uma ilha, e que mantém como escravo o personagem Caliban. Tais representações lembram os processos identitários surgidos no período colonial, quando o nativo era visto como o selvagem, como uma aberração, devendo servir ao Senhor colonizador, exatamente como ocorre com Caliban. Sendo assim, no texto de Santos, são exploradas as características de ambivalência das identidades, mostrando que a sociedade portuguesa apresenta traços de um Caliban perante o julgamento dos Europeus do Norte, como a Inglaterra, e também de um Próspero calibanizado, justamente pela sua “identidade de fronteira” (SANTOS, 2006, p. 256), pois Portugal alcançou poder territorial, mas sucumbiu a imposição do poder inglês, como um colonizado, fazendo refletir em suas colônias incongruências identitárias complexas e contraditórias.

contemporâneo do espaço-tempo que ocupa. Forçados a jogar o jogo dos binarismos modernos, tiveram dificuldades em saber de que lado estavam (SANTOS, 2006, p. 256).

O entre-lugar o qual Portugal ocupa durante o colonialismo lhe rende julgamentos tanto de representação dominadora, quanto de subalterna no sistema global. No livro, isso está ilustrado no prostíbulo da Caparica, onde as atitudes são consonantes com a do colonizador e, na Casa Branca, de Orlando Gabriel, onde as posturas são de generosidade, através do acolhimento da imigrante.

Portanto, além da melancolia gerada pela perda da pátria, a violência com que é recebida no novo país leva Myra a acreditar no estereótipo do português enquanto opressor. Desse modo, Myra protege sua identidade na criação dos próprios personagens, deparando-se com o universo multicultural em Portugal, conforme será analisado no próximo subcapítulo.

## 2.2 O jogo de disfarces: representações e traduções

Nos armazéns do Porto de Lisboa, a menina Myra, com sua aparente fragilidade, domina o cão feroz Rambo, não pela agressividade que o fazia obedecer a seus antigos donos, mas pela caridade com que dividiu o pão com o novo amigo. Desse encontro, surge a força motivadora para a imigrante partir em busca de um abrigo, que talvez tivesse ares de lar, motivando a menina a dizer a Rambo “vamos, irmãozinho, em russo” (COSTA, 2008, p. 14).

A ligação entre os dois referidos personagens é imediata, mas agrava o problema de Myra. Além de não querer ser identificada como imigrante fugitiva, deveria despistar a identidade do cão, a fim de não retornarem às mãos dos respectivos algozes. Para se protegerem, eles assumem identidades fictícias, que sofrem modificações em cada nova relação. Após a decisão de buscar ajuda, o primeiro personagem a cruzar o caminho de Myra e Rambo é o motorista de caminhão Ernest Kleber, um imigrante austríaco-alemão, abrigado na casa de uma portuguesa, chamada Mafalda Ivens. Enquanto oferece carona aos viajantes, Kleber diz à garota que “um nome é um destino” (COSTA, 2008, p. 33). Em resposta, ela afirma “não é não, senão a pessoa mudava de destino cada vez que mudasse de nome” (COSTA, 2008, p. 33). Incapaz de alterar o seu destino, Myra troca o seu nome para Sónia e o de Rambo para César, mas os dados que apresenta ao “caminhonista” parecem constituir a sua própria história, de menina russa e pobre. Chegou a Portugal aos seis anos, sem documentos, na companhia de pessoas que, aparentemente, pertenciam a organizações bem estruturadas, pois “tinham sempre dinheiro e lugar onde ficar” (COSTA, 2008, p. 34).

Os dados trazidos por Myra causam compadecimento no homem. Sentimento o qual pode ter evitado um temido abuso sexual: “Tantos cuidados, pensou Myra. Se eu tiver que fugir deste, como é que faço? (...) Nem que ele lhe pedisse uma mamada e isso ela tinha aprendido a fazer” (COSTA, 2008, p. 35). Nesse caso, a narrativa converge para o estereótipo da mulher oriental, que se identifica com a fragilidade diante do homem bruto.

O exotismo aparece em diversas passagens, quando se observa o assédio por conta da aparência de Myra, uma alusão ao fato de que mulheres do Leste Europeu são aliciadas na prostituição, em solo ocidental. No entanto, a personagem resiste ao possível destino de mulher estrangeira, pobre e de pouca idade no novo país. Na

passagem exposta, a jovem russa recebe auxílio do imigrante Kleber, no entanto, sente-se intimidada por ele. Contrariando sua expectativa, o Sr. Kleber oferece abrigo à Myra na casa da patroa e lhe diz palavras de conforto. Os diálogos entre eles deixam evidente a formação socialista do motorista, o que pode ter desencadeado na garota a esperança de encontrar um bom lugar para se desenvolver e quem sabe voltar à antiga pátria:

Não tenha medo, miúda. Em todas as histórias há sempre uma ponta de paraíso, um véu de clemência que estende uma ponta, fugaz que seja.

O Sr. Kleber é professor?

Não, mas fui bem ensinado. Não como crianças e muito menos carne de cão (COSTA, 2008, p. 35).

O discurso de Kleber traz à tona o senso comum sobre os estereótipos do comunista e do oriental, difundidos no Ocidente capitalista, através das expressões “não como crianças” e “muito menos carne de cão”<sup>33</sup>. Tal passagem compreende o estigma da nacionalidade do Leste, relembrando a exposição dos imigrantes, os quais ocupavam bons empregos no país de origem, mas que se sujeitam a empregos inferiores em outros territórios, segundo as concepções do sistema econômico global. Para Myra, cuja expectativa é pessimista, o fato de Kleber ter sobrevivido e se adaptado ao novo país, motiva a garota a continuar sua jornada.

A respeito do julgamento sobre as identidades em deslocamento, Hall ilustra que “encontra-se aqui o retorno do particular e do específico - do especificamente diferente – no centro da aspiração universalista panóptica da globalização ao fechamento” (HALL, 2003, p. 59). Desse modo, por estarem distantes da terra natal, a aproximação dos personagens imigrantes leva à valorização de Kleber que, no julgamento da garota, está no mesmo patamar hierárquico que a patroa. A premissa confirma-se em passagens posteriores, nas quais a menina dirige-se tanto a ele (o empregado), quanto à Mafalda (a empregadora) como “Senhores”.

Entretanto, Ernest Kleber é um criado de Mafalda Ivens, servindo-lhe na fazenda e, também, no quarto. A atmosfera do romance mostra que não há entre eles o sentimento de amor, mas sim, um contrato de poder. Uma alusão às relações

---

<sup>33</sup> Eram expressões depreciativas, muito atribuídas aos comunistas pelos não simpatizantes ao socialismo, difundidas na mídia capitalista, após o movimento da Revolução Russa ter ganhado apoio de inúmeros seguidores em diversos países, muitos deles estando em meio a regimes ditatoriais.

estabelecidas no sistema capitalista, nas quais Kleber representa a força de trabalho e, Mafalda, a dona da produção. Mesmo o imigrante alemão traduzindo-se como um intelectual, acadêmico, sensível às causas humanas, essa característica não faz diferença para a patroa, que lembra o seu papel de subordinado, a todo o momento:

O Senhor Kleber diz que o amor dos astros é o princípio de todo o conhecimento abstracto e concreto e que as equações são isso. Berço dos cosmos e prova de Deus. Que há um Deus.

A Senhora Mafalda riu-se e traçou a via doirada com a trincha para cima dos outros sinais indecifráveis, criaturas ou coisas.

Berço do Cosmos de Ernest Kleber sei eu onde é agora, Sophia, e tu também. A minha cama, a minha roupa e a minha mesa, tudo lavado. Não te faças de sonsa metafísica. Sabes onde fica o Leste?

É de onde eu vim, Mafaldinha (COSTA, 2008, p. 41-42).

O discurso de Mafalda ressalta a subalternidade atrelada ao Leste Europeu, sob o julgamento ocidental, após o fim do comunismo. Sua origem está associada ao fracasso das comunidades comunistas, intensificada pela necessidade de migrar para trabalhar e viver em condições melhores nos países capitalistas europeus. Nesse sentido, Kleber e Myra novamente aproximam-se, todavia, Mafalda os julga como submissos. Ao afirmar sua origem no Leste, Myra é desvalorizada pela pintora portuguesa, tanto que Mafalda despreza a garota:

O que é isto?, dissera a Senhora Dona Mafalda de cima do escabelo, como hoje, uma lata de tinta na mão e um pincel grosso na outra, como hoje. (...)

Isto foi achado na estrada. É russa. (...)

Sophia Nicolaievna Stabnikov. Chamavam-me Sónia, mentiu. Sophia ficas. Sónia, aqui, é nome de carteirista endinheirada. Sophia, ficas. E o cão também. Sónia, francamente! (COSTA, 2008, p. 38-39).

Ao referir-se à Myra como “isto” Mafalda desumaniza a imigrante, que passa a existir na fazenda, somente após assumir a identidade de Sophia, ato determinado pela dona das terras. Com isso, infere-se que, no papel de imigrante, Myra não possui valor no novo espaço, por isso, Mafalda lhe oferece educação, no intuito de inseri-la no novo sistema. O processo de inserção pode causar problemas ao sujeito multicultural, justamente porque o nacionalismo ainda é uma barreira para o desenvolvimento dos sujeitos diaspóricos. É exigido da imigrante que se adapte aos costumes do novo país, como se fosse possível apagar os traços culturais constituídos antes do seu deslocamento para Portugal. No episódio em que a pintora Mafalda a abriga em sua

casa, é perceptível o desejo da anfitriã de transformar Myra, conforme o seu entendimento sobre como a garota deveria representar uma “legítima” portuguesa:

Não te mexas. Hoje estás vestida como eu quero, com a minha roupa de pouco menstruada, ou de menstruada há pouco (...). Vou responder a tudo, pensou Myra. Manha e força, força e manha, o sangue puxa o sangue, irmãozinhos. É preciso acautelar-se, pensa Myra, Sophia, quieta como uma menina exemplar (COSTA, 2008, p. 42).

O intuito de Mafalda em incluir Myra na cultura portuguesa terminou por cercar a garota. No entanto, ela demonstra consciência do jogo de simulações nos quais precisa atuar para ser reconhecida como cidadã em Portugal. A concepção da pintora sobre a cultura ainda está apoiada na tradição, pois sua fala confere maior status à nação ocidental (representada por Mafalda) com relação à oriental (representada por Myra). Daí se depreende a dificuldade dos imigrantes para serem aceitos em sociedades consideradas fechadas para as ideias descentralizadoras, como Portugal (SANTOS, 2006). Essa característica impulsiona a valorização da ideia de nação enquanto instituição fechada e pura, contribuindo para os conflitos identitários que envolvem o multiculturalismo.

A composição da personagem Senhora Dona Mafalda de Souza Ivens, como é referida, demonstra contradições no que tange aos estereótipos, pois evidencia traços multiculturais, ao mesmo tempo em que reproduz práticas estigmatizantes. Sua educação fora de Portugal a faz pensar que a Língua Portuguesa “não era uma língua viva. Podiam falar de tudo com pouco sentimento” (COSTA, 2008, p. 52), concepção que permite a interpretação de que Mafalda não estaria presa à tradição nacionalista. A profissão de pintora carrega a simbologia da sensibilidade, da reflexão e do comprometimento com o mundo. Contudo, diante de todos a sua volta, a Sra. Ivens comporta-se como uma estancieira de pulso firme, que considera ser necessário “muita regra e mão”, para controlar os impulsos e a vida, já que “nada é manso” (COSTA, 2008, p. 43). A estratégia de controle parece agradá-la e a deixa segura, porque ela sabe ou acredita que “seria sempre sua a última palavra” (COSTA, 2008, p. 54).

O comportamento sinuoso de Myra não permitiria que a anfitriã a dominasse. A falta de controle sobre a garota faz com que Mafalda se volte contra ela, segundo subentende-se do trecho em que Kleber e a amante conversam sobre a desejada morte de Rambo, após este matar uma ovelha no campo: “Estou viciado no mistério daquela

criança, que adoptamos. Não pode matá-lo. (...) Eu nunca adoptei coisa nenhuma, quanto mais essa serigaita com o aborto do cão à trela” (COSTA, 2008, p. 53-54). O mistério que Myra inspira pode estar em acordo com sua relutância em hibridizar-se, motivo de censura por parte de Mafalda que, por sua vez, não quer adquirir elementos da cultura do outro, mas termina por impor a sua cultura sobre Kleber e Myra. O desprezo de Mafalda e a iminente morte de Rambo impossibilitam a imigrante de reconhecer a Casa Grande como um lar, ou, metaforicamente, Portugal como uma nova pátria. A relação da pátria com a identidade é discutida por Edward Said, quando este comenta sobre os sentimentos de desafio e de perda que acometem o indivíduo em deslocamento. O sujeito precisa lidar com os efeitos de sentir-se desligado da terra natal, do mesmo modo em que necessita distanciar-se do conjunto de práticas as quais “unem hábito com habitação” (SAID, 2003, p. 50). Os embates interiores dos imigrantes solidificam-se no contraponto entre a adaptação ao novo local e a “necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas” (SAID, 2003, p. 50).

A constatação da rejeição de sua identidade na Casa Grande causa a mesma decepção ocorrida na separação da “mãe-pátria”. O abandono num país estrangeiro, diante de um mau destino, lhe traz transtorno, em razão de tornar-se consciente da impossibilidade de recuperar sua “avó-pátria”, tão estimada, onde Myra se reconhecia como uma cidadã. A jovem é a representação do imigrante oriental, deslocado na Europa ocidental. Já Mafalda Ivens é a representação do português tradicional. A Casa Grande simula Portugal, nação cujos valores culturais foram incorporados com base nos heróis conquistadores, os quais corroboram com o sentimento nacionalista. Realizando-se esse exercício metafórico, pode-se conceber que a dificuldade de definir a pintora em um padrão alude à falta de definição de Portugal em relação às demais culturas, conforme Santos (2006).

O pesquisador menciona que as características culturais de Portugal teriam sido influenciadas por um “colonialismo subalterno”, devido à “condição semiperiférica” que ocupou no período colonial e que ainda é reproduzida desde sua inserção na União Europeia (SANTOS, 2006, p. 227-228). Isso significa que as práticas culturais tomam forma em perfis mais identificados com o colonizador, por conta de o país ter dominado colônias. Mas traduziu contornos do colonizado, em face da dependência da Inglaterra

no passado, constatado, na atualidade, pelo fato de Portugal ainda não estar no centro do poder econômico europeu.

No caso de Mafalda Ivens, ora suas atitudes convergem para uma postura receptiva à migração, ora apresenta-se mais contundente com as noções fixas de identidade. Durante algum tempo, Myra sente-se acolhida no lar de Ivens, entretanto, o final do encontro demonstra que a abertura ao multicultural ainda é superficial. A pintora portuguesa, com o olhar estereotipado da imagem do colonizador, observa a menina russa como uma “nativa”, sem perceber que o contato entre elas é, inevitavelmente, via de mão dupla.

A rejeição de Myra motiva ao planejamento da morte de Mafalda, entendida como a morte simbólica da nova pátria, a qual não acolheu a imigrante. Ao sair da Casa Grande, Myra diz a Rambo, inspirada em Scarlett O’Hara<sup>34</sup>: “nunca mais hei de chorar. Nem a ti” (COSTA, 2008, p. 57). A intertextualidade entre as duas personagens somada aos últimos acontecimentos ocorridos com Mafalda e Kleber, possibilitam a análise de que o instinto de proteção de Myra intensifica-se.

Na obra *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), Julia Kristeva escreve sobre o comportamento do estrangeiro em relação aos indivíduos não deslocados e o novo local. Numa visão psicanalítica, desenvolve a ideia de que “o estrangeiro ocupa, explicitamente, manifestadamente, ostensivamente o lugar da diferença” (KRISTEVA, 1994, p. 47). Evidencia a desestabilidade de si e dos grupos, nem sempre dispostos a aceitar a heterogeneidade, o que problematiza a questão da identidade. Segundo a autora, o enquadramento da diferença movimenta sentimentos combinados de “humildade e arrogância, sofrimento e dominação, fragilidade e onipotência”, representando um “furor, um estado limite” (KRISTEVA, 1994, p. 48) interior, que expõem o estrangeiro a situações conflituosas.

---

<sup>34</sup> No filme *E o vento levou*, um clássico do cinema norte-americano, inspirado no romance de Margaret Mitchell, Vivien Leigh dá vida à personagem Scarlett O’hara, que é filha de imigrantes irlandeses, habitantes do sul dos Estados Unidos. Durante a guerra civil nesse país, iniciada no ano de 1861, ocorre uma transformação na vida de Scarlett, tornando-a mulher determinada e lutadora pela sobrevivência. Ao retornar às terras da família, na Geórgia, deparando-se com a morte da mãe, a loucura do pai e a miséria total, a personagem dirige-se aos céus e diz, na tradução para o português: “Por Deus eu juro, jamais sentirei fome, nem eu nem ninguém da minha família, nem que para isso eu tenha que matar, roubar, mentir ou trair, por Deus eu juro, jamais sentirei fome novamente”.

Segundo Kristeva, a situação psicológica limite do deslocado que não reconhece um lar, leva-o a supervalorizar a individualidade, como se o seu território fosse o seu interior, a fim de evitar o choque que o contato com o outro lança sobre si. A fixação em si mesmo o possibilita utilizar estratégias de relacionamento baseadas na criação de múltiplas máscaras, tornando-o “nem inteiramente verdadeiro, nem inteiramente falso, sabendo adaptar aos afetos e aos desafetos as antenas superficiais de um coração de basalto” (KRISTEVA, 1994, p. 16).

Em consonância com as considerações de Kristeva, comenta-se que a tentativa de adaptação ao novo local, a partir da fuga da Casa Grande, requer uma transformação. Se antes a jovem escondia o nome - mas não negava a nacionalidade - depois, as novas identidades passam a transparecer elementos multiculturais, como pode ser visto na passagem em que ela e o cão entram numa taberna e se deparam com homens cujos estereótipos a sobreavisam sobre um possível reconhecimento:

*Déja vu*, pensou Myra para o cão, quantos já vistos.  
E o cão, abanando a cauda sempre, disse,  
Deixa, são humanos, que outro bem há? E comem carne.  
(...) Os perigos estavam ao balcão (...).  
Ao balcão estavam duas criaturas de costas para o jogo, de costas para a porta, quase de costas um para o outro, falando da ponta da boca, o queixo empinado, hostis, dois desavindos” (COSTA, 2008, p. 61).

A descrição do casal fixado no balcão possibilita a associação com aliciadores, nos quais a mulher deseja ser “atirada às vendas” (COSTA, 2008, 62) e o homem é denominado por ela como o “suíno das damas” (COSTA, 2008, p. 62). Myra, instintivamente, “cheirando perigo” (COSTA, 2008, p. 62), cria outro disfarce, com base nas lembranças de convivência com Kleber. Ela imita traços da fala alemã e apoia-se no julgamento da atendente da taberna, que se refere a ela como “minha rica” (COSTA, 2008, p. 63). A imigrante busca o reconhecimento do casal como moça pertencente à família de posses que, por ter referências, pode evitar a captura. Myra trava um duelo com o casal na beira do balcão, mas sai vencedora por recorrer a artifícios convincentes, como o sotaque alemão, boas roupas, dinheiro para pagar a conta e o cão Pitt Bull seguro pela trela, conforme se entende da passagem a seguir:

Enquanto guardava o troco e o saco plástico com as oleosas virtualhas, disse para Rambo, Sit Fritz, e Rambo sentou-se, desapontado do nariz. Pensei que a menina era alemoa, disse o homem, para não perder a face, entumecida. Quer que a acompanhe até a viatura do paizinho? De largo.

Seduzia, provocava, contra o medo, contra a mulher a que quase se encostava e que agora se ria, estremecida de riso sem som, vitoriosa, desfeçada de ódio.

Cães obedecem melhor em inglês, disse Myra. Mutti trazer ele de América. Bom noite.

E pensou rápido, mexendo rápido. Viatura? Paizinho? Ou era alta polícia, ou político. As pessoas são aquilo que falam, dissera Ernest Kleber.

Excepto por dentro, corrigia Mafaldinha, tinta na queixada, pensando em outra coisa (COSTA, 2008, p. 64).

A citação mostra os elementos multiculturais que atravessam os sujeitos através dos discursos de representação. A lembrança de Myra a fez captar os ensinamentos de Ernest Kleber e Mafalda, respectivamente: “As pessoas são aquilo que falam” e “exceto por dentro”. A fala de Kleber faz referência àquilo que se incorpora na experiência com o outro, que seria a generalização nacionalista tradicional, ou a representação atribuída às comunidades étnicas. A fala de Mafalda contempla as individualidades, as características específicas de cada sujeito dentro dessas comunidades. O fato de Myra ter escapado ilesa ao encontro no bar está atrelado ao seu domínio a respeito das percepções sobre representação, inevitável herança cultural que a zona de contato proporciona. Ela traduziu-se como uma moça alemã, com acesso às facilidades da globalização, já que seu cão foi trazido da América. Sobre as identidades e o impacto das representações, Stuart Hall indica que

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapitular esse prazer fantasiado de plenitude (HALL, 2014, p. 25).

Quando os outros personagens percebem Myra, enquanto representante da nação alemã, mas que se identifica com a cultura norte-americana, o estereótipo negativo ligado a sua nacionalidade original se desfaz. Mesmo ficticiamente, ela sente o prazer de ser aceita. A percepção positiva minimiza o estranhamento que a presença de Myra

causa. Ao sair novamente para a estrada, a jovem e seu cão encontram um chalé abandonado, onde podem descansar antes de retomar a viagem. Nesse lugar, através do sonho, ocorre a rememoração da infância, um consolo pela aceitação dos estereótipos:

Morrões e tições apagam-se. Eu fiquei ressonando contra as trevas que os sonhos dela concitavam, cúpulas de loiça e oiro, o braço da avó uma trela cortada cerce e cedo. Nos sonhos do sono transmudávamos. Ela lupina trotando em estepes, eu ouvindo sinos de agoiro, de bronze e oiro. O homem de gabardina azul-escura a levar-nos pela madrugada, os meus dentes de leite e a mandíbula atidos à teta da minha mãe, sem préstimos. Os fraternos pesadelos, a terna miscelânea.

Todo o amor tem querela. Suspiro. Interrompo o ressonar. O pescoço dela é morno como um ventre com dez mamilos (COSTA, 2008, p. 66).

O prazer do sonho assemelha-se ao aconchego materno. No caso de Myra, “o braço da avó uma trela cortada cerce e cedo” remete ao vínculo identitário com a nação original. Ou seja, o esfacelamento da antiga potência soviética ocasiona a desestabilização entre a identidade interiorizada - valorizada por Myra, e o estereótipo reconhecido pelos demais com desmesura - muito em razão do novo papel que o imigrante do Leste Europeu assume diante das potências econômicas capitalistas. Quanto ao Rambo, a “teta da mãe sem préstimos” significa a inocência infantil, quando a carga simbólica relacionada ao tipo físico ainda não o subjugava como um cão de serviço – o cão de luta. A expressão “terna miscelânea” significa a histórica mistura de raças, utilizadas geneticamente, a fim de criar uma nova raça canina, que atingisse aos objetivos de entretenimento cruel dos humanos. No episódio da taberna, o estereótipo foi usado em favor do cão e de sua ama, devido ao medo imposto aos possíveis algozes.

Os dois personagens evidenciam características multiculturais, com destaque ao hibridismo, o qual termina por fundir Myra e Rambo (“transmudados”). Ela torna-se “animalizada”, quando assume os sentidos do cão. Ele torna-se humanizado, quando sonha e reflete sobre a vida. A conclusão de que todo o amor envolve conflito indica o movimento inicial de fixação no novo território, quando o certame identitário foi travado e, por consequência, a assimilação cultural teve início. Ainda que a primeira ideia de Myra seja procurar pelo Mar Mediterrâneo, a fim de seguir por ele até o Leste, parte de si não se encontra tão homogênea quanto imagina.

Ao meio do caminho, Myra e Rambo veem surgir no horizonte um carro antigo, sem ostentação, contendo três passageiros: o frei Bento, a madre Maria Augusta e Licínia, uma gestante doente. O padre Bento oferece carona aos viajantes, o que contraria a freira, justificando que a “a rapariga tem cara de assombração” (COSTA, 2008, p. 69). No subcapítulo II, do texto *O estranho* (1976), Sigmund Freud estabelece uma relação entre o estranho e o fantástico, exemplificando-a através de análises de narrativas literárias. Ele parte do princípio de que o que não pode ser facilmente decifrado pelos homens, torna-se estranho a eles (FREUD, 1976, p. 143). Ao referir-se à Myra como “assombração”, a freira explicita a impressão que a garota causa, tratando-se, nesse caso, de uma situação inesperada, da qual Maria Augusta não pode imediatamente tirar conclusões. Tal reação tem amparo na explicação de Freud sobre a “impressão de estranheza”:

Não se trata aqui, portanto, de uma questão de incerteza intelectual: sabemos agora que não devemos estar observando o produto da imaginação de um louco, por trás da qual nós, com a superioridade das mentes racionais, estamos aptos a detectar a sensata verdade; e, ainda assim, esse conhecimento não diminui em nada a impressão de estranheza. A teoria da incerteza intelectual é, assim, incapaz de explicar aquela impressão (FREUD, 1976, p. 145).

A aparência de Myra causa repulsa por não ser comum aos portugueses da região, por trazer à guia um cão estigmatizado pela violência e por suas vestes rotas de andarilho. Ela é associada a ciganos, mesmo porque a garota se apresenta como romena. Nesse caso, dois estereótipos são mobilizados: o do cigano, popularmente relacionado ao feitiço, e o do sobrenatural, pois o imaginário simbólico da nacionalidade logo faz associar a Romênia ao Conde Drácula. As duas imagens ligam-se à ideia do medo e da morte, que provocam reações negativas na freira, intensificadas pela postura católica. A respeito da ligação entre medo e morte, Freud menciona que

Difícilmente existe outra questão, no entanto, em que as nossas ideias e sentimentos tenham mudado tão pouco desde os primórdios dos tempos, e na qual formas rejeitadas tenham sido tão completamente preservadas sob escasso disfarce, como a nossa relação com a morte. Duas coisas contam para o nosso conservadorismo: a força da nossa reação emocional original à morte e a insuficiência do nosso conhecimento científico a respeito dela. A biologia não conseguiu ainda responder se a morte é o destino inevitável de todo ser vivo ou se é apenas um evento regular, mas ainda assim talvez evitável, da vida. É verdade que a afirmação ‘Todos os homens são mortais’ é mostrada nos manuais de lógica como exemplo de uma proposição

geral; mas nenhum ser humano realmente a compreende, e o nosso inconsciente tem tão pouco uso hoje, como sempre teve, para a ideia da sua própria mortalidade. As religiões continuam a discutir a importância do fato inegável da morte individual e a postular uma vida após a morte (FREUD, 1976, p. 152).

O catolicismo deve ser levado em conta no contexto social e político de Portugal, cuja sociedade é considerada bastante tradicional, justamente pelas referências de associação entre Estado e religião. Tal ligação pode ser observada em diversos textos literários produzidos no país. A influência religiosa sobre a cultura foi explorada por Eduardo Lourenço (2001), quando o autor explicita que ela é “consustancialmente intrínseca”, constituindo a própria história portuguesa. Igreja e Estado permanecem interligados desde os tempos anteriores à condição de reino independente até a atualidade. Desse modo, o autor menciona que

A cultura portuguesa podia ser descrita no seu funcionamento simbólico como um conflito latente ou ativo entre as exigências profanas, características de uma sociedade anterior ao cristianismo, e as exigências de um modelo religioso, ético e espiritual que, em princípio, subdetermina todos os atos da existência (LOURENÇO, 2001, p. 40).

As crenças da freira portuguesa estão demonstradas na severidade com que ela trata Myra e Rambo, típico do entrecruzamento entre a tradição da formação cultural nacionalista, exacerbada pelos princípios religiosos, e as novas concepções identitárias, propostas no embate entre o frei Bento e a irmã Maria Augusta. Ele rebate os argumentos dela sempre que oportuno. Mesmo pertencendo à ordem religiosa, suas falas assumem o tom crítico quanto à doutrina católica. Um exemplo disso está na passagem na qual a freira enxerga o medo e a morte na figura de Rambo. Ela se benze e afirma: “Nosso senhor Jesus Cristo não tinha cão” (COSTA, 2008, p. 70). Em resposta, frei Bento questiona as informações bíblicas, afirmando a omissão de muitos Evangelhos. Também, procura defender os andarilhos dos ataques da irmã Augusta, com base na história de São Francisco, que “sabia elicitar a mansuetude dos animais” (COSTA, 2008, p. 69).

O padre argumenta sobre o milagre, apoiando-se na questão da ressurreição, dogma católico que associa morte e vida. Tal interpretação encontra amparo na fala de

Myra, disfarçada de Maria Flor<sup>35</sup>. Ela capta a atmosfera religiosa a qual poderia favorecer-lhe: “milagres são como o vento, *e o vento sopra onde quer*” (COSTA, 2008, p. 71). O destaque em itálico justifica-se pela referência ao texto do Evangelho de João<sup>36</sup>. O tema presente no texto faz menção à ressurreição, que não deve surpreender os fiéis, mesmo não podendo ser explicada, visto que apenas Deus tem o controle sobre os destinos. Suas bênçãos recaem sobre todos que creem. Sendo assim, o vento é uma metáfora acionada para demonstrar que os fatos são passíveis de manipulação.

A questão religiosa gera hostilidade entre o padre e a freira, pois ela assume uma postura mais tradicional e ele, um posicionamento mais liberal. Maria Augusta sente desconfiança pela imigrante, propondo entregar Myra às autoridades. Já frei Bento protege a garota, afirmando: “o poder, mesmo o do Bispo de Roma, não resolve nada dos mistérios de uma alma forte, que nada tem de gregário, ou mesmo ecumênico, uma alma a solta no seu devir” (COSTA, 2008, p. 72). O discurso do padre, apesar de desmascarar o disfarce da estrangeira, a coloca no “entre-lugar” disperso do controle entre pecado x perfeição, metaforicamente, procedendo como um libertador dos estereótipos fechados.

O discurso que propaga a interpelação ideológica tradicional precisa ser rompido, conforme diz Homi Bhabha (1998, p. 48-51). Através da tradução heterogênea, busca-se desconstruir os estereótipos nacionalistas ou de comunidades étnicas, trazendo à tona as especificidades de cada sujeito. O discurso produzido na tradução e não na tradição ocupa o “entre-lugar”, o qual pauta-se numa “linguagem crítica” que não separa os binarismos, “nem produz unidades do antagonismo ou contradição social” (BHABHA, 1998, p.51). Segundo o autor, quando os discursos atenderem a tais expectativas, os sujeitos atravessados por eles não poderão mais ser encaixados (ou encaixotados) em estereótipos fixos, marcadores das relações de poder que os estigmatizam socialmente.

A comprovação dessa ideia se dá quando Myra inventa ser Maria Flor e denominar Rambo por Piloto, apropriando-se das características de Ismael, morador da

---

<sup>35</sup> O nome “Maria Flor” remete à virgem Maria, uma possibilidade de atrelar pureza e delicadeza à Myra, em contraponto à demonização, proposta pela sóror Maria Augusta.

<sup>36</sup> Trata-se de uma frase contida no capítulo 3, versículo 8 do livro de João. Para melhor compreendê-la, no contexto do romance, deve-se ler a passagem desde o versículo anterior: “7. Não te surpreendas pelo fato de Eu te haver dito: ‘deveis nascer de novo.’ 8. O vento sopra onde quer, você escuta o seu som, mas não sabe de onde vem, nem para onde vai; assim ocorre com todos os nascidos do Espírito.”

Casa Grande. A atitude empreende reflexões nos âmbitos da assimilação e, contraditoriamente, de padrões culturais. Pela segunda vez, a narrativa retrata a apreensão de elementos culturais do outro, tendo já ocorrido na passagem da taberna. Na concepção de Myra, o fato de Ismael apresentar deficiência intelectual é um fato gerador de compaixão, sentimento o qual apagaria a carga simbólica representada pela sua origem. Ao agir assim, a imigrante reproduz as práticas atenuantes de preconceito. No entanto, a absorção, mesmo que dissimulada dos traços culturais de Ismael, mostra o despertar da garota sobre como as culturas não são homogêneas, conceito que virá a internalizar-se mais a frente. Apesar de a narrativa inventada não ter sido convincente ao padre, a menina percebe que “isso, para ele, não tinha importância alguma” (COSTA, 2008, p. 71).

As convenções não são parte fundamental na constituição de frei Bento, o que é confirmado ao final do episódio, durante a reflexão sobre o encontro: “*ama e faz o que quiseres*”<sup>37</sup> (COSTA, 2008, p. 74). O efeito surtido pela frase permite a alusão à falta de afeto entre Myra e a nova terra, um dos causadores de melancolia na personagem. Sobre isso, Freud (1972) sugere que o afeto faz nascerem novos vínculos, agindo como motivador ao fim desse estado. A escolha da frase de Santo Agostinho pode ser uma preparação ao que surge na próxima jornada da personagem, que ainda busca o retorno ao Oriente.

No capítulo 10, o encontro emblemático de Myra com um idoso cego chamado Alonso torna-se importante para a interpretação sobre as identidades. Os elementos narrativos conduzem a um aparato metafórico que aproxima a imigrante russa a um dos maiores escritores da Língua Portuguesa, Luís Vaz de Camões. Tal noção confirma-se no vínculo com o mar, o qual une Myra, Alonso e Camões. Ela segue o percurso marítimo para tentar alcançar o outro lado do oceano, o Oriente. O velho Alonso conta suas experiências de navegador que o oportunizaram conhecer o mundo todo. Ele determina que a paga de Myra é “*Eu vivi no mundo anos e cansados. Corri terras, e mares apartados, buscando à vida algum remédio*” (COSTA, 2008, p. 81). O texto é

---

<sup>37</sup> Essa frase pertence aos escritos de Santo Agostinho, facilmente encontrada em sites de pensadores, que, na íntegra, diz o seguinte: “Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos”. Segundo a ordem de Santo Agostinho, suas ideias revolucionaram a Igreja Católica de seu tempo, expandindo-a e pregando o amor e a pobreza como premissas fundamentais.

parte do “Soneto Cem”, de Camões, imediatamente reconhecido pela menina, pois foi “o único livro que trazia na mochila” (COSTA, 2008, p. 81). O poeta português escreveu sobre o mar e para além dele, de certa forma sensibilizando Alonso, cuja vida o permitiu ver o mar como o lugar “do nunca mais”, que não lhe trouxe “*remédio à vida*” (COSTA, 2008, p. 82). A mesma sensibilidade acometeu Myra, em razão de o livro de Camões a ter acompanhado na jornada de fuga da Casa Grande.

O “Soneto Cem” simboliza a materialização da vida do idoso cego. Por sua vez, é identificado por Myra como um semelhante, porque ambos são imigrantes (ele é holandês), ambos possuem cães (Rambo e Lira) e ambos vagam pela praia, sem laços afetivos que os prendam, a exceção dos caninos. Se o mar possui vital importância para Alonso, assim o é para os portugueses, que alcançaram um passado de glórias através das rotas marítimas. As aventuras da partida para o mar são retratadas nas escritas de Camões, possibilitando a inferência sobre a exposição às diferentes culturas que os indivíduos viajantes potencializam, presentes nos novos papéis informados por Myra: a grega Helena e seu cão, Douro.

A expectativa de Alonso sobre um grego nativo enfatiza-se na pele escura e na grande quantidade de pelos, características refutadas por Myra, que afirma ser “branca como a neve” e ter pelos apenas “onde deve ter” (COSTA, 2008, p. 78). Ela poderia ter agido de má fé com o idoso, que é cego e não poderia contrariá-la. Todavia, os “olhos de cego são os dedos, o nariz e o ouvido” (COSTA, 2008, p. 79), fazendo-o perceber que a constituição cultural de Myra, originária do Leste, está indefinida. Por isso ele comenta: “bem me parecia que vens bem lá de cima. Antes fosse um anjo para me levar” (COSTA, 2008, p. 78), ao que ela responde, fazendo uso do provérbio português: “*Morte desejada, vida dobrada*”. A manifestação da língua portuguesa em Myra passa a ter importância no contexto diaspórico do romance, sobretudo porque, no início, quando chegou em Portugal, “nada tinha nome” (COSTA, 2008, p. 9).

A acolhida do idoso holandês/português apresenta-se como um caminho possível da aceitação de Portugal como uma nova pátria para a imigrante, assim como aconteceu com Alonso. Na página 80 do romance, ele identifica o caminhar da garota através do fado “Lá vai serpa, lá vai moura”, que é um tema popular do Alentejo. A música ficou conhecida na interpretação da cantora Amália Rodrigues e narra a história de uma mulher que abandona a terra natal. A canção é uma metáfora para classificar Myra

como uma viajante, a semelhança do povo português, cuja história cultural é marcada pelos deslocamentos. Nesse ínterim, as nacionalidades russa e portuguesa encurtam suas diferenças. O domínio da Língua Portuguesa por parte da garota, a essa altura do enredo, constitui-se de um patrimônio cultural.

Ao conhecer a língua do novo país, reproduzindo-a, Myra tem a possibilidade de se fazer perceber através dos discursos que, impreterivelmente, são os formadores da cultura. Para Edward Said, em *Cultura e imperialismo* (1999, p. 13), o ato de narrar é uma forma de poder, pois seu conteúdo pode obedecer aos critérios de dominação, ou pode renovar-se, através de discursos emancipatórios. O autor alerta para o fato de a cultura ser reconhecida como fonte de identidade, de ser conceituada pela tradição como uma expressão de “elevação e refinamento, o reservatório do melhor em cada sociedade” (SAID, 1999, p. 13). O conceito opõe-se ao defendido pelos críticos pós-coloniais, no qual a cultura é associada ao multiculturalismo, que é uma filosofia desenhada no romance em estudo. Resta investigar se os avanços das práticas multiculturais superarão o impacto da representação nacionalista.

A reunião entre Myra e Alonso faz surgir uma nova perspectiva, já que a garota estrangeira passa a participar da cultura portuguesa, através da Língua, e porque os dois se reconhecem em determinadas semelhanças, a exemplo do enunciado: “fantasmas não têm cão” (Costa, 2008, p. 83). Seguindo os ensinamentos do velho Alonso, Myra incentiva Rambo a farejar outros caminhos, “rumo ao cheiro a gente” (COSTA, 2008, p. 87), contrariando a estratégia que seguiam até então, de fugir das pessoas. Sua sobrevivência cada vez mais irá depender das experiências de contato, pelo motivo de as vivenciadas até o momento, na casa de Mafalda, no episódio do bar na estrada e na praia com Alonso, fizeram a “*parka* branca” que imigrante vestia, “empardecer” (COSTA, 2008, p. 87) ou “ficar suja” (COSTA, 2008, p. 89). Metáfora relacionada à representação do Leste Europeu que sofreu mutações durante a viagem em Portugal, por meio dos disfarces inventados pela garota, aproximando-se de uma tradução mais “aceitável” no novo país, a julgar pela expressão dita pelo narrador: “É uma boa *parka*, a que foi branca” (COSTA, 2008, p. 89).

Os trajes da jovem voltam a destacar-se no primeiro diálogo entre ela e Orlando Gabriel. Ela o vê pela primeira vez em frente a uma embaixada, escrevendo uma carta, sentado ao chão, perto de seu carro luxuoso. Em poucos minutos, o rapaz percebe algo

desestabilizador na aparência da garota, que pergunta: “E o que a traz aqui, mascarada de Pele de Burro, em andrajos de mendiga rica?” (COSTA, 2008, p. 91). A expressão “Pele de Burro” é uma referência intertextual do conto de fadas “A princesa pele de burro”, de autoria de Charles Perrault. No conto, narra-se a história de uma princesa que foge do castelo, vestida com uma pele de burro. No novo vilarejo onde se abriga, todos a enxergam com maus olhos em razão de a pele de burro a deixar feia. Todavia, o príncipe local consegue ver sua beleza real por baixo da carapuça. A relação entre feio e belo subjacente no conto de Perrault é apreendida por Orlando ao deparar-se com Myra, pois ele percebe um desajuste entre a essência e a aparência da jovem russa.

Uma interpretação metafórica pode ser feita dessa passagem, considerando-se as roupas rotas que ainda aparentam qualidade, mas que não parecem combinar com as de uma mendiga. Tal observação se intensifica quando o futuro enamorado de Myra nota uma desestabilidade também na maneira de falar, tendo ela dirigido-se a ele em inglês. Sua resposta é dita em russo, fato o qual espanta a garota, o que ele justifica: “Não falo russo, diz o rapaz em português. Mas oiço sempre a língua materna por debaixo da outra. É um dom” (COSTA, 2008, p. 91). A reação de Orlando Gabriel em procurar conhecer Myra pelos seus traços originários é um indício de que ele tende a reconhecer a cultura em suas diferenças, ponto defendido pelos críticos pós-coloniais. Sobre isso, Homi Bhabha (1998) argumenta que a tradição cultural tende a suprimir as características individuais dentro de um senso de comunidade, mas a noção de hibridismo “acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 1998, p. 22). A ideia de identidade enquanto processo construtivo e não como traços pré-estabelecidos prevalece na concepção de Bhabha e se desenvolve nos hábitos da Casa Branca, a residência de Orlando, onde se permite a troca cultural sem julgamentos dicotômicos.

O hibridismo é um elemento intrínseco à representação de Orlando Gabriel, descrito como alguém que foge aos binarismos. Myra bem observa que ele é “demasiado novo para mandar, demasiado velho para obedecer” (COSTA, 2008, p. 90). Ela sente dúvida a respeito da postura que deve seguir - fugindo dele ou o acompanhando, porque ele pode significar “ou mais perigo, ou guarda e salvação” (COSTA, 2008, p. 90). A imprecisão não permite enquadrá-lo em normas fixas, diferentemente do que aconteceu no episódio da taberna, quando a fugitiva tinha certeza

de que o casal no balcão oferecia risco. Outra questão relevante é o encanto que Orlando Gabriel provoca na menina, sobretudo por sua aparência localizada no “entre-lugar”, segundo entende-se da passagem abaixo:

Pode ter vinte, pode ter trinta anos. Não é preto nem branco. Parda a pele do perfil e as mãos, que seguram um caderno, um livro no chão ao lado, aberto. Vestido de branco, dos pés à cabeça, tem um colete axadrezado, cor de terra, laranja e branco, *jacquard?*, diz a voz de Dona Mafalda, esse não levas, arrapaza meninas. Na cabeça, o rapaz pardo tem um chapéu, mesmo chapéu, de abas largas, branco, com uma fita de gorgorão castanho a toda a volta. Mesmo sentado na fina manta, é longo e fino e de uma beleza estarrecedora. Perto, parado como um dócil corcel expectante, está um Land Rover branco, alto e enorme, mais bem um alazão (COSTA, 2008, p. 90).

Pode-se dizer que Orlando Gabriel impressiona por sua beleza, pela elegância com que se veste e pela desestabilização do estereótipo de jovialidade, a qual normalmente não está associada à responsabilidade, mas que, no referido romance, toma corpo nos trejeitos clássicos e na fortuna que ele administra. Em se tratando de estereótipos, tanto Gabriel, quanto Myra surpreendem-se mutuamente. Ela vinha esforçando-se por manter sua identidade em segredo, diante das narrativas que inventava. Já ele, apesar de esconder um segredo, buscava mostrar suas raízes, as quais são consideradas multiculturais.

O duplo nome do personagem é mais uma evidência da característica de “entre-lugar”. Um dos significados para “Orlando” é “terra gloriosa”<sup>38</sup>. É originário da Alemanha e está ligado ao sentimento de patriotismo. O segundo nome, “Gabriel”, significa “mensageiro de Deus” e relaciona-se à passagem bíblica em que o anjo revela-se para Maria, anunciando a futura gestação de Jesus. No enredo de Myra, a questão do patriotismo se dissolve em Orlando, em consideração às referências multiculturais. A referência ao anjo está atrelada à “salvação” da menina, que encontra esteio em sua companhia. Da junção dos nomes, depreende-se que Orlando é o condutor de Myra no percurso de desestabilização nacionalista. Como um ser “divino” na terra, ofereceria a ela a condição de cidadã num ambiente universalista.

---

<sup>38</sup> Segundo informações do site Dicionário de Nomes Próprios, disponível em: < <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/orlando/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

Imediatamente ao encontro dos dois, ocorre uma mudança no *status* da imigrante, visto que, antes, foi estigmatizada como uma assombração pela irmã Maria Augusta. Agora, é vista por Orlando como alguém familiar, a exemplo do momento em que ele cita Shakespeare e Myra reconhece o escritor: “Bravo, eu sabia que a menina não vinha do nada, um ser impraticável” (COSTA, 2008, p. 92). A fala do rapaz remete a uma concepção de cultura ampliada em relação à nacionalidade. Toda a aquisição de conhecimento adquirida nos livros, nos filmes, nas músicas, nas viagens, nas diferentes linguagens, enfim, no contato com o outro, passa a ser constitutivo da identidade. Por isso, as narrativas de Myra não funcionam mais, fazendo-a refletir para Rambo: “Eu é que estou perdendo qualidades, ninguém acredita nas minhas fábulas” (COSTA, 2008, p. 93). Apenas o nome Ekaterina Ivanova para Myra e Ivan, para Rambo, são registrados pelo rapaz, com a diferença de o conteúdo de cada história ser informado durante a convivência: “Não me faça mais perguntas, nem eu a ti, que é para não termos de mentir um ao outro” (COSTA, 2008, p. 99). Orlando salienta a importância da inserção dos imigrantes aos novos espaços, visto que todos possuem as mesmas capacidades intelectuais.

As atitudes e os diálogos travados por Orlando Gabriel direcionam as questões identitárias à influência norte-americana sobre a cultura<sup>39</sup>. Embora em sua residência várias línguas sejam faladas, há a predominância de expressões ditas em inglês por ele, inclusive, fazendo-o colocar um apelido em “Ekaterina”, que passa a ser chamada de “Kate”: “Kate isso, Kate aquilo” (COSTA, 2008, p. 99). Tal modificação apresenta bastante significado, haja vista a relação entre as Comunidades Comunistas do Leste Europeu e os Estados Unidos, que atuaram como lideranças mundiais durante a Guerra Fria. O período retratado no romance remete ao fim da União Soviética, portanto, ao ser

---

<sup>39</sup> Segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 407), após o período entre guerras, os Estados Unidos passam a exercer um papel de dominância perante a Europa, o que se intensifica durante a Guerra Fria. Após, com o fim do comunismo, os Estados territoriais individuais não são mais assegurados, justamente por uma espécie de anarquia a qual resulta do crescimento do liberalismo econômico, gerado pelo capitalismo. Sendo assim, com a queda da União Soviética, os Estados Unidos cada vez mais passam a dominar os mercados, gerando dependência nos países menos desenvolvidos, através de empréstimos financeiros e de mão de obra estrangeira (HOBBSAWM, 1995, p. 420). Tal cenário, somado ao avanço em tecnologias da informação, interfere na expansão dos hábitos culturais norte-americanos para o mundo. Sobre isso, Sophie Body-Gendrot, em artigo publicado na obra *História da vida privada* (2009), organizada por Philippe Àries e Georges Duby, comenta que a influência da cultura norte-americana se dá através da supremacia econômica, constatada na popularização do *jeans*, dos *fast-foods*, das siglas americanas em camisetas e no consumo de cinema, de romances e de novelas, que afetam a vida cotidiana das demais nações. Com relação à Orlando, o próprio nome também é o nome de uma cidade dos Estados Unidos.

chamada de Kate, e ao aceitar o apelido, Myra desmobiliza a simbologia constitutiva de sua nacionalidade. A convivência com Orlando abre a possibilidade de a garota ter acesso aos produtos mediados pela globalização, permitindo a interpretação de que as identidades diaspóricas mais aceitas são aquelas que assimilam traços dessa cultura. Fica clara a denúncia de uma “onda de consumo”, ocorrida desde a vitória do capitalismo sobre o socialismo, pela qual os Estados Unidos se impuseram enquanto nação economicamente superior. A situação teve por consequência o que se chama de “novo imperialismo”, em função de as nações mais influentes na economia incidirem como dominantes sobre as demais.

Para Stuart Hall (2003), o poder imperial foi substituído pelo poder globalizado que, sem estrutura regular, mas obedecendo ao fluxo de capital, faz surgir a preponderância dos “interesses e modelos ocidentais de controle” (HALL, 2003, p. 54) perante o mundo. Nesse sentido, o sistema globalizante mostra-se paradoxal, justamente porque desterritorializa as nações e faz surgir novas práticas culturais. Ao mesmo tempo, empodera economicamente as mesmas, tendo por efeito, “uma tendência cultural dominante e homogeneizante” (HALL, 2003, p. 56). Myra está imersa na cultura global na Casa Branca, no entanto, a sua formação originária não é apagada nesse processo, ao contrário, o tratamento que ela recebe permite, pela primeira vez no enredo, que ela assuma sua identidade russa sem temor, mostrando orgulho do lugar que sua pátria ocupou no mundo:

- Vermelho e preto, *darling*, que boa escolha, *my fair lady*.  
Myra sentiu-se ultrajada.  
Pensou, sentindo. Disse:  
- Sou russa. Levantámos o mundo com a alavanca do bico da foice e os dentes do martelo. Tem de me receber com algo de tão corriqueiro? (COSTA, 2008, p. 121).

A foice e o martelo, símbolos do comunismo, formam ideologias específicas, as quais não são suprimidas dentro do sistema capitalista. Por esse viés é que as contradições aparecem, de modo que a globalização tende a caracterizar as diversas expressões da cultura, como “mais ou menos semelhantes entre si” (HALL, 2003, p. 57). Todavia, “o eixo vertical do poder cultural, econômico e tecnológico parece estar sempre marcado e compensado por conexões laterais, o que produz uma visão de mundo composta de muitas diferenças locais” (HALL, 2003, p. 57).

Na Casa Branca, Myra tem acesso à cultura material e imaterial advindas da América, da Ásia, da Europa e da África, no entanto, ocorre um destaque para os produtos norte-americanos e europeus do centro. A característica transparece a chamada “subalternidade da diferença” (HALL, 2003, p. 57), na qual as práticas identitárias “desvalorizadas” no sistema mundial passam a ocorrer num espaço limitado, que é a Casa Branca. De acordo com a interpretação, para sentir-se elegante e atrair Orlando, ela usa as roupas de grife da irmã desaparecida do rapaz, assiste aos filmes estrangeiros que ele lhe recomenda, lê Shakespeare e ouve Bach, aliando o amor que sente pelo rapaz ao respeito pela função de “tutor” que ele acaba exercendo: “Ele, ou sua paixão por ele, modulavam a sua manha e força” (COSTA, 2008, p. 105). A manha e a força estão ligadas aos seus instintos e aos conhecimentos ensinados por Orlando Gabriel, que a auxiliariam a formar uma identidade “cosmopolita”. Então, na tentativa de conquistar o amado e por fim às lembranças da infância e do abandono traumático que sofrera, a menina russa aposta numa mudança de visual:

Demorou. Maquilhou-se um pouco. Esperava ser beijada com ardor. Besuntou a boca e olhos com um pouco de *gloss* herdado, que deveria ser engolido por comida, e afagos da outra boca, e escolheu um vestido com mangas de asa, soltas e leves, que deixavam o corpo respirar das axilas à cintura, os peitos livres. Em tons de água e azul celeste.

Outra vez se achou muito linda. (...)

Não, disse Myra diante do espelho. Se não sou preferida, não sou ninguém, exceto o meu espírito e a sua mão armada que és tu, Rambo (COSTA, 2008, p. 149).

A insegurança de não saber se é correspondida incita Myra a permanecer escondendo seu segredo. Diante da possibilidade de ter que abandonar as conquistas no novo lar a qualquer momento, pergunta-se: “o medo apaga o amor, só deixa os contornos do próprio corpo?” (COSTA, 200, p. 119). Sua indagação mostra a preocupação em despir-se de todo o sentimento e de tudo o que aprendeu na jornada com Orlando. Ela teme que o conforto do amor seja algo passageiro e, caso não se confirme, tenha que voltar a fugir, segundo entende-se do seguinte trecho:

Myra esteve tentada a revelar-se, mas resistiu. Ainda não lhe tinha dito que queria ir para casa e não sabia onde era. A Leste, a Moscovo, a Moscovo como as irmãs de Tchekhov. Mas também não sabia, de certeza certa, se Gabriel Orlando seria isso, ou só um Sul de passagem. Di passagi, como eles diziam na língua deles (COSTA, 2008, p. 118).

A referência à peça “Três irmãs”, do escritor russo Anton Tchekhov, representa a desejada e distante volta para casa. No romance, é um indício de que o amor pelo rapaz pardo<sup>40</sup> seja o final da viagem melancólica que acometeu Myra, quando esta se viu separada da “avó-pátria” e não se identificou com a “mãe-pátria”. Amá-lo poria fim ao objeto do desejo inalcançável, sustentado pela melancolia, com base em Freud (1972). Quando o enredo encaminha-se para o fim, Myra e Orlando Gabriel conversam sobre suas nações de origem, travando uma discussão sobre a formação cultural atrelada à nacionalidade:

- É. Mas tudo é relativo. Não somos santos, perfeitos, Kate.
- A nostalgia de qualquer russo é de ser santo, perfeito. Santa Mãe Rússia, lembra-te? Não é uma nação, é uma fé. E quanto mais se degrada, mais assim é. A Rússia morre de desgosto.
- E os Estados Unidos da América do Norte, não são assim? E o país de Salazar, Deus, pátria e Nação, não era assim? Sossega, Ekaterina, vamos ser úteis no pouco que podermos, juntos (COSTA, 2008, p. 187).

Segundo o que é dito, Orlando Gabriel tenta mostrar à Myra que as três nações mencionadas fazem parte de uma mesma engrenagem. Os jogos de poder fizeram produzir discursos que ligam os sujeitos as suas nacionalidades, mas as ideologias difundidas passam a ser as defendidas pelos indivíduos identificados com as suas nações. Sobre isso, Stuart Hall (2014) afirma que “a identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2014, p. 11). Após a configuração do mundo em Estados Liberais, as noções fixas de identidade se transformaram, podendo-se dizer que “as identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2014, p. 12). Dessa

---

<sup>40</sup> A expressão “pardo” é utilizada pelo narrador diversas vezes para caracterizar Orlando. No contexto do romance, entende-se que o termo foi utilizado, devido à mistura étnica constitutiva das origens do personagem.

forma, pode-se confirmar que a identidade a qual Myra tenta manter intacta também é uma construção. Uma nova identidade pode surgir apoiada nas vivências que teve em Portugal. O estopim para a revelação da identidade de Myra deve-se à entrega de Orlando a ela, confirmando o amor recíproco, que a faz compartilhar o segredo que esconde.

A revelação do rapaz dá a conhecer as origens dele. Filho de africanos - a mãe nasceu em Cabo Verde e o pai no Sudão - foi criado pela mãe e pelo padrasto, embaixador alemão, que assumia um posto na África do Sul. De lá, migraram para Lisboa, em Portugal, cidade em que Orlando foi criado e onde ganhou uma irmã, semelhante fisicamente à Myra. Morou na Inglaterra, por conta de um crime que cometeu em terras lusas, em intertexto com outro romance de Maria Velho da Costa, *Irene ou o contrato social* (2000)<sup>41</sup>. Segundo ele mesmo admite no romance em estudo, tal crime foi escamoteado, motivando sua estada na Inglaterra. Da convivência no novo país, resolve partir em busca de suas origens. Estando no continente africano, ele teve o órgão sexual mutilado, não ficando clara a razão. Mais uma vez, a família conseguiu resgatá-lo, possibilitando-o sobreviver no colo da mãe, que vem a falecer de câncer, em seguida.

Ao lembrar o passado, Orlando faz reflexões sobre a condição de mestiço, a qual remete às discussões sobre estereótipos. Isso pode ser inferido na passagem em que ele conta à Myra sobre a não aceitação da sua mãe sobre a mutilação:

Os mestiços, ao contrário do que se pensa e faz dizer, são perfeccionistas. Não há redundâncias, volutas, circunvoluções, derivas estéticas. O africano tem a paixão da geometria, da simetria, da ordem. O africano é um ser mental. Corpo quente e mente mental, mais que qualquer outra. Somos o berço da espécie, implacável, reguladora. Pragmática e previsível como o universo estelar. Buracos negros (COSTA, 2008, p. 167).

O recorte provoca a revisão da maneira como o negro foi (ou ainda é) retratado nas artes e nos discursos. Para Edward Said (1999), as representações do mundo oriental pelo olhar ocidental têm sido reducionistas, estigmatizadas, denunciando “a dinâmica

---

<sup>41</sup> No enredo do romance, é narrada a história de Irene, a qual sofre de uma doença relativa à memória, provavelmente o Alzheimer. Através de *flashbacks*, são informadas as relações familiares conflituosas da personagem, sobretudo com a filha adotiva, a atriz Raquel, que se torna namorada de Orlando. Este, por sua vez, enteado de diplomata, é favorecido no julgamento de um crime e passa uma temporada na Inglaterra. Muitas características e informações sobre Orlando são inferidas na leitura do romance *Myra*.

imperial e, sobretudo, suas tendências separatistas, essencializantes, dominadoras e reativas” (SAID, 1999, p. 71). Tendo noção da visão preconceituosa perante “os nativos”, as palavras de Orlando Gabriel superam a limitação de que o africano é “apenas corpo”, remetendo ao estigma da sensualidade ligada à raça. Outra questão pertinente é a quebra do estereótipo do negro imigrante, muitas vezes, representado pela condição de pobreza, constantemente assumindo postura serviçal. Essa condição pode ser verificada na mídia, quando os negros interpretam papéis de moradores de subúrbios, meliantes, trabalhadores de subempregos. No caso de Orlando, ele tem estudo, posses, assume o papel de liderança na Casa Branca e na vida de Kate-Myra.

O casal fazia planos de morar em Lisboa, junto com Rambo. De lá, Orlando levaria Myra para conhecer “a nova Rússia, nova rica e grosseira” (COSTA, 2008, p. 182), para onde ela teimava em retornar. Deixaram a Casa Branca e dirigiram-se à estrada que leva à Lisboa. Mas os sonhos foram interrompidos com a chegada dos “predadores” (COSTA, 2008, p. 188). Os três bandidos reconheceram Orlando. Myra reconheceu dois deles e estes reconheceram Rambo, numa fração de segundos. Eram os primeiros donos do cão mais outro homem. Agora, a proteção do rapaz pardo se desfazia, sucumbindo a uma engrenagem maior, de negócios escusos que levariam Myra à prostituição e que fariam Rambo retornar à luta ilegal.

Apenas no momento da morte do amado, Myra revela seu verdadeiro nome, o pouco que restava de sua identidade secreta, já que “agora tanto fazia, que os algozes estivessem vivos, enquanto o amor morria” (COSTA, 2008, p. 192). A morte de Orlando representa a volta do “antigo frio do Leste” (COSTA, 2008, p. 194), ou seja, a morte do novo objeto do desejo, aquele que substituiu a solidão e o desafeto trazidos pela “mãe-pátria”. Então, lembrando-se da avó, Myra “morria de artista, à russa” (COSTA, 2008, p. 221), juntamente com seu cão amado Rambo, não apenas como suicida, mas também assassinada pelas circunstâncias, que a impediram de dar sequência às experiências da nova identidade que mal floresceu e logo murchou.

### 2.3 Os núcleos multiculturais: uma nacionalidade portuguesa?

O processo de fuga que Myra vivencia a faz ter contato com diversos ambientes e personagens, demonstrados ao longo da narrativa. Entretanto, dois espaços ganham destaque no enredo, a Casa Grande, pertencente à pintora Mafalda Ivens, e a Casa Branca, administrada pelo namorado de Myra, Orlando Gabriel.

O pesquisador Daniel Damasceno Floquet (2010) compara as duas casas, destacando que as suas dinâmicas refletem a personalidade de seus proprietários e que Mafalda e Orlando teriam assumido o papel de educadores da imigrante russa. Porém, na Casa Grande, Mafalda lança um olhar totalizante para a educação de forma geral, agindo com autoritarismo. Na Casa Branca, apesar de haver uma ordem hierárquica entre o patrão Orlando e seus empregados, o rapaz pardo procura harmonizar as relações. O fato é que, em ambos os casos, segundo Floquet, as casas seriam uma ferramenta crítica em relação ao Ocidente “hegemônico e homogêneo” (FLOQUET, 2010 p. 41) e faz ressalvas quanto ao tratamento dado às diferenças culturais, as quais são tensas na casa de Mafalda e congruentes na casa de Orlando.

Na presente dissertação, o primeiro ponto a ser analisado na Casa de Mafalda é o nome “Casa Grande”. Tal denominação pode ter relação com o livro *Casa-Grande & Senzala*, publicado por Gilberto Freire em 1933. Através da pesquisa histórica, o autor torna público o processo de formação da sociedade brasileira, com base nas relações sociais e culturais entre negros, índios e brancos<sup>42</sup>. Ao ser travado o diálogo entre a referida obra e o romance de Maria Velho da Costa, pode-se remeter a um Portugal atuante nos processos de miscigenação mundial, devido às conquistas ultramarinas, durante o período colonial. Dessa forma, o texto em estudo permite uma aproximação metonímica entre a constituição social de Portugal e casa de Mafalda Ivens. Isso se deve ao fato de que, mesmo sendo um ambiente cerceador, habitam na Casa Grande personagens de diferentes formações culturais, sendo eles portugueses ou estrangeiros. Moram na residência Ernest Kleber, austríaco radicado na Alemanha e imigrante em Portugal, que é funcionário e amante da dona da casa. Além dele, as funcionárias

---

<sup>42</sup> No site “Alô Escola”, ligado à TV Cultura, é disponibilizada uma interpretação sobre Casa-grande & Senzala, somada à publicação de trechos de entrevista à Gilberto Freyre, quando o escritor afirma ter-se inspirado na indagação “o que é ser brasileiro” para escrever a obra de 1933.

portuguesas Hermínia e Otaviana ocupam papel importante na administração da casa e das rotinas exigidas por Myra e Rambo, hóspedes da fazenda.

A residência remete ao ambiente agrário, retratado nos romances portugueses contemporâneos<sup>43</sup> como um ambiente retrógrado, não só economicamente, em razão da supremacia da industrialização, mas também como um espaço conservador em termos de relações humanas. A disparidade entre um país de predomínio agrícola como Portugal e os demais países de economia expressiva da União Europeia, bastante industrializados, pode ser uma crítica implícita no romance em questão, em função da valorização da tradição, atrelada a esse lugar. Seguindo essa ideia, a residência de Mafalda Ivens, uma representante portuguesa conservadora, reflete o que é valorizado por ela:

O *atelier* é no andar de baixo da Casa Grande, mas as paredes exteriores foram escoradas e refeitas de vidro grosso, para ter muita luz e se ver terra vermelha e o céu azul bruto, e o que nelas medram e pastam e o que nelas voam (COSTA, 2008, p. 37).

A descrição da área externa da fazenda simboliza um espaço “bruto”, que não foi lapidado, onde há contrastes entre a terra vermelha e o céu azul e não se tem a descrição de locais de fertilidade do solo. Um local destinado apenas à observação, permanecendo em segundo plano diante da ocupação realmente rentável, que é a criação de carneiros premiados. O espaço parece não interferir na atividade intelectual desenvolvida por Mafalda, a pintura. Esse aspecto, somado à imposição de suas vontades e julgamentos, parece paradoxal ao que se espera do artista, sobretudo em se tratando de alguém que teve formação acadêmica fora do país e conheceu outras culturas, característica que poderia torná-la mais tolerante.

Um exemplo disso é a reflexão feita por ela, no momento em que julga negativamente o afastamento de Myra das artes e da ciência nos planos de futuro: “Uma só alma basta para reencontrar o mundo, disse Dona Mafalda” (COSTA, 2008, p. 43). Tal frase torna-se mais impactante pelo fato de a menina russa mostrar preferência por profissões menos prestigiadas socialmente, como “tradutora-intérprete ou secretária” (COSTA, 2008, p. 43). O registro permite a interpretação de que a pintora portuguesa

---

<sup>43</sup> No romance *O vale da paixão*, de Lídia Jorge, publicado em 1998, o ambiente agrário é retratado como um espaço em decadência econômica, o qual interfere nos hábitos hierárquicos e paternalistas que prejudicam o desenvolvimento de práticas intelectuais mais libertárias.

relembra a nacionalidade da garota, menosprezando os valores socialistas ainda presentes em Myra.

A atitude de Mafalda pode ser considerada hegemônica ao comparar Portugal e Rússia no quesito ideológico-econômico, entretanto, ocorre uma oscilação quando o narrador onisciente divulga a falta de apego da pintora, no que concerne à língua materna:

Mafalda era desbocada, quando era. Tinha sido educada fora e não sentia o horror sagrado do palavrão soez. Nem Kleber. O português, para eles, era uma língua franca, que dominavam bem, mas não era uma língua viva. (...) Não era uma língua viva. Podiam falar de tudo com pouco sentimento (COSTA, 2008, p. 52).

A relação de Mafalda com a Língua Portuguesa expressa uma crítica ao conservadorismo associado à religiosidade e à postura melancólica do povo português, devido ao passado de liderança territorial e econômica no centro europeu. Segundo pesquisadores como Eduardo Lourenço (2001), a impressão de superioridade ainda faz parte do imaginário social do país, fato propiciador de certa imodéstia ao português (vide citação na página 62).

Ao “profanar” a Língua Portuguesa, Mafalda Ivens desestabiliza a relação da religiosidade com a história de Portugal. Assim como amplia as noções fixas de identidade. A postura da pintora justifica a incoerência de uma personalidade que apresenta tendências tradicionais, com interferência das vivências de deslocamento da terra natal. No que diz respeito às características dos sujeitos que passam pela experiência da viagem, Edward Said (2003) comenta sobre a profusão de sentimentos que os acomete, ora exacerbando a nação de origem, ora enfatizando seu desenraizamento.

Segundo o autor, isso ocorre porque o deslocamento do local de origem faz confrontar as memórias míticas de pertencimento nacionalista com os outros modos culturais observados no novo lugar, possibilitando a relação de “opostos que informam e constituem um ao outro” (SAID, 2003, p. 49). Com isso, observa-se que as contradições entre as ações e as reflexões de Mafalda Ivens mostram a complexidade das relações culturais. Contudo, evidenciam a predominância dos discursos nacionalistas, neste caso, assumindo o estereótipo de portuguesa conservadora e presumida.

A atmosfera da Casa Grande faz sobressair relações hierárquicas conflituosas. Como exemplo, pode-se mencionar que Hermínia assume um papel de líder paralela à dona da casa, mostrando-se a real administradora dos embates humanos na fazenda. Ela assume a responsabilidade de amenizar as tensões ocasionadas pela presença de Myra e Rambo no local. Os embates manifestam-se de forma velada, principalmente na sugestão de que Rambo seria “superior” aos filhos deficientes de Otaviana e pela não aceitação da atuação da imigrante enquanto “filha da patroa”.

Hermínia demonstra consciência de que todos devem agir em conformidade com a autoridade de Mafalda, ou seja, há uma explícita classificação de importância por hierarquia. No caso, a referida funcionária, “a sereníssima da casa” (COSTA, 2008, p.47), seria a subordinada de Mafalda, mas também a orientadora de Otaviana. Esta assume o papel mais “rebaixado” nessa organização, juntamente com os filhos. Isso pode ser demonstrado na passagem na qual Myra-Sophia é aconselhada a jantar: “Vai, vai, Sophia, vai comer estufado de cabrito, que deve ter sobrado, se Hermínia não o deu todo ao cão e ao Ismael, do mesmo prato” (COSTA, 2008, p. 43-44).

Conforme as análises feitas no subcapítulo 2.2 desse trabalho, Mafalda busca dominar Myra, então, Rambo, por ser uma extensão da garota, passa a ser valorizado singularmente. Ele se alimenta junto ao filho de Otaviana, o que para um cão pode ser considerado um privilégio, mas para uma criança, um ultraje. A situação revolta Otaviana que, “em estado de cólera, era assustadoramente menos bronca” (COSTA, 2008, p. 47). A partir da ira da serviçal, ao dar-se conta do nivelamento do filho com o cão, o leitor percebe que a personagem aceita a submissão no trabalho e as humilhações da patroa, mas não suporta ser “aviltada” por uma estrangeira:

E mais a mais, quem me fica com ele? Ou o levo às costas como as pretas? Estrangeiros, estrangeiros. Estrangeiro está isto tudo, com o chulo que vai de engenheiro à caminonista e agora a Mula Ruça tratada de princesa, que não mexe uma palha e nem a cama sabe fazer. (...) Estudos em casa, estudos em casa, quem é ela mais que meu Ismael, que se criou de cá e agora foi posto a apajá-la e ao estupor do cão (COSTA, 2008, p. 45-46).

As construções linguísticas de Otaviana trazem à tona os discursos desenvolvidos no período colonial, colaboradores da supremacia do europeu ocidental perante as demais nações. Também remonta à subalternidade do negro, considerado “o selvagem” pelo colonizador. A funcionária de Mafalda posiciona-se fora da divisão

entre negros e estrangeiros, de forma a depreciar essas categorias identitárias, justificando a reclamação quanto ao seu lugar na Casa Grande. Nesse sentido, ela não aceita assumir funções que a aproximem da subserviência do negro, uma alusão à época da escravidão, entendida na frase “o levo às costas, como as pretas?”. Somado a isso, Otaviana parece demonstrar ainda mais rancor em relação aos imigrantes Kleber e Myra.

Primeiramente, ela reforça a depreciação do trabalho que o austríaco exerce na nova nação, possibilitando a interpretação de que a ocupação de caminhoneiro é inferior à de engenheiro, que ele atuava no seu país de origem. A observação chama a atenção para o fato de os imigrantes não possuírem sua formação validada nos países que os abrigam e, ainda, sofrerem preconceito ao realizar tarefas consideradas à margem socialmente. Sendo assim, Otaviana estaria nivelando a sua condição de serviçal à de Kleber, questionando a razão de o imigrante possuir mais valor que ela na fazenda. As atribuições de ambos estariam iguais, em termos de “importância social”, com um agravante: ela é portuguesa e ele austríaco de identificação alemã oriental.

A questão identitária que separa o Leste do centro europeu está ainda mais evidente nas críticas que Otaviana dirige à Myra. A expressão “Mula Ruça”<sup>44</sup> possui tom pejorativo, pois é utilizada para desmerecer o destaque da imigrante no espaço doméstico. No julgamento da funcionária, a nacionalidade de Myra, ligada a uma nação em crise, não poderia assumir mais importância que a de Ismael, nascido na Casa. Segundo o raciocínio, os dois estariam nivelados por pertencerem à classe proletária, mas Ismael se sobressairia por ser português. A mãe do menino, indignada, diz que “estrangeiro está isto tudo”, numa aproximação com os discursos conservadores sobre a migração no continente europeu. A personagem reluta e lamenta a situação do seu país, ao receber grande número de estrangeiros que, em consequência, geram mudanças nas questões culturais.

---

<sup>44</sup> A expressão “Mula Ruça” teria surgido em Évora, Portugal, no século XVI, por conta de um homem chamado António Lopes ter exercido a medicina sem ter posse do diploma. Nesse período, o governo de D. João III teria concedido o título de Doutor ao António Lopes, após tê-lo submetido a testes e comprovado que o homem teria estudado essa área do conhecimento na Espanha. O Doutor ficou conhecido como “Mula Ruça” porque circulava pela cidade em uma mula, de cor acinzentada, de difícil definição.

Apoiado na teoria crítica pós-colonial, Boaventura de Sousa Santos (2006) discute sobre a questão nacionalista na globalização. Para o autor, a ideia de homogeneidade cultural atrelada ao nacionalismo é desestabilizada pelo capitalismo, criando uma tensão para o Estado, já que

É o Estado que medeia entre um projeto de nação e a realidade do capitalismo, mas tal mediação é um projeto votado ao fracasso. Por um lado, a extraterritorialidade do capitalismo só reconhece o Estado na medida em que ele pode contribuir para sua expansão, o que se tornou dramaticamente evidente nas duas últimas décadas por acção da globalização neoliberal (SANTOS, 2006, p. 238).

A fala de Otaviana e a reflexão de Santos se entrelaçam, na medida em que se percebe a força da ideologia nacionalista sobreposta à expansão territorial e econômica capitalista. O antagonismo gera tensões como as existentes na Casa Grande, sobretudo pela falta de reconhecimento dos imigrantes como cidadãos atuantes no território português. Apesar de desconcertante, o discurso tradicional da empregada portuguesa, quanto à questão da origem, assume o tom de denúncia de uma realidade visível no espaço liderado por Mafalda Ivens, o da opressão, daí o narrador considerar a fúria de Otaviana um momento de lucidez.

Na prática, tanto Kleber, quanto Myra encontram-se sob o domínio da pintora latifundiária. O primeiro torna-se cativo pela questão sexual, numa relação despida de amor. A segunda submete-se à ilusória relação parental - a qual desmorona quando Mafalda propõe a morte de Rambo e declara nunca ter adotado a menina. Do mesmo modo, Hermínia e Otaviana devem obediência à Mafalda pela relação de trabalho e de imposição social, embora Otaviana aparente sofrer maior humilhação por ser considerada rude intelectualmente. Isso pode ser inferido na frase dita por Hermínia: “Quem não pode arrear, Octaviana” (COSTA, 2008, p. 49). O enunciado marca o desnivelamento entre as funcionárias e a patroa.

As questões levantadas a partir da Casa Grande evidenciam que há a predominância de atitudes tradicionais, ao mesmo tempo em que surgem nuances provocadas pelas trocas culturais, uma vez que os conflitos proporcionados pelo contato com outras nacionalidades tornam-se inegáveis. O referido espaço mostra-se um lugar não pacífico de encontro entre múltiplas identidades, onde o poder discursivo nacionalista ainda se sobrepõe à expansão territorial globalizada. Assim, a Casa Grande

representa um Portugal que segue se compreendendo como uma nação dominante, à procura de manter a homogeneidade.

Ao contrário da perspectiva uniforme de cultura, encontra-se a residência de Orlando, a Casa Branca. O branco significa tanto a ausência como a soma de todas as cores, por isso, pode constar nos dois polos do círculo cromático<sup>45</sup>. A simultaneidade entre as noções de supressão e de adição confere à cor a simbologia de vida e de morte, que pode ter relação com o renascer. Tais ideias estão presentes no romance, haja vista a concentração de diversas culturas (todas as cores) e a nova vida que Myra e Rambo experimentarão na residência, na qual a “morte” das concepções idenitárias homogêneas cedem lugar às múltiplas. As diferenças entre uma casa e outra se iniciam na descrição dos ambientes, visto que a Branca é apontada como

Um grande bloco branco, com irregulares frestas negras por janelas, alas brancas desiguais que se estendiam pelo verdor como braçadas de um animal assimétrico agachado. Perto, uma lagoa negra (...). Os telhados eram negros, com chapas que fulgiam mica, ou vidro, painéis de energia solar (COSTA, 2008, p. 95).

O ambiente não possui simetria, algo bastante simbólico no entendimento de Myra, que traz viva na memória a organização hierárquica da Casa Grande. As cores branco e preto se harmonizam na construção, possibilitando ao narrador de chamá-la de “a casa branca e preta” (COSTA, 2008, p. 96). O grande bloco assimétrico, torneado por um verde impressionante e pelo mar “cinza-azul” (COSTA, 2008, p. 96), causa na imigrante a sensação de conforto, fazendo-a lembrar do lar no Leste: “O mar entre terras, o Mar Mediterrâneo, Rambô, chegámos. Estamos safos”. A cor cinza do mar parece ser a junção do branco e do preto e a expressão “bloco” lembra a denominação dada à comunidade comunista do Leste, a União Soviética (URSS), primeira referência ao multiculturalismo na casa de Orlando.

Se a natureza na Casa Grande remete à essência, na Casa Branca, o espaço natural parece forjado, bastante requintado. A vitalidade e a variedade observadas no local esboçam o trabalho dos homens em lapidá-lo, uma apropriação do que a natureza tem a oferecer, a exemplo dos jardins, dos temperos e da energia solar. Essa residência

---

<sup>45</sup> Segundo informações do Dicionário de Símbolos *On-line*. Disponível em: < <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/branco/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

inspira à modernidade, algo contrastante para o universo de Myra: “majestoso, para lugares do Sul” (COSTA, 2008, p. 95). Além da arquitetura e do urbanismo, a casa apresenta mais traços que remetem ao capitalismo global, como o sistema tecnológico de acendimento de luzes e fechamento de aberturas, o consumo de alimentos provenientes de diversas partes do mundo, os objetos de arte identificadores de diversas nações e a língua mestiça entre o português, o crioulo, o inglês e o francês faladas entre seus moradores.

Apesar dos vários indícios multiculturais, em alguns momentos, o dono da mansão mostra-se contrário aos Estados Unidos da América, cuja influência em termos de cultura é perceptível desde o fim do período entre guerras. No entanto, Orlando aparenta estar mais impregnado da cultura norte-americana do que gostaria. Um exemplo disso pode ser verificado no questionamento de Myra sobre o anfitrião recebê-la e ao cão com tanto luxo:

- The Pursuit of Happiness<sup>46</sup>. Esse direito. Vem na Constituição dos Estados Unidos da América e é das coisas mais parvas que ouvi na minha vida.
- Então porque a persegue? A Felicidade?
- Não sei. Não mais perguntas por hoje, Kate (COSTA, 2008, p. 102).

No período em que inicia o enredo do romance, os Estados Unidos destacam-se na economia mundial, com o fim da URSS. Isso significa que o capitalismo não encontra empecilhos para expandir o consumo. Ao mencionar o direito à felicidade, previsto na constituição dos Estados Unidos, no intertexto com a narrativa cinematográfica de um homem que luta para tornar-se bem sucedido através do trabalho, Orlando remete ao sonho americano, uma espécie de slogan do país, através do qual seus cidadãos buscam o trabalho como fonte para atingir a riqueza. Em linhas gerais, essa filosofia de vida foi almejada por diversos outros países, produzindo a prática de ostentação, estimulada pelo consumismo, que proporcionou a disseminação da cultura norte-americana em nível mundial.

A relação entre poder econômico e influência cultural possivelmente esteja envolvida na escolha do nome “Casa Branca”, denominação da sede oficial do governo dos Estados Unidos da América. Dentre as possíveis razões para a associação está o

---

<sup>46</sup> Título em Inglês do filme norte-americano *À procura da felicidade*, lançado nos cinemas em 2006, estrelado por Will Smith e dirigido por Gabriele Muccino, baseado em fatos reais.

poder econômico que a família de Orlando possui, lhe permitindo intervenção em determinados setores,<sup>47</sup> e o fato de esse país ser reconhecido como um dos maiores atrativos de imigrantes<sup>48</sup> que, na casa ficcional, são bem recebidos e exercem diferentes trabalhos formalizados.

O entendimento de que a casa de Orlando tem relação metafórica com a Casa Branca norte-americana abre precedente para o argumento de Stuart Hall (2014) sobre o deslocamento das identidades culturais nacionais ao fim do século XX. O fenômeno tem origem numa série de fatores, os quais tem em comum o advento da globalização. Como aspectos mais impactantes da tendência econômica, de acordo o autor, tem-se “um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica de sociedade, como um sistema bem delimitado” (HALL, 2014, p. 39). A substituição do conceito passa ser a investigação de como a vida em sociedade organiza-se dentro de um espaço-tempo. Noção esta conflitante ao se pensar na “compressão de distâncias e de escalas temporais” (HALL, 2014, p. 39), advindas da tecnologia de informação. Hall complementa que “desde os anos 1970, tanto o alcance como o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações” (HALL, 2014, p. 39-40).

A nova organização social da globalização torna-se importante para compreender as questões nacionalistas em transformação na casa de Orlando, por conta de nela viverem imigrantes de vários continentes e portugueses com origens diversas. Além de hospedar Myra e Rambo, a casa é habitada por Cremilda, cozinheira e governanta da residência que, na visão de Myra é “mais mulata do que parda” (COSTA, 2008, p. 97), não ficando clara a sua nação de origem. Também, vive na mansão o Euclides, que é descrito como negro e alto; por Wong, o jardineiro de origem chinesa; Igor, o porteiro de origem ucraniana, e por Nonóia, a Antónia, que é negra e trabalha como auxiliar de Cremilda.

---

<sup>47</sup> No livro *Irene ou o Contrato social* (2000), também de Maria Velho da Costa, Orlando e sua família fazem parte do enredo. Nessa obra, fica mais explícita a interferência do padrasto de Orlando em redimi-lo de um crime de assassinato e, cronologicamente após, em Myra, há a inferência sobre seu poder de diplomata no salvamento de Orlando em África, em seguida do episódio de mutilação sofrido pelo rapaz.

<sup>48</sup> Apesar do histórico de segregação nos Estados Unidos, destituído por lei na década de 1960, e a divulgação midiática das tensões ocasionadas pela migração mexicana no país, entre outras, atualmente, os pronunciamentos do atual presidente dos Estados Unidos, Barak Obhama, a respeito dos deslocamentos de imigrantes e refugiados mostram-se humanitários e receptivos.

Como primeiro ponto a ser analisado, em termos de multiculturalismo, está a língua empregada na residência. Todos os habitantes da casa possuem suas especificidades de fala, entretanto, a língua mais utilizada pelos funcionários para se dirigirem à Orlando, é o Crioulo, o que se mostra um diferencial, pois, estando em Portugal, seria natural que o Português fosse o idioma eleito. Ao longo da narrativa, há vários exemplos sobre seu uso, que sofreu modificações em função da troca cultural entre colonizadores portugueses e os povos colonizados. Mas um deles, em especial, chama a atenção para a manutenção de traços da língua materna, característica que ressalta a identidade multicultural:

Gabriel Rolando abriu um portão, sem sair do carro, com um telecomando. Um fâmulô, bem branco, saiu de uma guarita, desbarretou-se. Espreitou de soslaio para a menina e para o cão encardidos.

- *Tudo drêto, nha patôzinh?*

E isso Myra entendeu, ouvindo o mel ucraniano por debaixo da língua preta. Aprende-se.

- *Yeah, Igor, fecha.*

- *Da, boss* (COSTA, 2008, p. 96).

Na realidade, recorre-se a mais de um dialeto com naturalidade no rápido diálogo. Isso mostra que, na questão linguística, não há hierarquia a ser imposta ou obedecida na Casa Branca. Diante de tantas referências, a escolha do Crioulo como língua-padrão da residência está em consonância com o conceito de “entre-lugar”, utilizado por Homi Bhabha (1998), uma novidade em termos sociológicos, uma vez que impulsiona a articulação das diferenças, em detrimento à valorização das narrativas originárias do nacionalismo:

Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento dos domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [*nationess*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (BHABHA, 1998, p. 20).

O termo “entre-lugar”, ao ser entendido como um espaço que foge aos binarismos e legitima o desnivelamento do poder associado à origem nacionalista,

torna-se pertinente na análise do episódio da tempestade<sup>49</sup> que ameaçou a vida de todos os personagens da Casa Branca. No momento de angústia e temor, Orlando Gabriel toma a frente do grupo, sugerindo que todos permaneçam juntos. Ele sabia que a casa resistiria à ação de qualquer intempérie, mesmo assim, promoveu a interação entre os moradores do lugar, proporcionando instantes os quais fizeram desmoronar qualquer juízo de valor negativo em relação aos hábitos culturais divergentes. Aliás, incentivou a troca cultural como forma de aprendizado e aproximação afetiva. Como exemplo disso, evoca-se o ritual de dança africano compartilhado com Myra:

Então, Antónia levantou-se, atou o pano azul-negro e branco nas ancas. Começou.

Calcanhares bem no chão, Kate, gritou Rolando para se fazer ouvir. A dança em África não esvoaça, não saltita, vem do chão.

*Pé na tchom, faca na mom. Bai*, Nonóia, gritou Mila, as mãos ardentes no saco da roupa molhada, tantã mísero.

E então Nonóia, os braços ao alto e a espinha segura, para que se visse bem a arte, começou a levantar cada nádega, ou ambas, como se fossem livres do demais corpo e da terra, nesse caso, o chão de mármore. Era inverossímil, cada sacão do rabo para fora da gravidade. Nonóia ria, o ríctus do prazer partilhado, solitário e solidário (COSTA, 2008, p. 123).

A participação coletiva no ritual de dança provocou transcendência, ainda evidente no dia posterior, quando o perigo da morte havia se afastado: “Riam de mais e muito. Todos se queriam perdoados e perdoar da orgia, da nivelação de estados, contra o medo da morte, deles e da casa” (COSTA, 2008, p. 124). Conforme a compreensão da passagem, a interação informal entre patrões e empregados os preocupa mais do que a demonstração cultural de práticas corriqueiras nas suas rotinas. No momento do temporal, houve uma nivelação de estados, caso se considere a relação de trabalho, ao passo que, na narrativa, são visíveis outras demonstrações de equiparação cultural. Mesmo assim, a leitura que os funcionários fazem do patrão fulgura um sentimento de admiração e não de medo, como no caso de Mafalda Ivens. No trecho em que Wong,

---

<sup>49</sup> Possível intertexto com *A tempestade*, de Willian Shakespeare, visto que na referida trama, uma tempestade ocasionada pelo poder espiritual de Próspero faz naufragar o navio em que navegava Sebastião, o irmão traidor de Próspero, juntamente com sua tripulação, permitindo que se reunissem, a fim de o Duque deposto recuperar seu poder. No caso de *Myra*, há uma subversão de sentido, já que durante a tempestade ocorre uma nivelação de status entre os moradores da Casa Branca. De todo modo, a ideia de reunião e medo da morte aproxima os dois textos.

absorto pela situação, presencia Orlando salvando Rambo do afogamento no lago dos gansos, reflete: “O jovem patrão era um bom patrão, sábio” (COSTA, 2008, p. 112), é perceptível a relação de afeto que os une.

O episódio tornou evidente a heterogeneidade que complementa a identidade de todos os envolvidos, mas que era velada nas rotinas diárias do ambiente. Um exemplo dessa afirmação é observado na cena do jantar anterior à chuva:

Serviam Nonóia e Kiki, calados, fardados como para gente grande. Myra e Gabriel Rolando comeram e beberam pouco, mas com gosto. Atormentados embora, eram jovens, e Cremilda esforçara-se tanto para decifrar uma linguagem gastronômica que não era a sua (COSTA, 2008, p. 153).

Do mesmo modo que elementos da cultura africana são ensinados na Casa Branca, outras performances também são aprendidas. No caso de Nonóia, Kiki e Cremilda, eles ficaram expostos a novos paradigmas, configurando a “inscrição dupla” de que trata Santos (2006). A característica é uma consequência da experiência de contato com outras culturas, que transforma tanto os indivíduos deslocados, quanto os nativos, que deixam um pouco de si e levam um pouco do outro na desestabilização das noções fixas de identidade. No caso da Casa Branca, a cultura global aparece como um montante de diversas manifestações culturais e nacionais integradas. Tal perspectiva comprova-se em outras passagens, especialmente no que tange às manifestações artísticas:

Myra rejubilou. Gabriel Roland já lhe tinha dito que lhe ensinaria tudo, quando acabasse os trabalhos que o ocupavam. Que Myra não sabia quais fossem, que o ocupavam no andar de cima, de onde por vezes vinha música cabo-verdiana e brasileira e até fados (COSTA, 2008, p. 133).

No trecho, fica evidente a aproximação de Portugal com mais duas culturas, advindas da relação do país com suas ex-colônias, a brasileira e a africana. Elas são parte da formação cultural de Orlando e viriam a ser divididas com Myra em outro momento. Além dessa evidência multicultural, mencionam-se as reflexões feitas por Myra e Rambo, ao compararem a Casa Branca com a Casa Grande:

Na casa Grande, cinema e livros vinham ao acaso e eram outros. Musicais, comédias românticas, nada de pesado. Renoir, quando muito. Eisenstein fora uma exceção à língua dela, Myra, e muito verberada a apaixonada frieza com que Myra reagira. Por frieza a paixão oculta não a ouviram.

Talvez Kleber, mas esse fazia que não entendia.  
Aqui, Gabriel Roland jogava a exacerbação de Myra como quem testa as virtualidades de um instrumento.  
Bresson e Bergman, Godard, Tarkowski e Pasolini, não todos, não de uma vez. Deixava-a repetir, ponderar, antes de ir para cama, que o mundo era vasto e sublime e não tinha nação (COSTA, 2008, p. 133).

A citação corrobora para o entendimento de que as duas casas se opõem frente à abordagem cultural. Na casa de Mafalda Ivens, as leituras e os filmes remetem ao universo mais ameno em termos de inovação e de reflexão sobre os rumos humanos no século XX. A exceção de Eisenstein, cineasta russo influente na década de 1920, todavia, ignorado por Mafalda e Kleber. Em contrapartida, seu desempenho nos filmes é admirado em segredo por Myra. Isso ocorre porque Kleber abstém da sua opinião para agradar a sua amante Mafalda. Por sua vez, Myra identifica-se com o cineasta, pois vivenciou as questões levantadas em seus filmes, na medida em que passou pela experiência do comunismo e, assim, apresenta outra perspectiva de mundo que não a capitalista.

O mesmo posicionamento de Myra aparece na casa de Orlando Gabriel, entendido na profusão de autores lidos e vistos, de nacionalidades distintas, mas que têm em comum a tônica das discussões concernentes ao momento contemporâneo: a provocação, a exposição de perplexidades e a versatilidade cultural, reprimidas durante a colonização e as posteriores ditaduras de direita. A movimentação do romance para o multiculturalismo nas artes remete às reflexões de Edward Said (1999) quando ele problematiza a educação nacionalista que impulsiona sua escrita, visando à utopia de investigação e discussão sobre as questões políticas e sociais que as instituições educacionais têm assumido, na esperança de transpor o multiculturalismo para a prática política efetiva. Como alternativa, Said propõe a implementação das “narrativas de emancipação e esclarecimento”, buscando a “integração das histórias dos povos excluídos do grupo principal” (SAID, 1999, p. 97-98).

Nesse sentido, Orlando Gabriel oferece à namorada a possibilidade de ter contato com produtos artísticos de diferentes óticas, as quais não espelham o posicionamento de um único país. O costume possibilita a conclusão de que o “mundo era vasto e sublime e não tinha nação”, ou seja, junto à tentativa de imposição

imperialista de alguns países sobre outros, há também leituras distintas que auxiliam na formação de um conjunto argumentativo individual.

A abordagem artística multifacetada associa-se às considerações sobre os estereótipos, rechaçados em diversos momentos na Casa Branca. Em um dos diálogos entre Orlando e Myra sobressaem os adjetivos “bárbaro” e “burro”, atribuídos aos nativos, durante o período colonial:

-Welcome to the club, dissera ele a rir. Mas sabes pôr-te no que estás, Kate. Nunca terás vergonha de uma sensualidade pobre, falsa. Acredita que há gente assim, geralmente escondida num palavreado muito esperto, muito pensado, num corpo morto. Não somos burros, somos bárbaros. O burro é um animal civilizado (COSTA, 2008, p. 118).

Em suas reflexões, o rapaz critica a noção de civilidade associada ao discurso europeu dominante. Segundo a definição do dicionário<sup>50</sup>, a palavra “bárbaro” pode ser compreendida em diferentes sentidos. O primeiro deles possui juízo de valor negativo. É sinônimo de “rude”, “grosseiro”, “indelicado”. Ou pode assumir conotação positiva, quando alguém apresenta muitas qualidades. Ainda, o significado do sintagma remete aos invasores bárbaros, historicamente conhecidos como os povos não habitantes do Império Romano. Durante o século V, os representantes guerreiros dos povos bárbaros invadiram o Império Romano, contribuindo para a sua queda. Desde esse período, a expressão “bárbaro” passou a designar ‘o outro’ durante as conquistas territoriais do período colonial. Desde então, repercute a tendência de significação negativa.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2006), as práticas performáticas e discursivas do período colonial contribuíram para a geração de narrativas históricas e literárias que, escritas através do olhar europeu ocidental, disseminaram a noção de salvadores dos colonizados. Os nativos eram vistos como os bárbaros, os ignorantes, que necessitavam assimilar a cultura ocidental para adquirirem valor diante da civilização dominante. Numa tentativa de romper com esse conceito, as palavras de Orlando levam a crer que os europeus da colonização subverteram a designação de “bárbaro”, vindo a exercer o controle como invasores, apesar de se autojulgarem eruditos. Santos considera importante a desconstrução da narrativa colonial, “escrita

---

<sup>50</sup> Dicionário Escolar de Língua Portuguesa, organizado pela Academia Brasileira de Letras (2008).

pelo colonizador”, procurando “substituí-la por narrativas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2006, p. 233).

Por tais razões, a fala do rapaz ironiza o conceito de “bárbaro”, através da oposição estabelecida na expressão “burro”. Além da significação de “pouco inteligente”, “bronco” ou “ignorante”, a palavra é associada ao trabalho, pois o animal burro é comumente utilizado em carroças para auxiliar no serviço pesado. A partir disso, o dicionário<sup>51</sup> sugere mais uma designação: “pessoa que faz trabalho excessivo que deveria ser exercido por outro”. Portanto, ao dizer “o burro é um animal civilizado”, Orlando está chamando historicamente a civilização ocidental de aproveitadora. Uma atitude reivindicatória, já que a mão de obra utilizada para o enriquecimento e fortalecimento das nações, no Imperialismo, era escrava. O mesmo pode ser dito do emprego feito por ele do adjetivo “bárbaro”, tendo por base os descendentes de colonizados, representados por Orlando, e orientais, representados por Myra, no romance. Eles conduzem o estigma dos “invadidos”, os quais tiveram suas identidades silenciadas no processo civilizatório que influenciou a contemporaneidade.

Seguindo a reflexão a respeito dos estereótipos, em determinado momento da narrativa, ocorre a comparação da ideologia dos países envolvidos na Guerra Fria, Rússia e Estados Unidos, juntamente com Portugal, país onde vivem no tempo atual do romance. O diálogo entre Orlando e Myra a esse respeito traz à tona a questão nacionalista:

-Todo o privilégio é corrupto? Ou não é?

-É. Mas tudo é relativo. Não somos perfeitos, santos, Kate.

- A nostalgia de qualquer russo é ser santo, perfeito. Santa Mãe Rússia. Lembras-te? Não é uma nação, é uma fé. E quanto mais se degrada, mais assim é. A Rússia morre de desgosto.

-E os Estados Unidos da América do Norte, não é assim? E o país de Salazar, Deus, Pátria e Nação, não era assim? Sossega, Ekaterina, vamos ser úteis no pouco que pudermos, juntos (COSTA, 2008, p. 187).

A comparação entre os três países evidencia os relatos míticos de formação das nações. Orlando as julga como iguais, apesar das diferenças ideológicas. Estas são absorvidas culturalmente pelos indivíduos, colocando os respectivos países em

---

<sup>51</sup> Idem à nota 19.

confronto com os demais. Novamente, a narrativa incita ao reconhecimento das identidades como heterogêneas, desmistificando o nacionalismo e, por consequência, a estabilização das posições sujeito dentro do cenário globalizante. No entanto, conforme expõe Stuart Hall (2014), os antagonismos sociais não permitem que as sociedades nacionais se desintegrem totalmente, “não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados” (HALL, 2014, p. 14). Uma dessas circunstâncias agregadoras dentro da nação pode ser o discurso do estereótipo, quando este serve ao propósito de aceitação.

O trecho em análise se desenvolveu em razão de Orlando ter elogiado Myra por ela ter beijado três vezes as faces dos funcionários da Casa Branca, na despedida antes de viajarem para Lisboa. A saudação típica de um russo deixa transparecer as influências culturais do seu país de origem. A observação do namorado enfurece a garota, que se compara ao presidente, perguntando “- Como a puta do Putin cresce e beija? Beija à russa?” (COSTA, 2008, p. 186). Tal comparação transmite a ideia de que a Rússia teria perdido sua identidade ao tornar-se capitalista e, assim, a retomada do país para o sucesso econômico, ocorrido no início dos anos 2000, pelo comando do presidente Vladimir Putin, tornara-se um “privilégio corrupto”. O sentimento de Myra justifica-se por ela sentir-se corrompida diante da própria identidade, tão modificada desde sua chegada ao país português, propiciando a alusão ao paradoxo da globalização, explorado por Stuart Hall (2003). Essa oposição é marcada pela busca da padronização da cultura, através do consumo e, por outro lado, faz surgir manifestações em torno do desejo de representação, produzindo o retorno das discussões em torno dos estereótipos e das traduções.

Por conta disso, Myra fantasia sobre a antiga pátria comunista que, mesmo agora, sendo capitalista, poderia recuperar a força da identidade russa, forjada durante a Guerra Fria:

Vi na televisão. Talvez um dos irmãos, lá longe, tivesse virado multimilionário dum dia para o outro, desses que compram clubes de futebol dos mandantes de outrora, os ingleses, e batem o pé, de novo enérgico, aos americanos. Talvez. E talvez a recebesse e a avó fosse agora uma rica dama, de *fichu* de renda na cabeça e camafeu de marfim e âmbar no nó da gola, uma dama antiga, e que a procurasse, estivesse viva e a procurasse onde ela, Myra, não pudesse ser encontrada.

Eram sonhos que a amarguravam um pouco (COSTA, 2008, p. 131).

A citação mostra a preocupação de Myra a respeito da mudança que a abertura capitalista poderia ter trazido à sua terra natal, comparando-a aos ingleses e aos norte-americanos, exemplos bem sucedidos na economia de mercado. Tal realidade é minimizada pelos sonhos da garota, sobretudo na ideia de que o novo posicionamento ideológico da “avó-pátria” pudesse ser uma estratégia de confronto à possível padronização global. A ilusão de um “golpe” tornaria possível o retorno da imigrante à Rússia, de forma receptiva e em condições mais favoráveis, diferente de quando foi enviada a Portugal.

O desejo de Myra em retornar triunfante é analisado por Edward Said (2003), quando menciona a descontinuidade das raízes que acomete um “exilado”, a todo o momento. Ele explica que a falta de referência tenta ser revertida, com o objetivo de recompor o passado e os vínculos perdidos. Essa característica intensifica a noção de que a relação entre exílio e nacionalismo não é neutra, incluindo “do mais coletivo dos sentimentos à mais privada das emoções privadas” (SAID, 2003, p. 50). Por isso, os indivíduos deslocados

Preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que uma situação de exílio, sem essa ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje (SAID, 2003, p. 50).

A junção entre o passado identitário da personagem russa e as vivências obtidas em Portugal jamais a fariam retornar ao estado anterior, já que durante sua estada no país, Myra teve acesso a práticas culturais distintas. Ela passou por um processo de transformação considerável, atingindo o ápice na Casa Branca, local onde a imigrante conseguiu expor um pouco mais suas opiniões e visões de mundo. É certo que Myra ainda não havia revelado seu verdadeiro nome, nem o de Rambo, nem mencionado a Orlando as poucas lembranças que tinha da família. No entanto, caso a narrativa seguisse os planos do casal, a saída da Casa Branca seria o ponto de partida para o que se poderia denominar de a “redenção da personagem”, a qual superaria os obstáculos impostos pela nacionalidade. Dessa maneira, não haveria mais razões para mentir.

A essa etapa do enredo, surge, no leitor, o sentimento de que ocorreria um final feliz para Myra, embora o narrador oferecesse algumas pistas de que não seria assim.

Uma delas é a ideia de que a Casa Branca era o mundo ou “todo mundo que havia de haver” (COSTA, 2008, p. 107), insinuando que fora daqueles limites, o mundo seguiria inóspito. Após, ele informa que, depois de Myra e Orlando terem concretizado o amor, “a partir daquela noite, todos, criados, bichos, plantas e noivos, viveram felizes para sempre naquela casa, durante muito pouco tempo” (COSTA, 2008, p. 172). Com isso, infere-se que a Casa Branca é a construção de um mundo utópico, que se espedaça com a saída do casal.

Ao decidirem morar em Lisboa, o destino da casa era ser vendida, “e todos teriam remunerações justas e encomiásticas referências. Mas qual o preço do abandono, o preço do fim do pouco lar que se conhece?” (COSTA, 2008, p. 179). Se a despedida dos funcionários causou tristeza, o ato de ganhar a estrada trouxe a traumática realidade de volta para o universo particular de Myra. No trajeto, Orlando é assassinado e Rambo e sua dona sucumbem na mão dos algozes, confirmando que a Casa Branca é a representação idealizada das nações contemporâneas, cujas relações de subalternidade são minimizadas e onde seria possível transgredir os paradigmas marcadores de exclusão.

### **3 A ficção contemporânea pelo viés da metaficção historiográfica**

Os estudos da pesquisadora canadense Linda Hutcheon (1991, p.141) pautam-se na aproximação entre o histórico e o literário nos textos contemporâneos. Ela chama a atenção para as características comuns às duas formas linguísticas, que são a verossimilhança, os construtos linguísticos e a intertextualidade. Ao analisar tais conceitos, a autora os problematiza, na medida em que a verossimilhança é estabelecida na ficção em detrimento a uma verdade objetiva, atrelada ao fato histórico. O mesmo ocorre com a questão discursiva, sobretudo por clarificar a ideologia não neutra presente nos construtos linguísticos em ação na estrutura narrativa. Igualmente, Hutcheon propõe a intertextualidade como viabilizadora do desenvolvimento dos “textos do passado com sua própria textualidade complexa”.

A junção dos elementos mencionados proporciona a relativização entre o discurso histórico e suas consequências na época contemporânea, através do ato consciente de releitura do passado. A partir disso, Hutcheon nomeia de “metaficção historiográfica” o romance o qual torna visível a retomada do passado, através do texto de ficção, evidenciando identidades situadas em contextos subjacentes da textualidade:

(...) esse termo refere-se a romances cuja auto-reflexividade atua em conjunto com o que parece constituir seu oposto (a referência histórica) tendo por objetivo revelar os limites e os poderes do conhecimento histórico. O desafio à história ou a sua escrita não é a negação de nenhuma das duas (HUTCHEON, 1991, p. 280).

O desafio mencionado pela pesquisadora se estabelece na fuga às polarizações, por isso o exercício constante que o romance contemporâneo produz de substituir a relação “autor-texto” pela “leitor-texto” (HUTCHEON, 1991, p. 166), buscando novas formas de construção de sentido. Para isso, movimentam-se os elementos de metaficção historiográfica supracitados, numa combinação entre o desalinhar dos discursos históricos tradicionais, promovido pela paródia intertextual e pelo surgimento de personagens “ex-cêntricos” nas tramas. Estes são entendidos como indivíduos que se encontram à margem socialmente, ou seja, que não estão enquadrados em sistemas totalizantes ou homogêneos (HUTCHEON, 1991, p. 84).

Em termos de significação, a paródia é vista como “uma das formas de incorporar literalmente o passado textualizado no texto do presente” (HUTCHEON, 1991, p. 156), tecendo as narrativas por entre referências fílmicas, musicais, literárias,

plásticas e discursivas. A composição intertextual da paródia pressupõe um referente inserido nos discursos da cultura, “um vínculo do texto com o mundo” (HUTCHEON, 1991, p. 158) que, ao ser combinado a novos contextos, possibilita a indagação sobre o lugar de onde a linguagem advém, uma demonstração a respeito das ideologias constitutivas dos dizeres. Com isso, Linda Hutcheon (1991, p. 163) qualifica o intertexto como “a marcação formal da historicidade – tanto literária quanto mundana” e sua desestabilização em novas interpretações corrobora para a abertura do texto, convergindo para a premissa não estruturalista.

Mas a intertextualidade não é captada somente no âmbito estético, sendo também originada nas “formas coletivas de discurso” (HUTCHEON, 1991, p. 169-170), a interdiscursividade. Isso ocorre em função de a linguagem possibilitar o uso fruto em diversas situações de comunicação, assim como deixa visíveis as marcas ideológicas de cada falante. Além de permitir a incorporação de juízos de valor ao longo do tempo, causando a impressão de que as menções discursivas são originais. No entanto, reproduz-se, a todo instante, ideias já expostas anteriormente, justificando a interação teórica com Barthes<sup>52</sup> de que “a intertextualidade é a própria condição da textualidade” (HUTCHEON, 1991, p. 167).

De todo modo, pelo viés da intertextualidade e/ou da interdiscursividade, os romances de metaficção historiográfica pressupõem a noção de efemeridade ligada à linguagem. A característica de construção e reconstrução da língua por si só é fator de confronto do texto com a história e com a tradição, sobretudo quando se considera a internalização dos discursos. Essa condição relaciona-se ao intertexto e implica em questionamentos sobre a originalidade que, segundo Linda Hutcheon, configura-se numa das lições promovidas pela contemporaneidade: as interpretações semióticas.

A leitura de *Myra* possibilita a imersão no embate entre a tradição e a inovação no que concerne à forma narrativa, devido à ocorrência de diversas fontes intertextuais e discursivas. Outra evidência dos elementos de metaficção historiográfica no livro em análise encontra-se na profusão de papéis marginalizados no enredo e nas formações culturais de bases heterogêneas. Tal conjuntura faz surgir o subtexto revelador da

---

<sup>52</sup> Linda Hutcheon cita a teoria de Roland Barthes, na obra *The pleasure of the text* (1975, p. 36).

relação entre o passado histórico e o presente do enredo, permitindo a interpretação de que a história interfere diretamente no destino dos personagens.

### 3.1 A metaficção historiográfica em Myra

A definição de metaficção historiográfica, realizada por Linda Hutcheon, vai ao encontro do texto implícito formado no romance em questão, por conta do embate ideológico travado em uma época específica, mas que ainda interfere nos caminhos sociais e culturais da atualidade. Trata-se do fim da União Soviética (URSS), o qual potencializou o capitalismo sem delimitação de fronteiras, sobretudo por não haver mais uma frente opositora ao sistema com tamanha força como teve a URSS. Por conseguinte, as implicações das novas configurações mundiais após a Guerra Fria incorporam-se na construção da imigrante Myra. A constituição de sua personalidade ultrapassa a abordagem geral, referida na situação de pobreza dos países do Leste Europeu recém-capitalistas, e explora o particular, ligado ao conflito interior que a acomete, fato que possibilita as análises de cunho identitário. A associação entre a referência histórica e o enredo do romance delineiam uma realidade ideológica, cotejando

os paradoxos de representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado. E, por si só, essa confrontação é contraditória, pois se recusa a recuperar ou desintegrar qualquer um dos lados da dicotomia, e mesmo assim está mais do que disposta a explorar os dois (HUTCHEON, 1991, p. 142).

Então, o texto reflete o embate dicotômico levantado pela pesquisadora canadense, pois um conjunto de citações intertextuais e de metáforas movimentam a interferência dos discursos do período abrangente à Guerra Fria, sobressaindo a representação cultural pertencente a cada personagem. Seus respectivos destinos permeiam reflexões a respeito da influência do passado no presente, deixando transparecer ideologias mais igualitárias no que concerne ao imaginário dos estereótipos tradicionais, por meio do espaço reservado às traduções dos indivíduos sobre si mesmos e da percepção do narrador sobre os personagens. Além disso, a aliança formada entre Myra, Rambo e Orlando torna-se o veículo pelo qual o narrador apresenta possibilidades de futuro, tendo como fio condutor o multiculturalismo. Tudo isso distribuído no texto de maneira a explorar literariamente o que a história oferece, em conformidade com o que menciona Linda Hutcheon:

Os romances pós-modernos levantam, em relação à interação da historiografia com a ficção, diversas questões específicas que merecem um estudo mais detalhado: questões que giram em torno da

natureza da identidade e da subjetividade: a questão da referência e da representação; a natureza intertextual do passado; e as implicações ideológicas do ato de escrever e sobre a história (HUTCHEON, 1991, p. 156).

No caso de *Myra*, a ideologia subjacente à narrativa pode ser interpretada como uma tentativa de denunciar os discursos de supremacia das nações europeias ocidentais. Na contemporaneidade, a ideologia de soberania sobre os países do Sul ou do Leste ainda perpetua preconceitos, sobremaneira quando se verifica que a globalização estreita as relações comerciais, tecnológicas e de comunicação e, no entanto, os sujeitos não conseguem ultrapassar as barreiras impostas pela visão cultural nacionalista. O contraponto entre o nacionalismo e o multiculturalismo desenha o paradoxo do capitalismo, que foi mencionado por Stuart Hall (2003) e está presente no texto de Maria Velho da Costa, por conta da evocação do período histórico de fins dos anos 1990 e início dos 2000, quando se constatou a propulsão de novas concepções identitárias, devido ao advento das migrações.

O clima de contestação sobressai em *Myra*, aproximando-se novamente ao conceito de metaficção historiográfica, visto que “aquilo que é “diferente” é valorizado em oposição à “não-identidade” elitista e alienada e também ao impulso uniformizador da cultura de massa” (HUTCHEON, 1991, p. 170). Nesse ínterim, é possível entender a união entre a personagem homônima, o cão Rambo e Orlando Gabriel como um contraponto ao discurso tradicional, uma vez que o multiculturalismo seria a solução para a intolerância étnica e, também, para a promoção de relações sociais mais dignas e solidárias. Como estratégia para a desconstrução nacionalista, percebe-se a constituição intertextual de Rambo, que remete à ligação entre as culturas inglesa e norte-americana. O mesmo pode ser entendido na formação do personagem Orlando, o qual apresenta nacionalidade portuguesa, mas atravessado pelas raízes familiares africanas e pelo exílio ocasionado em terras inglesas.

A mistura dos elementos identitários do norte-americano, do inglês e do africano, que tomam forma em Rambo e em Orlando, relacionado à identidade russa de *Myra*, em pleno processo de transformação multicultural, remonta a uma utópica união entre as nações envolvidas. Tal premissa favorece a impulsão de atitudes políticas, que visam superar os binarismos tradicionais. Essa análise será demonstrada nos próximos subcapítulos desse trabalho.

### **3.2 A constituição intertextual de Rambo**

A construção do personagem Rambo é materializada nas referências intertextuais, não só no que se refere ao texto literário em si, mas também a personalidades e fatos históricos e seus respectivos discursos. A comprovação de tal interpretação inicia-se na descrição fornecida pelo narrador a respeito do cão, levando a crer que este seja um Pitbull: “Myra reconheceu-lhe a traça, de há tantos anos e tão longe terra: eram os cães do que levavam e traziam pacotes grossos, os cães de luta, os cães de matar cães, o pior cão do mundo” (COSTA, 2008, p. 13). A raça é constantemente associada à violência, em razão de ataques a outros animais e a humanos, o que vem sendo debatido na atualidade por veterinários e protetores dos animais.

A impressão negativa atrelada ao Pitbull tem base nos últimos 20 anos de sua história, devido a organizações de luta entre cães, as quais faziam notar a supremacia da linhagem perante outras raças, fato hoje considerado ilegal. Inclusive, no início do romance, são lembrados os massacres promovidos por Rambo ao ser estimulado por seus antigos donos a brigar com outros animais, tendo por finalidade garantir grandes quantias de dinheiro oriundas de apostas.

Algo semelhante ocorreu no surgimento do Pitbull na Inglaterra, no início do século XIX. Ele foi criado a partir de mistura de outras raças, como Bulldog, Fox Terrier, Greyhound, Jack Russel Terrier, American Staffordshire Terrier e Bull Terrier, entre outros, no intuito de “fabricar” um produto que reunisse características de agilidade, força, coragem, resistência, agressividade e inteligência em um animal compacto. Esses cães eram utilizados em lutas contra touros, uma forma de entretenimento para os operários ingleses. Por volta do ano de 1835, essa prática foi considerada desumana, fato que transformou as “rinhas” numa atividade ilegal e popular. Mesmo nesse período, os cachorros da raça Pitbull eram treinados para serem dóceis e obedientes para com seus donos, fomentando o interesse justamente pelo paradoxo da violência e da subserviência.

A sua popularização na América foi impulsionada pela imigração e os Pitbulls passaram a ser utilizados em propriedades para proteger as lavouras contra predadores e em estratégias de guerra. Segundo pesquisadores do assunto, os referidos cachorros

tornaram-se parte importante na constituição cultural de nações em desenvolvimento, sobretudo quando as cidades começaram a se estabelecer. No período, era comum a presença da figura do cão estampando logotipos de casas comerciais e aparecendo em revistas e pôsteres, momento em que eram considerados animais de estimação das famílias.

Durante a década de 1980, foi detectado o aumento descontrolado da raça em locais onde a população sofria de desigualdades sociais, ao que criadores apontam como uma consequência do intuito principal, que era atingir níveis econômicos mais elevados. Foi assim que cães sem *pedigree* eram vendidos a preços baixos, sendo destinados novamente a rinhas e submetidos a treinamentos agressivos por parte dos donos. A proliferação exagerada e os maus tratos contribuíram para os ataques frequentes dos cães aos seres humanos, gerando insegurança quanto a sua personalidade. Por essa razão, em muitos lugares, os Pitbulls foram banidos.

Apesar da polêmica em torno da raça, é inegável a identificação norte-americana com o cão, talvez por essa razão o nome escolhido para o personagem canino tenha sido “Rambo”. A alcunha tem origem no livro *First Blood* (1972), escrito pelo canadense David Morell, que foi adaptado para o cinema em 1982, recebendo, no Brasil, o título *Rambo: programado para matar*, ou *A fúria do herói*, em Portugal. Reservadas as diferenças entre filme e livro, o enredo se constitui da história de um soldado retornado da Guerra do Vietnã (1955-1975), chamado John Rambo. Ele procura por um amigo em uma cidade pequena do interior dos Estados Unidos e acaba sendo perseguido pelo xerife local, Will. O sucesso de bilheteria do filme motivou a filmagem de uma trilogia, composta por *Rambo II: a missão* (1985) e *Rambo III* (1988).

Uma série de *sites* e *blogs* enfatiza que a postura do personagem principal da sequência cinematográfica modifica-se desde a passagem do livro para o filme, porque, no primeiro, Rambo apresenta mais profundidade psicológica, expondo seus traumas de guerra, o que é mais superficial no segundo. Conforme artigo<sup>53</sup> escrito por Pedro Zambarda de Araújo (2010), nos filmes, ocorre uma mudança ainda maior, visto que, aos poucos, o soldado atormentado cede lugar ao herói engajado ao patriotismo. A modificação do personagem aproxima-o do perfil dos próprios norte-americanos:

---

<sup>53</sup> Texto publicado na revista Anagrama, São Paulo. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.usp.br/anagrama/Araujo\\_Rambo.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Araujo_Rambo.pdf).

Analisando cenas de ação e situações em que Rambo age como uma “máquina de guerra”, um homem contra muitos inimigos, as sequências Rambo:First Blood Part II e Rambo III transformaram o personagem em uma expressão do governo americano ao invés da imagem perturbada, psicopata e maníaca em sua idéia original. Os genocídios promovidos pelo herói passam a ser justificados por sua postura política, sua imagem como homem defensor dos interesses de sua pátria, dos interesses das intervenções militares que os EUA propagariam nos anos seguintes (ARAÚJO, 2010, p. 5).

Em vista disso, o pano de fundo do enredo de Rambo é a Guerra Fria<sup>54</sup>, em razão de o texto fílmico remeter aos discursos políticos típicos do período. A ideologia contrária ao socialismo recaía sobre a representação dos vietnamitas em Rambo II e pelo afegãos em Rambo III, retratados pelos oponentes como fracos e incapazes. Por outro lado, fazia-se presente o nacionalismo norte-americano, traduzido pela incansável perseverança do soldado. A essa altura, prevalece a figura do líder bem sucedido, que já vinha sendo forjado anteriormente:

Desde o começo da Segunda Guerra Mundial, devido ao excelente desempenho no primeiro grande conflito, o povo dos Estados Unidos da América criou justificativas e símbolos que demonstrassem a prosperidade de seu povo, a justiça e a ousadia de superar crises em que eles acreditam como em dogmas religiosos. Desde então, super-heróis em revistas em quadrinhos, filmes western sobre a Conquista do Oeste contra os índios americanos e os filmes de guerra foram forças motoras para esse orgulho nacional (ARAÚJO, 2010, p. 10).

A modificação do *status* do personagem acarreta no deslocamento da significação de Rambo para o povo norte-americano, assim como acontece no romance em estudo, visto que a união com a menina Myra transforma o cão, que de assassino cruel, passa a ser o companheiro fiel. A referência a *First Blood* talvez seja uma ligação à expressão “sangue puxa o sangue”, utilizada pela imigrante em várias passagens do livro. Ao serem retomados os fatos históricos referentes à raça Pitbull, percebem-se características em consonância com a migração, com a miscigenação, com a violência e com estereótipos. Isso ocorre em virtude de a garota conferir a Rambo semelhanças

---

<sup>54</sup> No mesmo artigo já citado, Pedro de Araújo menciona, com base em Hobsbawm, que os Estados Unidos da América não tinham interesse em que o Vietnã se tornasse um país comunista, temendo o fortalecimento da União Soviética. Por essa razão, envolveu-se na disputa civil que acometia o Vietnã do Norte (socialista) e o Vietnã do Sul (capitalista).

consigo mesma, já que passa por transtornos relativos ao estereótipo do Leste Europeu e está em conflito por ver sua identidade nacional se transformando no contato com outras culturas. A derrocada de Myra poderia tomar novo rumo na aliança com Rambo, ao considerar-se a relação metonímica entre a menina e a Rússia e entre o cachorro e os Estados Unidos, uma pista a mais para a interpretação do discurso de multiculturalismo que emana do texto literário em questão.

No início do livro, Myra reconhece Rambo como “o pior cão do mundo” e, em seguida, ao lembrar-se dos açoites que sofrera na Caparica, admite que precisa ser “a melhor no mundo”. Essa ideia está associada aos valores que a menina russa trazia em sua cultura, pois o capitalismo norte-americano era considerado como inimigo. No entanto, as dificuldades em Portugal a fazem perceber que os ideais socialistas já não causam impacto nas novas configurações mundiais. As suas constatações provocam a indagação a respeito do seu papel e ao do cachorro: “O que vamos fazer para acrescentar valor ao mundo” (COSTA, 2008, p. 59). O questionamento sobre o posicionamento dos personagens no tocante às relações sociais remete à noção de que a associação entre as nações seria uma solução para os problemas de exclusão.

A alteração da representação de John Rambo ao longo da trilogia fílmica é semelhante à ocorrida com o cão em *Myra*, tanto que ele mesmo faz uma reflexão sobre as questões identitárias, no episódio em que foi salvo do afogamento no lago da Casa Branca de Orlando: “*Através do outro, e em face do outro, sob seu olhar, um ser sendo forja a sua identidade*<sup>55</sup>” (COSTA, 2008, p. 142). Esse trecho traz à tona as discussões sobre representação e tradução, visto que, de acordo com Hall (2006, p.71) os processos de formação cultural não são completos, pois envolvem sistemas de referência, de normas e de valores, os quais estão sujeitos a modificações, através das transações que o contato com o outro enseja. Desse modo, a cada nova experiência, o personagem adquire outros elementos culturais, os quais se conectam a sua tradução identitária. Quando contraposto à visão do outro sobre ele, detecta-se o choque praticamente inevitável entre o estereótipo e o particular.

Complementando a noção de identidade em construção, além da referência ao personagem John Rambo, aparece uma variação para “Rambô”, cuja pronúncia insinua

---

<sup>55</sup> Trecho extraído do romance *Amar um cão* (1990), de Maria Gabriela Llansol, referente à passagem sobre a ressurreição do cão jade, personagem principal da história.

a proximidade com o escritor francês Arthur Rimbaud (1854-1891). O autor teve as produções consideradas como inovadoras para o período em que atuou, sendo retratado como um dos “primeiros modernistas”, segundo críticos de sua arte. Isso se deve ao fato de sua escrita não seguir os padrões estéticos e normativos de fins do século XIX e por permitir a expressão dialógica polifônica em discursos de liberdade para o outro, conforme Medeiros (2011)<sup>56</sup>.

Ao ser investigada a história de vida de Rimbaud, percebem-se ainda mais semelhanças com a construção do cachorro companheiro de Myra, em especial quando se dá destaque às viagens feitas pelo escritor, que percorreu outros continentes. Em sua estada em países como Inglaterra e Etiópia, dividiu suas vivências na escrita e nos demais trabalhos que exerceu quando lá morou. Ao que tudo indica, a abertura para a absorção do novo, em termos de cultura, apresenta-se como uma característica de Rambo. Uma referência para demonstrar que a identificação nacionalista é invenção do homem, podendo sofrer interferências a todo instante, o que coloca em cheque o conceito homogêneo sobre as identidades.

A relação intertextual proposta na apropriação do nome “Rambo” condiz com a perspectiva informada por Linda Hutcheon ao dissertar sobre a paródia, já que

As artes pós-modernas questionam a autoridade de qualquer ato de escrita por meio da localização dos discursos da história e da ficção dentro de uma rede intertextual em contínua expansão que ridiculariza qualquer noção de origem única ou de simples causalidade (HUTCHEON, 1991, p. 169).

Dessa maneira, a liberdade que a intertextualidade histórica atinge na escrita literária faz notar a crítica ao discurso de hegemonia cultural que, no caso do romance em estudo, está mais dirigida àquela forjada por parte da tradição europeia e dos Estados Unidos. A premissa de soberania mostra-se aceita por Portugal, país apoiador do capitalismo durante a Guerra Fria. Portanto, figura como o espaço em que são demonstradas as ligações entre as culturas advindas das nações portuguesa, norte-

---

<sup>56</sup> Felipe Garcia de Medeiros, em artigo intitulado “A criação verbal de Rimbaud: a palavra selvagem”, publicado na revista eletrônica Parâmetro, em fevereiro de 2011, faz uma análise de diversas obras do escritor francês, sob a ótica Bakhtiniana.

americana e russa, somada à inglesa, com a qual o jovem Orlando Gabriel se identifica e que, em seguida, será explicada.

### 3.3 A intertextualidade e a desestabilização do nacionalismo em Orlando

O envolvimento de Orlando Gabriel com a intertextualidade é evidenciada em vários momentos da narrativa em análise. Como exemplo, é possível apontar a relação que o rapaz tem com a Inglaterra, percebida na apropriação da língua inglesa, que ele utiliza com naturalidade. O rapaz faz uso de repetidas citações de William Shakespeare (1564-1616), inclusive sendo recorrentes desde o romance *Irene ou o contrato social*. Nesse romance, desvela-se a escolha da referido país como o local do “exílio”<sup>57</sup> de Orlando, após este ter cometido um crime.

Os diálogos de Orlando Gabriel fazem notar uma linguagem híbrida, já que ele investe no Crioulo, no Português e no Inglês, entre outros, para se comunicar em diferentes situações. De forma geral, o personagem apela para a língua anglo-saxã ao mencionar atributos físicos ou artísticos, ao chamar carinhosamente Myra de “darling”, ou de “Kate” (adaptando o nome Ekaterina, fornecido pela garota), quando cita títulos de filmes, ou apenas inclui expressões aleatórias aos outros idiomas que domina. Tal atitude parece privilegiar a característica inata da interferência cultural nas linguagens que, atualmente, vem sendo mais explicitada mediante a globalização. Ainda, no romance anterior ao *Myra*, chamado *Irene ou o contrato social*,<sup>58</sup> a história de Orlando é mais explorada, deixando visível ao leitor o domínio do Inglês por parte do rapaz, apesar de ele ter ido à Inglaterra somente após o padrasto livrá-lo da pena de assassinato.

Desse modo, é na Inglaterra que Orlando Gabriel vive um ano de sua vida e é lá que ele se depara com a situação de diáspora, muitas vezes gerando desconforto. Nesse local, o rapaz se despe da condição financeira confortável da família e assume a identidade de estrangeiro, vindo a chamar-se de Emílio, exercendo trabalhos braçais e aceitando o olhar preconceituoso que os nativos lhe lançavam: “preto e alentejano”

---

<sup>57</sup> Pelo fato de Orlando estar impedido de voltar a Portugal, devido ao assassinato que cometeu, ao custo de perder a própria vida, é que se torna possível denominar de exílio sua estada na Inglaterra.

<sup>58</sup> Em *Irene*, há um episódio em que Orlando e a irmã conversam em Crioulo, Inglês e Português, quando estão no quarto, antes de dormir, de modo que o entendimento sobre o conteúdo do diálogo quase se torna problemático, devido à hibridez a que o leitor, geralmente, não está habituado. A experimentação linguística é uma característica estética das obras de Maria Velho da Costa, consideração que a coloca numa posição privilegiada entre os críticos literários, sobretudo pela ideia de inovação, mas que, ao mesmo tempo, traz certa dificuldade à compreensão. Pode-se considerar que em *Myra*, a hibridez linguística apresenta-se mais amena, tornando mais fluente a leitura.

(COSTA, 2000, p. 113). De sua postura, subentende-se que ocorre uma modificação identitária forçada pelas circunstâncias. Todavia, sua relação com a língua inglesa se mostra aprazível, um paradoxo, se for considerado o processo de adaptação acontecido em solo britânico: “Mudou de estatura e constituição, mudou de nomes, mudou de mãos, **mudou de falas para um só linguajar local, saboroso embora**, de mão-de-obra dispensável, errante, português de papéis sebentos” (COSTA, 2000, p. 111 - grifos meus).

Durante a experiência em território inglês, o jovem renuncia a educação privilegiada pela riqueza, abandonando a paixão pelas artes clássicas. Ele passa a frequentar os lugares populares e da boemia, dando a entender que foi ali que começou a conhecer, de fato, a cultura inglesa:

Falei muito, mal, grunhido híbrido de línguas, que são a língua franca da inteligência varonil, bélica, estratégico-romana, napoleônica, utópica, veemente, apaixonada, verdadeiramente cívica e aglutinadora do continente que eu sou, simulo, súplica do mais empenhado e constante parlamento europeu (COSTA, 2000, p. 115).

Mesmo na condição de imigrante, ao ver-se falante da língua do novo país, Orlando entende que esta é aglutinadora do “continente” que ele é, ou seja, faz reunir todas as referências étnicas as quais o constituem, possibilitando a aceitação de si próprio e promovendo o vínculo identitário com o lugar que o abriga. Apesar de ter sido criado em Portugal, o rapaz pardo não se enxerga como português, pelo menos não dentro das fronteiras impostas pelo nacionalismo. De qualquer forma, a absorção do Inglês como parte de sua internalização linguística pode ser considerada emblemática, no sentido da memória histórica. A língua anglo-saxã expandiu-se durante o período da colonização, assim como o Português e, entretanto, possui um caráter de poder indiscutível, devido ao uso mundial a que foi convencionada.

Isso se deve, muito em parte, pela dominância imposta na colonização inglesa que, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (2006), desde o princípio praticou um “capitalismo-norma”, pois “impunha a normatividade do sistema mundial” (SANTOS, 2006, p. 232). A característica de imposição colonial terminou por favorecer o controle sobre a nação portuguesa a qual havia sido precursora na expansão europeia, mas que obteve problemas no momento em que o capitalismo industrial tornou-se tendência. Por consequência, pode-se dizer que a sociedade portuguesa adquiriu peculiaridades em

termos de “auto-representação”, fazendo prevalecer uma “hetero-representação que confirma sua subalternidade” (SANTOS, 2006, p. 231). Os estudos de Santos revelam um Portugal semiperiférico, uma oposição ao desejo de Orlando em sentir-se representado com importância perante o mundo. Por essa razão, Orlando não reconhece Portugal como pátria e, na periferia inglesa, enxerga-se como um cidadão cosmopolita.

Outra manifestação da influência inglesa em esferas continentais é a produção literária feita na Inglaterra, destacada no romance em estudo pelas citações de William Shakespeare, as quais Orlando Gabriel toma emprestado para seduzir as amadas, tanto em *Irene* quanto em *Myra*. Pesquisadores apontam polêmicas quanto à autoria da obra shakespeariana, no entanto, o conjunto de sua escrita tornou-se referência para as artes em nível global, tendo servido à intertextualidade até os dias atuais, principalmente no que concerne ao gênero drama. Seu último trabalho, intitulado *A tempestade* (1611), é bastante citado por Orlando nos dois romances de Maria Velho da Costa. A peça teatral possui um enredo que envolve traição e amor e fornece destaque à relação com o sistema colonial o qual se encontrava em fase inicial na Inglaterra, devido às expedições marítimas expostas no texto. Do mesmo modo como a ligação entre Próspero e seu escravo, Caliban, retrata as descrições associadas aos selvagens durante o colonialismo. No período de escrita da referida obra, a Inglaterra encontrava-se no que os historiadores denominam “o tempo de ouro”<sup>59</sup> da cultura inglesa, justamente pelo sucesso do mercantilismo e o conseqüente acúmulo de riquezas. Sendo assim, a intertextualidade com *A tempestade* representa a rememoração do discurso hegemônico inglês, presente em Orlando, visto que ele é um português atravessado pela ambivalência identitária de que trata Santos (2006). Desse modo, o personagem percebe a ideia de um Portugal “calibanizado”, mediante o desenvolvimento da Inglaterra, cuja cultura o influenciou, e coloca-se na posição do “entre-lugar” (BHABHA, 1998). A despolarização, representada pelo multiculturalismo no rapaz pardo, revela-se um traço importante, segundo o posicionamento crítico pós-colonial, pois ultrapassaria a proliferação da subalternidade que contorna o conceito de cultura, numa visão tradicional.

---

<sup>59</sup> A produção de Shakespeare aconteceu durante o reinado de Elizabeth I (1533 – 1603), cujo governo favoreceu ao desenvolvimento da indústria, das artes e da literatura.

Nesse sentido, ao reconhecer que “uma identidade também se forja e também se compra” (COSTA, 2008, p. 169), Orlando Gabriel mostra consciência sobre a influência nacionalista nos desígnios identitários, já que as identidades se constroem a partir da imagem do outro. Com isso, o rapaz pardo torna evidente o juízo de valor positivo ou negativo que recai sobre determinadas nacionalidades, a depender do posicionamento ideológico que assumiram através dos discursos históricos. Logo, a conjunção entre Myra, Orlando e Rambo compõe a tríplice aliança<sup>60</sup> do romance e simboliza a união entre grandes frentes do pensamento, que são Estados Unidos, Rússia e Inglaterra. A composição identitária, formada metaforicamente pelas três nações, escapa aos binarismos e configuraria em uma redenção humanitária, caso houvesse sobrevivido ao final da trama.

---

<sup>60</sup> Na página 91 do romance *Myra*, quando ocorre o primeiro encontro com Orlando, Myra afirma que Rambo é seu “pai, filho e espírito santo”, enunciado que remete à Santíssima Trindade, premissa do catolicismo, na qual as três pessoas distintas possuem a mesma natureza divina, ou seja, nenhuma delas exerce mais ou menos poder sobre as outras. Tal noção, quando articulada à tríplice aliança entre Rússia, Estados Unidos e Inglaterra, transmite a ideia de que a união entre as nações deveria ser algo natural, a fim de oferecer o nivelamento de pensamentos, em busca da igualdade de direitos para seus cidadãos.

### 3.4 Similaridades entre Myra, Rambo e Orlando Gabriel

A aproximação entre os personagens Myra, Rambo e Orlando Gabriel possui um caráter histórico, na medida em que simboliza a união entre as nações russa, norte-americana e inglesa, tendo por ponto de encontro o país português. Isso significa a retomada dos discursos de poder advindos dos países que ofereceram ao mundo a hegemonia do pensamento em diferentes momentos da história. No livro, as divergentes ideologias aproximam-se pelo viés identitário, justamente pelo juízo de valor ligado a cada representação nacional, tendo por ponto de partida as práticas colonizadoras.

Os portugueses foram os desbravadores das conquistas territoriais via companhias marítimas, mas vieram a sucumbir à supremacia inglesa. Segundo Santos (2006), a colonização portuguesa exercia o modelo exploratório e a inglesa o modelo desenvolvimentista, que foi uma escolha promissora em termos de manutenção e proliferação do acúmulo de riqueza e gerou uma relação social diferente entre metrópole e colônia, no caso da Inglaterra. Além disso, existia um conflito étnico entre os portugueses e os demais países europeus, em função da cor da pele morena, entre outros fatores, a qual era uma evidência da miscigenação desde o domínio mouro na região.

Em virtude de tais questões, a Inglaterra, não Portugal, se mantém como portavoza dos discursos da tradição em solo europeu ocidental, ao mesmo tempo em que mantém vínculos com os povos ex-colonizados. O processo de ambivalência das identidades possibilita a ligação do rapaz pardo com a cultura inglesa. De certa forma, ele utiliza a língua e as artes inglesas como veículo para conquistar um espaço no mundo, considerando-se a legitimidade atribuída à soberania do nacionalismo. Logo, o multiculturalismo de Orlando “costura” os elementos culturais adquiridos na soma de sua origem africana, com sua nacionalidade portuguesa e com suas experiências londrinas. Sendo assim, o país português, cuja tradição talvez não o reconheça como multicultural, serve ao romance de Maria Velho da Costa como o palco de atuação de diversas identidades. Todas tocadas pela questão migratória, a fim de ilustrar a heterogenia constitutiva do país, que demonstrou ser inerente por sua estrutura sociológica, fortalecida pela globalização.

Em se tratando de globalização, a temática traz para o enredo a influência norte-americana sobre a cultura mundial, relembrando a relação de oposição entre Estados Unidos e Rússia. A bipolarização do mundo naquele momento motivou a disseminação

de discursos de consolidação da nação americana, por motivo de a nação do Leste liderar a barreira para o capitalismo neoliberal, gerando uma mobilização dos apoiadores dos Estados Unidos em caracterizar negativamente os representantes do comunismo, taxados de “terroristas perturbadores da ordem”.

Com o desmantelar da União Soviética e a abertura dos países ex-comunistas ao capitalismo, chega ao fim a Guerra Fria, mas permanece viva a discriminação em torno dessas nacionalidades, preconizada nas dificuldades enfrentadas por Myra. A situação de ilegalidade vivida pela personagem ressalta o preconceito em relação ao estereótipo atribuído à mulher do Leste Europeu, cujo perfil exótico aos olhos ocidentais é explorado pelas organizações criminosas instaladas em Portugal. Igualmente, o desprestígio fomentado na figura do sujeito do Leste rechaça qualquer oportunidade de desenvolvimento da imigrante como cidadã. A situação coercitiva relatada deixa clara a contradição entre representação e tradução, abrangendo mais um ponto comum entre Myra, Rambo e Orlando, haja vista a carga simbólica depreciativa acarretada pela raça canina Pittbull e as tensões que o binômio essência/aparência causa, a partir da negritude e do multiculturalismo de Orlando.

A menina e o cão são os primeiros a se encontrarem, provavelmente motivados pelo desamparo e os maus tratos que sofreram nas mãos de quem os abrigava. No caso da garota, pode-se demonstrar essa condição na passagem em que ela relembra a violência sofrida na casa da Caparica: “Doíam-lhe as mãos e os braços de proteger a cabeça da última sova” (COSTA, 2008, p. 10). O trecho mostra a imposição de submissão que Myra deveria acatar, subentendendo-se o juízo de valor inferior que recaía sobre ela. Com Rambo, foi-lhe incentivada a brutalidade por seus antigos donos: “E depois, o preto falou ao cão e disse-lhe que ele era um grande cão, o melhor na praça, e o branco riu-se a lembrar o outro cão à espernear a morte, aos pontapés do dono” (COSTA, 2008, p.12). A passagem evidencia a impressão de superioridade que a raça causa diante das outras.

A oposição entre a inferioridade e a superioridade provocada pelas origens de cada personagem toca na questão da subalternidade imposta a uma nacionalidade em detrimento da outra. Sendo Rambo um cachorro dotado de qualidades como força, resistência e domínio, reconhecido como símbolo ou objeto de desejo da população norte-americana, ele denota status e poder. Ao contrário de Myra que, no imaginário

ocidental, exprime o sentimento de derrota de uma nação comunista em crise. Com isso, a expressão narrativa intervém para converter a crueldade do cão em julgamento positivo e a resiliência de Myra em motivo de repulsa. A conexão entre os dois perfis subverte a ordem de preponderância dos estereótipos tradicionais, pois, na companhia da imigrante, Rambo inicia um processo de humanização, transparecendo uma personalidade afetuosa, fiel e conciliadora, a exemplo do seguinte trecho:

Myra pousou a água em frente ao cão. Arquejando como um boi de morte ele levantou-se e deixou-a chegar-se. Bebeu, a cauda claramente grata. O rabo começava a saber sorrir. Depois, começou a lambe-lhe um dos pés nus, o artelho encardido, o sangue seco escorrido. Myra pousou-lhe a mão no grande cachaço com muita doçura e determinação. Fomos feitos um para o outro, Rambo. Manha e força, manha e força<sup>61</sup> (COSTA, 2008, p. 14).

A frase “fomos feitos um para o outro” afirma a sintonia entre os dois personagens, acomodando a visão pré-estabelecida pelos estereótipos, impensável diante dos resquícios da Guerra Fria. Juntos, eles acumulam duas características importantes na aventura de fugir: a manha e a força, ou seja, a inteligência e a rigidez são necessárias para sobreviverem à hostilidade que constata. A exposição textual dessas questões está em acordo com a proposta de Stuart Hall (2003) de que, dentro da globalização, “surge um novo tipo de localismo”, que “retorna para perturbar e transformar seus estabelecimentos culturais” (HALL, 2003, p. 59). O registro do teórico demonstra a exploração do jogo sobre os discursos de diferença. A consciência a respeito do que se espera desses personagens possibilita-lhes estratégias com a finalidade de surpreender os possíveis agressores, ao mesmo tempo em que clarificam suas especificidades de tradução identitária.

A transformação de Myra e Rambo se acentua com a entrada de Orlando na trílice aliança, visto que ele incorpora e promove ações multiculturais na trama<sup>62</sup>. Assim, as representações simbólicas nacionais, norte-americana e russa, são

---

<sup>61</sup> Citação referente à obra *Os Lusíadas* (1572), de Luis de Camões, na qual são retratadas as viagens marítimas portuguesas.

<sup>62</sup> Outro exemplo de multiculturalismo, proporcionado indiretamente pelo personagem Orlando, está no encontro entre os dois animais, o cão Rambo e a gata Brunilde, na casa Branca. O vínculo entre eles supera todos os binarismos, porque além da amizade, também cogitam efetivar o ato sexual, influenciados pela atmosfera de amor que emana do casal Orlando e Myra. Os diálogos entre eles demonstram respeito às diferenças.

entrecruzadas por elementos referentes à influência inglesa sobre a sensibilidade artística, à importância das raízes africanas na contestação de um mundo hegemônico e os traços históricos de miscigenação envolvidos na formação cultural portuguesa.

Para comprovar a dinâmica heterogênea no que concerne às identidades, Rambo aproxima-se de Orlando através da cicatriz que, no primeiro, tinha a extensão da “orelha até a comissura da grande boca” (COSTA, 2008, p. 13) e, no segundo, ia da “têmpera à comissura da boca” (COSTA, 2008, p. 91). As cicatrizes nas faces enfatizam a marca física e diferenciadora dentro do que se chama de padrão estético e, no enredo, não causam repulsa, ao contrário, enternecem Myra, que constata a semelhança entre suas duas metades: “Outro marcado como tu. O que é preciso é não ter medo da repetição, Rambô” (COSTA, 2008, p. 93). Essa passagem atesta o sentimento de conforto que o gilvaz de Orlando acarreta, dando a entender que, conhecendo Rambo, a menina já saberia o que esperar de Orlando, que é proteção.

Outra característica que aproxima os dois personagens é a cor da pele. Rambo possui pelagem mista, manchado de preto e camurça, e Orlando é chamado de pardo, porque não é preto nem branco. Sendo assim, fica difícil defini-los entre tantos matizes, uma alusão física ao que Homi Bhabha (1998) denomina de “entre-lugar”. O conceito “fornece o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). A captação de novas expressões culturais oferece um discurso contrário à tradição, no que tange à formação cultural, pois a fuga aos binarismos é mostrada como uma maneira de melhor compreender e receber o estrangeiro. Através da prática política do multiculturalismo, a identificação homogênea nacionalista cede espaço à heterogeneidade identitária. A apresentação da técnica narrativa de desconstrução da hegemonia possibilita reler os fatos decorridos por outros ângulos, abarcando a proposta de Linda Hutcheon a respeito do romance de metaficção historiográfica, pois “o passado já existiu, mas nosso conhecimento histórico a seu respeito é transmitido semioticamente” (HUTCHEON, 1991, p. 162).

O semiótico no romance está presente também no retorno de Orlando que, em *Irene*, era percebido com incompreensão, a semelhança da imigrante Myra. Isso pode

ser afirmado na comparação com o simultâneo fascínio e resguardo que Raquel, a futura namorada do rapaz no primeiro enredo, sentiu quando o conheceu:

Uma vizinha negra dizia-lhe: ‘Rico, negro, tão jovem, tão bizarro. Tão lindo e lido, e as mãos de operário, mãos de lide, como Otelo, como Caliban, o excluído, comme au théâtre. Mãos de sarro, e roupa e cão de marca. E Sagitário com Escorpião, o que pode ser cruel e volátil (COSTA, 2000, p. 170).

No enredo de 2000, as mãos de operário foram ganhas pelo trabalho que Orlando exerceu como imigrante na Inglaterra, que ressaltam a representação do selvagem dos tempos coloniais na cor da pele. No entanto, essas noções se desestabilizavam pela forma como o rapaz pardo se vestia e se comportava, as quais denotavam uma situação financeira privilegiada. O mesmo ocorreu na trama de 2008 com a personagem Myra, semelhantemente descrita no primeiro encontro com o rapaz pardo:

Myra tenta compor-se. Sacode-se. O pente não entra no basto cabelo emaranhado. Veste a *parka* suja. É uma boa *parka*, a que foi branca. Encobrirá o cheiro de ambos, suor e cão, suor e esterco, dejetos limpos com a mão e água chilra (COSTA, 2008, p. 89).

Ao enxergar Myra, Orlando percebeu a qualidade da *parka* que a menina usava, apesar de estar suja. Como num espelho, viu a si mesmo, relembrando o tempo em que foi imigrante. Se no encontro com Raquel, deixou-se evidenciar a estranheza entre a cor da pele do jovem e seus trajes, agora, em *Myra*, aparece a tensão gerada pela oposição entre a cor que foi branca e está parda, na jaqueta e na menina. A oscilação das tonalidades revela a miséria a que a garota estava submetida e, também, a mudança identitária em pleno desenvolvimento.

A percepção que Orlando tem sobre a alteração de Myra ultrapassa o teor físico, dado o método investigativo de leitura do trecho de um livro, cujo autor é reconhecido por Myra: “Isso é Shakespaeare, senhor Piotr? Bravo, eu sabia que a menina não vinha do nada (...)” (COSTA, 2008, p. 92). No decorrer do diálogo, a imigrante tenta criar uma narrativa que justifique sua estada ali, a beira da estrada, mas é interrompida por Orlando, o qual menciona: “Chega, disse o rapaz pardo. Chega, Kate. Não estás em condições de trabalhar no teu conto” (COSTA, 2008, p. 93). O enunciado pode ser considerado um indício de que Orlando respeita a condição de Myra, preferindo que ela

não fale a ter que contar mentiras, diferentemente do modo como ele agia, quando estava na Inglaterra: “(...) sempre na qualidade de servente, sempre heterônimo, José, Antero, António, Alfredo, Mário. Mudou de estatura e constituição, mudou de nomes, mudou de mãos (...)” (COSTA, 2000, p. 111).

As passagens intensificam o fator migração como preponderante para que Orlando recebesse Myra e Rambo com hospitalidade e sem desconfianças. Anne Dufourmantelle (2003, p. 31-35), em análise referente à entrevista com o filósofo franco-argelino Jacques Derrida, menciona que é comum o desconhecido causar angústia, estabelecendo-se como tentativa de proteção daquilo que não se domina. Mas quando está aflorado o sentimento de alteridade, o espanto inicial cede lugar à hospitalidade, cujo conceito é definido por Derrida (2003) como o direito ao abrigo que o estrangeiro tem de receber, enquanto ser político. Entretanto, o autor explica que, na prática, existe a tendência em se exigir referências do indivíduo em deslocamento e tentativas de inseri-lo na cultura do novo país, como se essa inserção fosse um processo linear, o que causa transtornos:

A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com a língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? (DERRIDA, 2003, p.15).

A avaliação de Derrida questiona o acolhimento oferecido ao estrangeiro, dividindo, assim, a hospitalidade em duas vertentes, a de direito e a absoluta. A primeira relaciona-se às obrigações exigidas na forma da lei e, a segunda, envolve a alteridade de modo significativo, pois ultrapassa as formalidades, ofertando, de fato, a liberdade ao outro que chega, de acordo com suas palavras:

A lei da hospitalidade, a lei formal, que governa o conceito geral de hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal, perversível e perversedora. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” da hospitalidade. Em outros termos, a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que eu o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que

ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome (DERRIDA, 2003, p. 24-25).

Por conseguinte, a atitude de Orlando é transgressora diante do tratamento que deu à Myra e ao Rambo, visto que não lhe interessou a narrativa inventada pela garota para justificar sua presença. Para ele, a motivação em ajudá-los surgiu imediatamente ao encontrá-los, em conformidade com a teoria da hospitalidade absoluta derridiana. A hospitalidade absoluta rompe com todas as regras da hospitalidade tradicional, pois oferece acolhida sem condições ao indivíduo que chega:

Digamos sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, quer o que chega seja ou não cidadão de um outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou um morto, masculino ou feminino (DERRIDA, p. 69).

A abertura de Orlando aos visitantes fica bastante evidente quando ele afirma conhecer “a língua materna por debaixo da outra” (COSTA, 2008, p. 91), reconhecendo a nacionalidade russa de Myra, sem que ele tenha mencionado. A atitude dele caracteriza o altruísmo, justificado na sua condição multicultural, porque “os exilados, os deportados, os apátridas, os nômades anômicos, os estrangeiros absolutos continuam muitas vezes a reconhecer a língua, a língua dita materna, como sua última pátria, mesmo a sua última morada” (DERRIDA, p. 79). Portanto, seguindo a premissa derridiana, afirma-se que Orlando também é um estrangeiro dentro dos paradigmas nacionalistas tradicionais. Por conta disso, coloca-se no lugar de Myra e Rambo sem ressalvas.

O ambiente de generosidade da casa de Orlando mostrou-se diferente do ocorrido nos outros espaços onde Myra circulou. Na casa de Mafalda e no bar da estrada, por exemplo, ela foi interrogada, configurando o que Derrida chama de hospitalidade de direito, haja vista a tentativa de se obter referências da menina, as quais comprovassem que ela não oferecia perigo. Sobre a necessidade de garantias exigida do estrangeiro, o filósofo comenta que o desenvolvimento tecnológico e o enfraquecimento do Estado nos paradigmas nacionalistas tradicionais, ao mesmo tempo em que promove novos lugares para a hospitalidade, também suscita o desejo de controle, a fim de evitar

a criminalidade, entre outros aspectos. Por tal razão, ele distingue o parasita do hóspede, classificando o parasita como o hóspede “indesejado, abusivo e ilegítimo”. O verdadeiro hóspede é o indivíduo que se beneficia do direito à hospitalidade, apesar do paradoxo oferecido pelas configurações contemporâneas:

Mas o desenvolvimento atual das técnicas reestrutura o espaço de tal maneira que aquilo que constitui um espaço de propriedade controlada e circunscrito fica ele próprio aberto à intrusão. Isso, dizendo mais uma vez, não é absolutamente novo: para construir o espaço de uma casa habitável e um lar, é preciso também uma abertura, uma porta e janelas, é preciso dar passagem ao estrangeiro (DERRIDA, 2003, p. 55).

As janelas e as portas do lar de Orlando estiveram sempre abertas para Myra e o cão Rambo, mas fora desse espaço, Myra volta a deparar-se com o estigma de ser estrangeira. Contudo, a tentativa de conciliação entre as nações e a evidência do multiculturalismo, enquanto qualidade para harmonizar os diversos elementos culturais, termina com um tom pessimista, mas também dúbio. Isso se deve a duas interpretações preponderantes em relação ao assassinato de Orlando e ao suicídio de Myra e Rambo. A primeira delas consiste na avaliação heroica das mortes como uma “esperança contra a subjugação hegemônica predatória” (FLOQUET, 2010, p. 90), sobretudo o suicídio, o qual pode ser analisado como libertação da situação opressora que a volta de Myra ao prostíbulo representa.

Ao contrário da perspectiva redentora, a morte de Orlando<sup>63</sup> converte-se no crucial golpe de infortúnio na tentativa de estabelecimento de Myra como cidadã em Portugal, o que ela deixa claro na última página do romance: “Como se os novos-ricos não tivessem direitos. Mas ela não tinha”. Sobre isso, Julia Kristeva (1994, p. 102-103) menciona que o estrangeiro é uma cicatriz entre o homem e o cidadão, pois talvez não seja possível que ele exerça suas qualidades de homem se não possuir os mesmos direitos que outros homens protegidos por leis engendradas pelas nações, sejam elas mais ou menos democráticas. Além disso, a autora afirma que o homem cosmopolita oferece uma espécie de afronta à soberania nacional, trazendo à tona a ideia de que

---

<sup>63</sup> Não fica claro ao leitor se a morte de Orlando foi um incidente premeditado, já que os assassinos o reconhecem como o autor da morte de Emílio em *Irene*, ou se decorreu de uma coincidência infeliz, visto que os meliantes perceberam a valorização de Myra e Rambo como “mercadorias superiores” ao automóvel pertencente ao rapaz e, nesse caso, eliminar Orlando significaria anular qualquer possibilidade de recuperação do bem roubado.

“aquele que não adota a sua pátria, não é um bom cidadão” (KRSITEVA, 1994, p. 151), estando em conformidade com a denúncia fornecida pela Teoria Crítica Pós-colonial, no que concerne ao julgamento negativo prestado ao imigrante fora do espaço nacional de origem.

Nesse sentido, tanto Myra quanto Orlando oferecem resistência ao que se entende por nacionalidade, justamente por ela não ser cidadã portuguesa e ele se reconhecer como cidadão do mundo. As representações e as traduções dos personagens citados vão ao encontro da alegação de Kristeva (1994), no momento em que a filósofa propõe dois caminhos para as organizações nacionais, em decorrência do grande contingente de migrações em âmbito mundial:

No estado atual de miscigenação sem precedentes de estrangeiros no globo, delineiam-se duas situações extremas. Ou vamos em direção ao que se pode chamar de Estados Unidos mundiais, constituído de todos os ex-Estados-nações, significando um processo considerável a longo prazo e que o desenvolvimento econômico, científico e da comunicação deixa supor; ou, então, o cosmopolitismo humanista revela-se uma utopia e as aspirações particularistas impõem a convicção de que os pequenos conjuntos políticos são as estruturas mais favoráveis para a sobrevivência da humanidade (KRISTEVA, 1994, p. 103).

Na primeira hipótese, as questões de nacionalidade seriam eliminadas, supondo-se a incorporação de elementos culturais de todas as ordens. Na segunda, seria exigida a criação de estatutos de proteção dos direitos de cidadão aos imigrantes, como sublinha Kristeva, buscando minimizar as condições sub-humanas as quais esses indivíduos são submetidos. Por isso, a outra interpretação sobre as mortes no final do romance aponta para o fracasso das tendências libertárias em torno da cultura. Com a morte de Orlando, Myra vê-se novamente abandonada. Relembra o horror da miséria e da impossibilidade de afeto adquiridos na separação da “avó-pátria” ou da “avó-mãe” (COSTA, 2008, p. 220), evocando a fala de Ernest Kleber: “*os suicidas são sempre assassinados*” (COSTA, 2008, p. 220), numa tentativa de tornar evidente que sua atitude teve motivação externa.

Os pontos determinantes para a decisão de Myra interromper sua vida incluem a separação brusca da avó-pátria e a falta de identificação com a nova pátria, a nova rica, a Rússia capitalista. A combinação desses fatores provocou tensões culturais no contato com o universo português opressor. O ápice da falta de esperança da garota inicia com a

perda de Orlando, o qual significava o afeto recuperado desde a perda da avó, deixada na Rússia. Por fim, a consciência do dano causado pela iminente prostituição forçada e pelo afastamento próximo de Rambo forçam a imigrante ao suicídio.

De todo modo, apesar da “falência” da tríplice aliança entre Myra, Rambo e Orlando deixar transparecer o discurso do pessimismo em relação à formação de Estados multiculturais, aponta-se que a obra literária mostra o apelo para que se “olhe, mire e veja” (COSTA, 2008, p. 214) a situação dos sujeitos diaspóricos na atualidade, procurando subverter a imagem do senso comum europeu, criada a partir dos vencedores. Tal ideia corrobora com a característica mais obstinada do romance pós-moderno, segundo Linda Hutcheon (1991), veiculada à seguinte questão: “saber de quem é a história que sobrevive” (HUTCHEON, 1991, p. 159). No caso do romance de Maria Velho da Costa, a realidade ainda é fator decisivo para o declínio dos personagens protagonistas, no entanto, suas palavras recontam os fatos históricos que levaram a humanidade para o caminho arbitrário do nacionalismo. Em consequência, percebe-se o texto literário como um alerta para a tradução das experiências que delineiam as ações dos sujeitos.

## Considerações finais

O exercício de leitura e análise do romance *Myra* leva à constatação de que seu texto desconstrói e reconstrói o panorama histórico, buscando divulgar um espaço enunciativo para a cultura, de acordo com a proposta de Homi Bhabha (1998). Nesse espaço, nota-se o deslocamento das noções fixas de identidade, que escapam aos binarismos e expõem todas as nuances as quais os seres humanos são acometidos. As experiências de trocas culturais interferem na composição das identidades dos sujeitos, indo muito além do local de nascimento. Isso fica mais evidente na contemporaneidade, época na qual os Estados-Nação, antes solidificados pelas narrativas míticas nacionalistas, agora, apresentam linhas divisórias menos visíveis, haja vista as práticas capitalistas de livre mercado. O posicionamento econômico liberal permitiu maior acesso ao consumo em diversos setores e à informação tecnológica. Ambos proporcionaram influências sobre a cultura, dando origem ao paradoxo da globalização, conforme menciona Stuart Hall (2006). Assim, observa-se o surgimento de comunidades que buscam reconhecimento, ao mesmo tempo em que parece haver uma massificação niveladora, denotando a ideia ilusória de iguais oportunidades para todos.

Todavia, em diversos momentos, têm-se notícias dos conflitos gerados por essa política, verificados no romance em estudo, através do impacto causado pelas ideologias dominantes, que ainda se fazem presentes no sistema global. Em vista disso, considera-se que Myra encontra-se no turbilhão de uma crise identitária, iniciada antes mesmo da separação da terra natal, visto que o apego ao nacionalismo sucumbiu na dissolução da socialista União Soviética, impossibilitando a identificação com a nova pátria, a Rússia capitalista. A falta de entrega à nova Rússia é reiterada pela tentativa de regresso ao estado anterior ao afastamento que acomete o deslocado, conforme menciona Said (2003). Tal sentimento inicia a traumática relação em que a antiga pátria, metaforizada na figura da avó da garota, passa a ser o seu objeto do desejo interrompido, culminando na melancolia freudiana.

O fechamento de Myra para a recente condição foi intensificado pela penúria e pelo tolhimento da liberdade na estada em Portugal, mostrando que a globalização termina por conduzir à desigualdade intensa, disfarçada de equivalência. Desigualdade esta que ultrapassa a questão financeira, sendo marcada também na aparência de imigrante oriental, a qual desperta curiosidade, espanto, desprezo ou hospitalidade, a

dependem do tipo de contato estabelecido entre sujeitos que se comportam de maneiras distintas. A situação imposta economicamente e socialmente à imigrante abre precedente para a discussão sobre sua condição de exilada ou de refugiada no contexto contemporâneo, porque, apesar do desejo de retorno, ela não encontra os subsídios necessários para regressar à Rússia, tanto financeiramente, quanto psicologicamente. Além disso, não alcança os direitos de cidadã na atual nação, tornando-se um ser à deriva socialmente, sem atingir melhores condições de vida e permanecendo à margem em Portugal.

Dessa forma, as dificuldades encontradas em território luso, a exemplo da tentativa de imposição da escravidão sexual, Myra percorre um caminho sinuoso, primeiramente subjugando-se à vontade de Mafalda Ivens, na busca por ser “uma portuguesa exemplar”. A atitude da pintora em relação à imigrante desenha a tentativa de apagamento cultural que o Ocidente impõe ao Oriente, obedecendo aos critérios de superioridade étnica e homogeneidade, típicos da tradição nacionalista. A composição de Mafalda, leva à imagem tradicional portuguesa que, mesmo estando imersa na “manta de retalhos” que é a cultura desse país, faz valer o desejo de dominação, demonstrado na superioridade com que trata seus subordinados.

Myra, apesar de dar-se conta do jogo de simulações em que atua, somente coloca um fim em sua história na Casa Grande, quando constata o perigo de morte de Rambo, fato que incita a sua fuga. Entre a saída da casa de Mafalda e a chegada na casa de Orlando, novos episódios de abandono e repressão por pouco não encurralam a garota, que só escapa à dominação por conta da noção que apresenta a respeito da pluralidade cultural do povo português. A experiência multicultural possibilita a criação de disfarces que se misturam a sua própria história, culminando no processo de consciência do entrelaçamento de elementos constituintes da cultura.

Pode-se dizer que o multiculturalismo de fato se desvela para Myra no encontro com Orlando Gabriel, pois as expectativas quanto aos estereótipos são desmembradas. O rapaz e o ambiente no qual vive com seus empregados estão inseridos no que se pode chamar de entre-lugar cultural, de acordo com a teoria de Homi Bhabha (1998). A residência de Orlando e sua maneira de conduzir a jovem russa no caminho da intelectualidade, através das artes e do incentivo à troca cultural explícita podem ser o

indício de uma alternativa para a implementação da educação global, que estaria subvertendo os discursos de superioridade atrelados ao nacionalismo.

O contraste entre as casas do romance vai ao encontro da afirmação de Santos (2006) no que concerne ao posicionamento de fronteira de Portugal, em relação aos demais países europeus. A particularidade de não poder ser definido em apenas dois polos salienta a coexistência da visão totalizante da tradição e a específica do multiculturalismo no país. A diferença está nas lentes que Orlando, através da Casa Branca, utiliza para captar o mundo, não se fixando em normas ou doutrinas, nem deixando escapar qualquer influência cultural que chega a ele. Por essas razões, constata-se que o romance não permite a afirmação de uma identidade legitimamente portuguesa, pois todos os personagens são atravessados, de uma forma ou de outra, por intervenções culturais que os transformam. O que permanece, na realidade, é o discurso de supremacia da tradição, embora seja questionado pelas estratégias narrativas. Mesmo assim, o multiculturalismo predominante no texto de Maria Velho da Costa aspira à integração cultural, na qual elementos como raça e nacionalidade são transpostos pela associação entre hábitos e manifestações artísticas, advindos de diversos territórios.

A partir de tais premissas, *Myra* permite a articulação com a teoria de Linda Hutcheon (1998), em virtude da releitura da história proposta no texto literário. A trama, além de proporcionar novas visões sobre os fatos que se aglutinaram entre a colonização e o fim da Guerra Fria, possibilita a percepção de propostas para a modificação política, no que tange aos conceitos de cultura. Com isso, nota-se a correspondência metafórica entre a construção dos personagens Myra, Rambo e Orlando e a convergência entre as nações russa, norte-americana e inglesa. Em afinidade com o intertexto católico, a tríplice aliança não deveria impor níveis de importância perpetuadores de preconceito e desigualdades. Até porque os personagens, sendo permeados por tantas ligações culturais, não possibilitam a afirmação de uma identidade pura.

Dessa forma, mais uma vez entende-se o apelo à heterogenia identitária, tendo por fio condutor o país português, que visivelmente apresenta características multiculturais, mas, segundo Santos (2006), é notável a dificuldade em se praticar tal tendência. Esse posicionamento acarreta nos conflitos que resultam nas mortes dos personagens protagonistas do romance. Os discursos de exclusão ilustram a sólida estrutura formada desde o período colonial, portanto, tem-se a impressão de que o

romance *Myra* é o instrumento subversor da política nacionalista. O livro chama a atenção para a urgência de reconhecimento dos imigrantes como cidadãos em amplas instâncias, nas quais a liberdade de expressão e de ação sejam elementos realmente aceitos sem fronteiras.

Por fim, *Myra* trata-se de um romance de metaficção historiográfica, em que as situações e os discursos suscitam questionamentos sobre a dominância cultural da Europa Ocidental. O enredo levanta problemas diante das configurações sociais atuais e aponta possíveis “soluções”, a fim de serem ultrapassadas as barreiras para o multicultural, como no caso da aproximação entre as nações norte-americana, russa e inglesa. Mas apresenta um tom pessimista, diante dos problemas enfrentados para se lidar com a complexidade que envolve o coletivo e o individual nas instâncias culturais. Nesse ínterim, Portugal é a representação dos espaços onde a diversidade se encontra, mas, como na realidade, o multiculturalismo ainda sucumbe através das pressões relacionadas à subalternidade e à hegemonia das nações.

## Referências

ÀRIES, Philippe; DUBY, Georges (org). *História da vida privada*. Vol. V. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ADESTRADOR ONLINE. *Qual a origem do Pitbull?* Disponível em: <<http://forum.adestradoronline.com/showthread.php?560-QUAL-A-ORIGEM-DO-PIT-BULL>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

AGOSTINIANOS. Disponível em: < <http://www.agostinianos.org.br/visualizacao-de-cursos/pt-br/ler/49/11-escritor-e-santo>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

ALÔ ESCOLA. *Gilberto Freyre e o livro Casa Grande e Senzala*. Disponível em: <<http://cmais.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/casagrande/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

ANDRADE, Regina Glória Nunes. *As fronteiras da identidade cultural e da violência*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1550-1.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

ARAÚJO, Pedro Zambarda de. *RAMBO: um símbolo americano único*. Revista Anagrama: revista científica interdisciplinar de graduação. Ano 3. Edição 3. São Paulo. Disponível em:<[http://www.usp.br/anagrama/Araujo\\_Rambo.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Araujo_Rambo.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama. Revisão técnica: Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BHABHA, Homi. Introdução: locais da cultura. O compromisso com a teoria. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 19-69.

BÍBLIA EM PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://bibliaportugues.com/john/3-8.htm>>. Acesso em 29 jul. 2015.

BRASIL ESCOLA. *A história da Rainha Elisabeth*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/elizabeth.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

BRASIL ESCOLA. Estados Unidos e a migração. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/o-numero-imigrantes-nos-estadosunidos.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

CATOLICISMO ROMANO. *A Santíssima Trindade – explicação*. Disponível em: <<http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/113/41/>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

CINEPLAYERS. *O perfil de Adrei Tarkovsky*. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/perfil/andrei-tarkovsky/11858>>. Acesso em 21 nov. 2015.

COELHO, J. *Os mouros na península ibérica*. Recanto das Letras (2015). Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/5451864>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

COHEN, Michael. *O sonho americano virou um sonho*. In: Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-sonho-americano-virou-um-sonho-5575.html>>. Acesso em: 10 Nov. 2015.

COIMBRA, Fernando. *Irene ou o romance que vem de ontem* [crítica a *Irene ou O Contrato Social*, de Maria Velho da Costa]. In: *Revista Colóquio/Letras*. Portugal, n.º 157/158, p. 368-375, jul. 2000.

COSTA, Maria Velho da. *Irene ou o contrato social*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

COSTA, Maria Velho da. *Myra*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Jacques Derrida [entrevistado]; Tradução: Antonio Romane. Revisão técnica: Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Maria José. *Maria Velho da Costa: uma escrita que se faz “barragem contra a voz passiva”*. Disponível em: < <http://web.lettras.up.pt/porprisao/Maria%20Jos%C3%A9%20Dias.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2014.

DIAS, Maria José. *Maria Velho da Costa: Uma poética de au(c)toria*. Tese (Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas). Universidade do Porto, 2013. Disponível em: < [sigarra.up.pt/flup/pt/publs\\_pesquisa.show\\_publ\\_file?pct\\_gdoc\\_id...](http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id...)>. Acesso em: 22 dez. 2014.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Significado do nome Orlando*. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/orlando/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Significado do nome Gabriel*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/gabriel/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS *ON-LINE*. A simbologia da cor branca. Disponível em: < <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/branco/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

FC NOTÍCIAS. *Qual a mistura do PitBull?* Disponível em: <<http://www.fcnoticias.com.br/qual-a-mistura-do-pit-bull/>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FLOQUET, Daniel Damasceno. *A pulverização das dicotomias em “Myra”, de Maria Velho da Costa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários Culturais e Interartes). Universidade do Porto, 2010. Disponível em: < <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55482>>. Acesso em: 18 set. 2014.

FORNOS, José Luís Giovanoni. *Contribuições da crítica pós-colonial aos estudos da literatura comparada*. In: Revista Língua & Literatura, Frederico Westphalen, v.13, n.20, p. 13-35, ago. 2011.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira de obras as obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972. vol. XIV, p. 141-152.

FREUD, Sigmund. O “estranho”. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira de obras as obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. vol. XVII, p. 136-159.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sokiv. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica de Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

INFOESCOLA. *Biografia de Arthur Rimbaud*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/arthur-rimbaud/>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

INFOESCOLA. *Biografia de Sergei Eisennstein*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/sergei-eisenstein/>. Acesso em: 21 nov. 2015.

INFOESCOLA. *Biografia de Willian Shakespeare*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/>. Acesso em: 07 jan. 2016.

JORGE, Lídia. *A manta do soldado*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, S. *Quem foi o primeiro “doutor da mula ruça”?* Disponível em: <<http://linguamodadoisec.blogspot.com.br/2012/11/quem-foi-o-primeiro-doutor-da-mula-ruca.html>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

LETRAS, Academia brasileira de. *Dicionário escolar de língua portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Companhia Nacional, 2008.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MACEDO, Helder. Sociedade pós-moderna, globalização e europeização do mundo português. In: SANTOS, Pedro Brum (org). *Literatura Portuguesa e pós-colonialismo: produção, recepção e cultura*. Revista Letras, Santa Maria, n.23, p. 11-16, jul a dez. 1991.

MATEUS, Augusto. *Três décadas de Portugal Europeu: balanços e perspectivas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015.

MEDEIROS, Felipe Garcia de. *A criação verbal de Rimbaud: a palavra selvagem*. Revista Parâmetro. Fevereiro de 2011. Disponível em: <<https://revistaparametro.wordpress.com/2011/02/24/a-criacao-verbal-de-rimbaud-a-palavra-selvagem/>>. Acesso em: 06 jan.2016.

MONFARDINI, Adriana. *Construções identitárias em “Maina Mendes” de Maria Velho da Costa*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2006. Disponível em: < [coralx.ufsm.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=154](http://coralx.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=154) >. Acesso em 23 dez. 2014.

PEREIRA, Luís Brites. *Portugal e a globalização: um destino histórico?* Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/files/153/6776138.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

PERIPÉCIAS PSICOLÓGICAS. *Informações sobre o filme “E o vento levou”*. Disponível em: < <http://www.peripeciaspsicologicas.com.br/2012/01/e-o-vento-levou-o-melhor-filme-de-todos.html>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

PERRAULT, Charles. *A princesa pele de burro*. Disponível em: <<http://iscte.pt/~fgvs/peledeburro.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

SAADEH, Cyro; EGUCHI, Mônica Mayumi. *Convenção relativa ao estatuto dos refugiados/Protocolo sobre o estatuto dos refugiados*. Disponível em:< <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado12.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira Dos. "Utopia"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/utopia.htm>>. Acesso em 19 set. 2016.

SERRA, João B. *Portugal Moderno, 1910-1940*. Coordenador Paulo Henriques. Catálogo exposição Portugal-Frankfurt. Disponível em: <<http://cidadeimaginaria.org/bib/Portugal10-40.pdf>>. Acesso em 27 jan. 2016.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. *In*: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 113-133.

TERRAS DE PORTUGAL. *Informações sobre a cidade da Caparica*. Disponível em: <<http://terrasdeportugal.wikidot.com/costa-da-caparica>>. Acesso em: 23 jul 2015.

TRANSPORTES LISBOA. Disponível em:<<http://metro.transporteslisboa.pt/formacao/planear-a-viagem/diagrama-e-mapa-de-rede/chelas/>>. Acesso em: 24 jul. 2015.